



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

LARISSA MARINE TERDULINO SILVA

**‘PRONTO, PROFESSORA, DEMOREMO, MAS CHEGUEMO’: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO MORFOFONOLÓGICA EM
VERBOS DA 1ª E 2ª CONJUGAÇÕES NA FALA DE TEFÉ-AMAZONAS**

MANAUS-AM

2023

LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA

**‘PRONTO, PROFESSORA, DEMOREMO, MAS CHEGUEMO’: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO MORFOFONOLÓGICA EM
VERBOS DA 1ª E 2ª CONJUGAÇÕES NA FALA DE TEFÉ-AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração em Teorias e Análises Linguísticas.

Orientadora: Profa. Dra. Grace dos Anjos F. Bandeira

MANAUS-AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586p Silva, Larissa Marine Terdulino da
'Pronto, professora, demoremo, mas cheguemo': um estudo sociolinguístico sobre a variação morfofonológica em verbos da 1ª e 2ª conjugações na fala de Tefé-Amazonas / Larissa Marine Terdulino da Silva . 2023
138 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Grace dos Anjos F. Bandeira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociolinguística. 2. Variação Morfofonológica. 3. 1ª e 2ª conjugação. 4. Fala Tefeense. I. Bandeira, Grace dos Anjos F.. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA

**‘PRONTO, PROFESSORA, DEMOREMO, MAS CHEGUEMO’: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO MORFOFONOLÓGICA EM
VERBOS DA 1ª E 2ª CONJUGAÇÕES NA FALA DE TEFÉ-AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração em Teorias e Análises Linguísticas.

Aprovada em 15/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira (UFAM) – Presidente

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM) - Membro

Profa. Dr. Raynice Geraldine Pereira da Silva - Membro

Dedico este trabalho a Marcos Vinícius Terdulino Viana, Rita Mouzinho Terdulino da Silva, Élica Cristina Mouzinho Terdulino da Silva e Evandro Amaro de Souza Júnior.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta jornada acadêmica, é impossível não reconhecer e expressar minha profunda gratidão àqueles que estiveram ao meu lado, oferecendo apoio incondicional e amor constante. Em primeiro lugar a Deus, pela benção de mais uma conquista em minha vida.

Eterno agradecimento ao meu amado marido Evandro Amaro. Sua paciência, incentivo e compreensão foram pilares fundamentais para que eu pudesse concentrar-me nos estudos e superar os desafios que surgiram durante este percurso. Sua presença constante trouxe conforto nos momentos difíceis e alegria nos momentos de celebração. Obrigada por ser meu parceiro nesta jornada e por acreditar em mim quando eu, por vezes, duvidava de mim mesma.

À minha querida mãe Rita, fonte inesgotável de fé, amor e sabedoria, expresso minha profunda gratidão. Seu apoio incondicional e encorajamento foram bússolas que me guiaram, mesmo nos momentos mais desafiadores. Sua fé inigualável e exemplo moldaram não apenas meu caráter, mas também minha determinação em buscar o conhecimento, excelência e independência.

Ao meu amado filho Marcos Vinicius, você foi e sempre será minha motivação diária. Sua simplicidade, seu carisma, paciência e sua compreensão diante da minha intranquilidade durante longas horas de estudo demonstra uma maturidade que me enche de orgulho. A dedicação a este projeto não seria a mesma sem sua presença em minha vida. Obrigada por ser um raio de luz constante que sempre guiará meu caminho.

À minha irmã Élide, cujo apoio e incentivo foram inestimáveis, agradeço pelas palavras de incentivo e pelo orgulho dedicado a mim. Sua presença, conselhos e alegria compartilhada tornaram essa jornada mais leve e significativa. Ter uma irmã como você é um privilégio que enriquece cada fase da minha vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Grace dos Anjos, que desempenhou um papel fundamental pelo sucesso de meu trabalho. Esta jornada não seria a mesma sem sua orientação dedicada e apoio constante quando por vezes achei que não conseguiria concluir. És, sem dúvida, uma fonte de inspiração para mim tanto como profissional dedicada, quanto por ser este ser humano incrível.

Em suma, este trabalho não seria completo sem expressar minha profunda gratidão a essas pessoas extraordinárias. O amor, apoio e compreensão de vocês foram a força motriz por trás de cada palavra escrita e cada conquista alcançada. Este é um marco não apenas na minha vida acadêmica, mas também em nossa jornada como uma família unida. Obrigada por fazerem parte deste capítulo fundamental da minha história.

RESUMO

Esta é uma pesquisa de cunho variacionista e teve como objetivo mapear e descrever quantitativamente o uso do fenômeno linguístico da variação morfofonológica na P4, ocorrida em verbos regulares da 1ª e 2ª conjugação, nos tempos presente e pretérito perfeito, em formas canônicas, como *chegamos* e *nascemos* e suas variantes não canônicas *cheguemo* e *nascimo*. Trata-se de uma pesquisa sincrônica no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança linguística (cf, LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). A amostra é constituída por 12 entrevistas realizadas no período de 02 a 22 de maio na cidade de Tefé-Amazonas, de onde foi extraído o vernáculo dos informantes. Dos entrevistados, seis são homens e seis são mulheres, os quais são estratificados em três faixas etárias (de 9 a 21 anos; de 22 a 49 anos e acima de 50), com escolaridade Ensino Fundamental e Médio. Os fatores linguísticos trabalhados foram “tempo verbal”, “item lexical”, “apagamento ou não do -s no SNP” e “formas de preenchimento do sujeito”. A análise dos dados foi feita com base em percentuais e frequência, i.e, o conjunto de dados não foi submetido a um programa estatístico. Os resultados indicam que as formas não canônicas em [e-mo] e [i-mo] são realizadas com maior frequência na fala feminina, e entre os mais velhos e menos escolarizados. Da análise dos fatores linguísticos, as formas não canônicas fazem referência, na sua totalidade, ao contexto do pretérito perfeito do indicativo tanto em verbos da primeira quanto da segunda conjugação. Quanto aos itens lexicais, as variantes dos verbos *chegar*, *ficar*, *passar*, *casar*, *começar* e *pescar*, da primeira conjugação, foram as mais produtivas na fala dos informantes, e da segunda foram as variantes dos verbos *nascer* e *viver*. O apagamento do *s*, relativamente à desinência *-mos*, poderá estar atrelado ao uso das formas não canônicas, e o sujeito das narrativas é preenchido pelo pronome *nós* na maioria dos casos.

Palavras-chave: Sociolinguística, Variação Morfofonológica, 1ª e 2ª conjugação, Fala Tefeense.

ABSTRACT

This research aims to map and quantitatively describe the use of the linguistic phenomenon of morphophonological variation in P4, which occurs in regular verbs of the 1st and 2nd conjugation, in the present and past perfect tenses, in canonical forms such as *chegamos* and *nascemos* and their non-canonical varieties *cheguemo* and *nascimo*. This is a synchronic study within the framework of the Theory of Linguistic Variation (see LABOV, 2008 [1972], 1982, 1994; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). The sample consists of 12 typically Labovian interviews carried out between May 2nd and 22nd in the city of *Tefé-Amazonas*, from which the vernacular of the informants was extracted, i.e., we tried to ensure minimal speech monitoring during the one-to-one interviews. The interviews that make up our corpus include 6 men and 6 women, divided into three age groups (9 to 21 years old; 22 to 49 years old and 49 and over), with primary and secondary schooling. The linguistic factors worked on were "verb tense", "lexical item", "deletion or not of -s in the PNE", meaning personal number-ending, which is regarding to singular and plural forms, and "ways of filling in the subject". Data analysis was based on percentages and frequency, i.e., the data set was not submitted to a statistical program. The results indicate that the non-canonical forms (-emo) and (-imos) are frequently used by female informants, older informants, and those with less schooling. The analysis of linguistic factors shows that the non-canonical forms refer in their majority to the context of the past perfect in the indicative form both first and second conjugation verbs. The most common lexical items are the varieties of the verbs *chegar*, *ficar*, *passar*, *casar*, *começar* and *pescar*, from the first conjugation, while the second conjugation includes the varieties of the items *nascer* and *viver*. The deletion of -s in the SNP determines the use of non-canonical forms and the subject of narratives is most often filled with the pronoun *nós*.

Keywords: Sociolinguistics, Morphophonological Variation, 1st and 2nd conjugation, Tefe speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Tefé – AM.	64
Figura 3 - Ferry Boat Rainha Esther.	65
Figura 4 - Lancha de transporte Fluvial expresso.	66
Figura 5 - Transporte aéreo/Avião Embraer 195 - ATR 72-600.	66
Figura 6 – Comunidade das Missões em Tefé/AM.	70
Figura 7 - Mapa da cidade de Tefé/AM.	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de ocorrências e porcentagens de dados no corpus em relação à 1ª e a 2ª conjugação.....	84
Gráfico 2 - Número de ocorrências do objeto de estudo de acordo com a 1ª e a 2ª conjugações.....	86
Gráfico 3 - Distribuição das formas não canônicas {a-mo} e canônica {e-mo} na variável sexo em verbos da 1ª conjugação.....	88
Gráfico 4 - Distribuição das formas não canônicas {a-mo} e não canônica {e-mo} na variável escolaridade nos verbos de 1ª conjugação.....	90
Gráfico 5 - Distribuição das formas canônicas {a-mo} e não canônicas {e-mo) na variável faixa-etária.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição geográfica da centralização.....	32
Quadro 2 - Estratificação Social dos Informantes.....	76
Quadro 3 - Legenda dos informantes – município de Tefé/AM.	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fatores linguísticos e extralinguísticos, Pereira (2021).....	59
Tabela 2 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno /e/, /a/ de acordo com as variáveis sociais sexo, escolaridade, faixa etária.	87
Tabela 3 - Ocorrências da 1ª conjugação.....	94
Tabela 4 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno “item lexical”, de acordo com a variável linguísticas “item lexical”.	96
Tabela 5 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno /e/, /e/ de acordo com a variável linguística “formas de realização do pronome”	98
Tabela 6 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno /e/, /e/ de acordo com a variável linguística “apagamento ou não do s”	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C.	Antes de Cristo
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALERS	Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
AM	Amazonas
ATR	Avions de Transport Régional
BASA	Banco da Amazônia S.A
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
Cf.	Confira
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas
DNP	Desinências Número-Pessoal
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GB	Gigabyte
GELAM	Grupo de Estudos do Amazonas
Hab.	Habitantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFAM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
JR.	Júnior
Kg.	Quilograma
N/M	Navio Motor
Nº.	Número
P4.	Primeira Pessoa do Plural
P6.	Terceira Pessoa do Plural
PAIC	Apoio à Iniciação Científica
PN	Pessoa Número
Pret. Perf. Ind.	Pretérito Perfeito do Indicativo
SC	Santa Catarina
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE
TMA	Tempo-Modo-Aspecto
TVM	Teoria da Variação e da Mudança
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
V.S.	Versus
VARLINFE	Variação Linguística de Fala Eslava
VARSUL	Variação Linguística da Região Sul do Brasil
Z-4	Zona limitada pelo serviço de caça e pesca

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 Breve Percurso dos Estudos Linguísticos.....	20
1.2 A Sociolinguística.....	25
1.2.1 Objeto e interesse da Sociolinguística.....	27
1.2.2 Trabalhos de William Labov e suas contribuições.....	29
1.2.3 Os grupos de fatores externos na Sociolinguística.....	37
1.2.4 Fator social - sexo/gênero	38
1.2.5 Fator social - escolaridade.....	39
1.2.6 Fator social - faixa etária.....	40
1.3 Conceitos de variação, variantes e variáveis.....	41
1.4 Descrição morfológica dos verbos no Português Brasileiro.....	48
1.5 A variação morfofonológica na P4 em verbos regulares da 1ª e 2ª conjugações no Presente e no Pretérito Perfeito	52
CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	63
2.1 Caracterização do local de coleta.....	64
2.1.1 Aspectos geográficos.....	65
2.1.2 Aspectos históricos.....	69
2.2 O <i>corpus</i> da pesquisa	71
2.2.1 Seleção dos informantes.....	72
2.2.2 Palavras iniciais.....	72
2.3 Coleta de dados	78
2.3.1 Entrevistas sociolinguísticas	78
2.3.2 Tratamento do áudio, transcrição das entrevistas e seleção do material.....	81
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	82
3.1 Palavras iniciais	82
3.2 Resultados gerais	83
3.3 Resultado da 1ª conjugação	86
3.4.1 Fator social “sexo/gênero”	87
3.4.2 Fator social “escolaridade”.....	90
3.4.3 Fator social “faixa etária”.....	92
3.4.4 Fator linguístico “tempo verbal”	94
3.4.5 Fator Linguístico “item lexical”	95
3.4.6 Fator Linguístico “formas de realização do pronome”	97
3.4.7 Fator linguístico “apagamento ou não do s na desinência”.....	99
3.5 Resultado da 2ª conjugação	101
3.5.1 Fatores sociais e linguísticos	102
3.5.1.2 sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, hipóteses e resultados.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICES	117
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, de cunho sociolinguístico na perspectiva variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), abordamos o fenômeno da variação linguística em nível morfofonológico, a saber, mais especificamente, sobre: **A VARIAÇÃO MORFOFONOLÓGICA EM VERBOS DA 1ª E 2ª CONJUGAÇÕES NA FALA DE TEFÉ-AMAZONAS.**

O estado do Amazonas, devido à sua dimensão geográfica, constitui-se terreno fértil para estudos de variação linguística, já que é uma vasta região com extensão territorial de 1.559.167,878 km² (IBGE, 2021), que o classifica como o maior estado brasileiro, engloba 62 municípios, todos com suas particularidades no que diz respeito à cultura e à dinâmica de comunicação de seus habitantes, muitos oriundos da capital do estado e de outras regiões do país, em busca de melhores condições de vida nestas localidades ainda pouco habitadas. Assim, a dinâmica social desse público, aliada a fortes influências da cultura e das línguas dos povos indígenas, contribui significativamente para a diversidade linguística no modo de falar da população amazonense.

Em relação às pesquisas linguísticas no Amazonas, pouco conhecemos sobre as especificidades da fala dos moradores do interior, mas já há inúmeras pesquisas, especificamente sociolinguísticas e dialetológicas, que direcionam seus estudos para os municípios do baixo, médio e alto Solimões nos vários níveis de análise, da fonética-fonologia, da morfologia, da morfossintaxe à variação semântico-lexical (CAMPOS, 2009; MARTINS, 2013; CRUZ-CARDOSO, 2004; GERMANO-MARTINS, 2010; SANTOS, 2020; PRAIA, 2020, dentre outros).

Não obstante à existência de pesquisas que atestam a variabilidade linguística no Amazonas, o estado ainda é pouco explorado do ponto de vista linguístico, pois sabemos que outras localidades precisam ser investigadas com a finalidade de contribuir, cada vez mais, para o conhecimento da estrutura do português brasileiro, bem como a sua aplicação (referindo-se ao português brasileiro) no âmbito deste território (amazônico), tanto na fala quanto na escrita.

Diante deste cenário, este trabalho apresenta uma pesquisa situada no campo da Sociolinguística Variacionista, área que tem como principal expoente o linguista norte-americano Willian Labov. É, de acordo com Alkmim (2007), a subárea da linguística cujo foco é “o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em

situações reais de uso” (ALKMIM, 2007, p.31), tendo como ponto de partida uma comunidade linguística. Portanto, é a ciência que estuda a relação entre língua e sociedade. Conhecer essa relação é fundamental para traçarmos um perfil do panorama linguístico de qualquer comunidade, e assim compreender e afirmar cada vez mais que a língua é heterogênea e diversificada, sujeita a mudanças ante a dinâmica social.

Com os pressupostos teórico-metodológicos que embasam a Sociolinguística, este trabalho busca investigar um fenômeno morfofonológico que a seguir caracterizamos como: a variação morfofonológica na P4 em verbos regulares nas 1ª e 2ª conjugação no Presente e Pretérito Perfeito do modo indicativo. Em pesquisa bibliográfica, identificamos em Pereira (2021, p. 139), estudos sociolinguísticos que tratam do fenômeno, tema desta dissertação: Amaral (1920), Frosi e Mioranza (1983), Costa (1990), Naro e Scherre (2007), Bortoni-Ricardo (2011), Foeger, Yacovenco e Scherre (2017). Além desses há ainda estudos mais recentes, que apontam para estudos sobre variação morfêmica e morfofonológica na P4 em verbos regulares, em localidades do estado do Paraná: Pereira (2014; 2018; 2021), Pereira e Margotti (2018) e Pereira, Lehmkuhl-Coelho e Loregian-Penkal (2016).

Por se tratar de uma investigação de cunho sociolinguístico, buscou-se dentro do seio da fala tefeense, uma estrutura linguística muito frequente, que ocorre reiteradamente no curso da conversação natural e espontânea dos seus moradores, tal qual surgiu nossa problemática da pesquisa: variação morfofonológica na P4 (nós) em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação, em que se objetiva, nesta investigação, descrever e analisar as formas consideradas canônicas e não canônicas da vogal temática, como -a-mo(s) *versus* -e-mo(s), além de -e-mo(s) *versus* -i-mo(s), no Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo, e a partir desses procedimentos, desvendar os grupos de fatores que potencialmente influenciam na realização desta variável.

No português brasileiro, uma das particularidades dos verbos regulares, tanto de primeira conjugação quanto de 2ª conjugação, é que eles dispõem das mesmas formas verbais (radical, vogal temática e sufixo número-pessoal) para dois contextos temporais diferentes (presente e pretérito perfeito do indicativo). Esse fenômeno recebe o nome “neutralização” que, de acordo com Monteiro (2002), se realiza quando não é possível opor duas ou mais formas que se tornaram homônimas, ou seja, os elementos possuem uma única forma verbal para expressar ideias diferentes. Vejamos:

Verbo de 1ª conjugação

(1) Nós *chegamo(s)* a tempo professora. (*Presente do Indicativo*).

(2) Quando *chegamo(s)* em casa, a polícia já tinha ido embora. (*Pretérito Perfeito do Indicativo*).

Verbo de 2ª conjugação

(3) Nós bebemo(s) à noite. (*Presente do Indicativo*).

(4) Ontem, no sítio de minha tia, bebemo(s) bastante açáí. (*Pretérito Perfeito do Indicativo*).

Assim, em ambos os tempos, a morfologia, tanto do presente quanto do pretérito, é constituída da raiz {cant-} e {beb-}, por uma DMT zero, ¹uma vogal temática {a} e {e}, e a DNP {mos}, ficando {cant-} {a-} {-o-} {mos} e {beb-} {e-} {-o-} {mos}. Nos exemplos acima, a noção gramatical de tempo passado, portanto, se dá por meio do advérbio *ontem* e da oração adverbial, ou seja, para opor o passado em referência ao momento da comunicação, é o uso de marcas específicas (não morfêmicas) que são estabelecidas durante o ato comunicativo. Já o presente, sem a sinalização própria, pode expressar tanto o presente, o futuro ou um tempo indefinido (CÂMARA JR (2013 [1970])).

Importante mencionar, entretanto, que ao contrário do português brasileiro, o português de Portugal dispõe de formas diferenciadas para o Presente e para o Passado. Sobre esta distinção, Câmara Jr (2013 [1970], p. 42), expõe o exemplo clássico no português de Portugal: a oposição da 1ª conjugação entre *-á-O-mos* terminação do Pretérito Perfeito: “ontem, cantámos” e *-a-O-mos*, terminação do presente: “nós cantamos agora e sempre”. Castilho (1999, p. 244-245), ao tratar sobre as particularidades do português brasileiro, sugere que uma das hipóteses interpretativa do nosso português sobre a não oposição de timbres abertos a timbres fechados nos contextos do presente e passado, diferente do que acontece no português de Portugal, é de que não se trata de uma criação brasileira, mas sim de fenômeno fonológico característico do português quinhentista (conservador), que “não acompanhou as mudanças havidas no português europeu”.

Meu interesse ao pesquisar o fenômeno variável (variação morfofonológica na P4 (nós) em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação do presente e pretérito perfeito surgiu a partir da convivência e diálogos com meus conterrâneos e discentes do Ensino Médio, em que pude constatar - por meio da interação verbal- uma forma de expressão distinta do que preconizam

¹ De acordo com Monteiro (2002, p. 117), no presente do Indicativo, “a desinência modo-temporal é zero em todas as conjugações”. Já para Câmara Junior (1970 [2010]), no pretérito perfeito do Indicativo, a DMT somente não é zero na 3ª pessoa do plural.

os manuais gramaticais, ou seja, formas não canônicas, mas que são representativas de histórias de vida, crenças e culturas, estruturas como: Nós *cheguemo(s)* aqui sete horas e Nós *vivimo(s)* juntos.

Ademais, julgo importante mencionar que, tanto na qualidade de cidadã tefeense quanto de docente de Língua Portuguesa, lotada no Instituto Federal do Amazonas - Campus Tefé, tenho certeza de que conhecendo melhor as particularidades/diversidades da nossa língua materna do ponto de vista sociolinguístico, poderei contribuir, de forma mais efetiva, para a valorização da nossa comunidade, visto que diante de uma maior compreensão das características da fala regional e dos porquês de suas nuances, poderei ser uma multiplicadora de uma educação mais inclusiva do nosso português.

Assim, considerando a relevância dos estudos sociolinguísticos em que se percebem as diferentes realidades linguísticas que existem em nosso âmbito social, esta pesquisa tem como objetivo geral: investigar a ocorrência de variantes da vogal temática da P4, em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação na fala tefeense (AM), especificamente nos tempos Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo.

Já os objetivos específicos são os seguintes: descrever as variantes morfofonológica da P4, especificamente da vogal temática, nos verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação nos tempos Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo na fala tefeense; analisar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que regem a variação de alternância da vogal temática de /a/ para [a] e [e] e de /e/ para [e] e [i], nos verbos regulares de primeira e segunda conjugação, respectivamente, nos tempos Presente e Pretérito Perfeito na fala dos moradores do município de Tefé/AM;

Com base nos objetivos propostos, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa: quais as variantes da vogal temática de P4 em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação no Presente e Pretérito Perfeito na fala tefeense? a variante “e-mo(s)”, na 1ª conjugação, considerada não canônica, é realizada para diferenciar os contextos presente e passado? A variante “-i-mo(s)”, na 2ª conjugação, é utilizada também para diferenciar os tempos verbais Presente e Passado? A escolaridade influencia no uso das variantes da vogal temática de P4? Os falantes mais velhos e mais jovens utilizam mais qual variante? Optam pela forma canônica, homens ou mulheres? Foram também controlados os seguintes fatores linguísticos: tempo (Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito); itens lexicais, apagamento ou não do s e formas de realização do pronome.

Para essas perguntas levantadas, elaboramos as seguintes hipóteses: a alternância da vogal temática de [a] para [e] na P4, em verbos da 1ª conjugação, ocorre para diferenciar o Presente do Indicativo do Pretérito Perfeito; a alternância de [e] para [i] na P4, em verbos de 2ª

conjugação, acontece também para diferenciar morfológicamente o Presente do Pretérito Perfeito? A alternância da vogal temática de [a] para e [e] de [e] para [i] é será mais frequente nos falantes menos escolarizados; a alternância da vogal temática de [a] para e [e] de [e] para [i] é será mais frequente nos falantes mais velhos; a alternância da vogal temática de *a* para *e* e de [e] para [i] será frequente nos falantes do sexo masculino.

Para obter dados para esta pesquisa, escolhemos como *locus* o município de Tefé/AM, localizado na região do triângulo Jutaí/Solimões/Juruá. É uma das cinco cidades mais importantes do Amazonas e, por conta de sua localização geográfica, possui pessoas de outros municípios vizinhos como Alvarães, Fonte Boa, Maraã, Uarini, Japurá, Juruá e Jutaí, além de concentrar grande parte do comércio dessa região. Por ser município polo e estratégico, possui instituições de grande atuação acadêmica e administrativa como, por exemplo, as três forças armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica - a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA), Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Polícia Federal e Polícia Civil, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), além de outras instituições que acolhem servidores de todas as regiões do Brasil.

De acordo com Martins (2010), o contingente presente em Tefé/AM é formado principalmente por militares vindos do Rio de Janeiro e da Região Sul, no entanto possui militares de todas as regiões brasileiras. Com esse fluxo constante de pessoas de outras regiões, levantou-se a hipótese de que a presença de outros hábitos linguísticos pode, de alguma forma, influenciar a variedade local, o que justificaria a constituição de um *corpus* para esta pesquisa e outras.

Esta pesquisa, portanto, pretende contribuir com reflexões em grupos de pesquisas em Sociolinguística, que somados a outros estudos dialetológicos e sociolinguísticos realizados na Amazônia, contribuirá para traçar o perfil, bem como o comportamento linguístico dos moradores do interior do Estado do Amazonas.

Para melhor compreensão do desenvolvimento deste estudo, esta dissertação está estruturada em Introdução, mais três capítulos: no Capítulo 1, é apresentada a revisão teórica, iniciando com um breve percurso histórico dos estudos linguísticos, seguido da origem e escopo da Sociolinguística; na sequência, é apresentado o resumo de dois principais trabalhos de Willian Labov, além dos conceitos essenciais dessa área de estudo e o resumo de alguns trabalhos relevantes sobre variação verbal na P4. No Capítulo 2, são apresentados os procedimentos-metodológicos, em que se descreve a localidade investigada, o *corpus*

da pesquisa de campo que engloba o perfil dos informantes e as entrevistas sociolinguísticas e o fenômeno investigado. Já no Capítulo 3, na análise dos dados, são apresentados os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, que foram trabalhados para a análise do fenômeno em estudo, bem como a apresentação e discussão dos resultados obtidos na pesquisa; e, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está subdividido em quatro seções. Na primeira seção, refletimos sobre o percurso histórico dos estudos linguísticos, desde a época clássica até a origem da sociolinguística e do seu objeto de interesse. Na segunda seção, apresentamos dois estudos realizados por William Labov, considerado o precursor, especialmente, na definição metodológica da Sociolinguística Variacionista. Na terceira seção, ilustramos, com base em *Coelho et al.* (2015, Tarallo (1997) e outros estudiosos, os conceitos de termos fundamentais da sociolinguística, como variação, variantes e variáveis. Na quarta seção, por fim, apresentamos um resumo de pesquisas realizadas sobre o tema variação verbal na P4.

1.1 Breve Percurso dos Estudos Linguísticos

É sabido que os primeiros estudos sobre a linguagem humana são anteriores ao século XIX, período que marcou o início da Linguística como ciência. De acordo com Lobato (1986, p. 77), foi na Grécia, por volta do século V a. C, que surgiram as primeiras investigações sobre a natureza da linguagem, sendo estas ainda de caráter filosófico. Os gregos, portanto, foram os precursores com profundas reflexões a respeito da origem da linguagem. É dessa época a escrita de *Crátilo*, obra de Platão toda dedicada a questões linguísticas em torno da origem dos nomes, em que as reflexões se davam em estabelecer os critérios na relação entre nome e a coisa nomeada e se essa relação era dada por naturalidade ou arbitrariedade.

Para eles, a linguagem era vista como expressão do pensamento e investigada nessa perspectiva. Sob essa ótica, ela é realizada na mente do falante, sendo sua manifestação apenas uma transposição; logo, todas as atividades em torno da língua eram direcionadas para técnicas do discurso, do convencimento, enfim, na arte retórica. Neste campo, foram produzidas obras sobre o discurso, escritas por Aristóteles, entre elas, *A Retórica*, que se ocupou da arte da

comunicação, do discurso feito em público, para fins de persuasão, e traçou caminhos que os discursos devem perfazer para atingir seus objetivos.

Além da preocupação com a arte do discurso, mais adiante, nos séculos III e II a. C., Lobato (1986) explica que a língua era estudada numa perspectiva literária a fim de tornar acessíveis as obras clássicas aos contemporâneos e garantir o uso correto das palavras no que diz respeito à pronúncia e à gramática, tudo com a finalidade de preservar o grego clássico de “corrupções” (LOBATO, 1986), que seriam as alterações, variações desta língua considerada ideal. Foi nesta época que foram elaborados pelos filólogos alexandrinos os primeiros glossários e compêndios gramaticais, os quais constituíram “as normas gramaticais do falar e escrever ‘bem’, que aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultaram no que se tem chamado de gramática normativa ou tradicional” (BESSA; PINTO, 2018, p. 4).

Em resumo, os estudos linguísticos ocidentais concebiam e investigavam a língua com foco maior na comunicação, na retórica, na filologia, na arte, na formação de um dialeto literário, numa linguagem prescritivista e não descritiva da língua, sendo esta tratada, portanto, nos períodos anteriores ao século XIX, sob um ponto de vista não científico nos termos modernos da ciência.

Desprovidos, portanto, de um rigor científico, os estudos linguísticos pautados nessa tradição foram herdados pelos romanos e se estenderam pelos períodos posteriores como a Idade Média e Renascença e permanecem até os dias atuais. Cabral (2014, p. 87) afirma que a “opção filológica, representada principalmente pelos gramáticos alexandrinos, não ignorava a variação linguística, mas a colocava como desvio”. Diante disso, eram considerados abusos e imperfeições tudo o que era contrário à norma, numa concepção de língua como um produto estável e imutável.

Aos poucos, porém, essa concepção foi mudando e um novo olhar sobre a língua foi tomando aspectos científicos. Ela passa a ser vista como um instrumento vivo, portanto sujeita a mudanças e passa a ser investigada sob a ótica de sua evolução no eixo do tempo. Nesta perspectiva, a preocupação dos estudiosos se pauta em saber como as línguas evoluem diacronicamente e não o seu funcionamento (MONTEIRO, 2002, p. 7).

Deste modo, o princípio norteador é de que as línguas mudam no tempo, portanto é possível reconstituir estágios anteriores de uma língua, intuição baseada na hipótese de que algumas línguas apresentam afinidades entre si (tanto nas raízes do verbo quanto nas formas gramaticais) e essas semelhanças têm origem comum e não acontecem por acaso. A esse empreendimento é dado o nome de estudos histórico-comparativos, iniciado no fim do século

XVIII, e teve como propósito estudar os processos de mudança da língua através dos tempos, utilizando para isso, pela primeira vez nos estudos linguísticos, métodos mais rígidos e mais sistemáticos de dados.

Criou-se, para tanto, um modelo de análise que favoreceu a elevação da ideia da imanência, isto é, que as mudanças ocorridas numa língua ao longo do tempo são explicadas tão somente por fatores pertencentes à própria estrutura linguística. Em outras palavras, significa que a língua enquanto estrutura específica é explicada por fatos puramente intrínsecos a ela. Ademais, isto implica dizer que fatores de ordem extralinguística, como eventos históricos e sociais, não são levados em consideração para explicar o fenômeno variável (mudança). Tal concepção de imanência foi decisiva para a fundação da Linguística como campo científico de estudo da linguagem, visto que pela primeira vez foi feito um estudo sistematizado e autônomo sobre ela, tendo como objetivo esclarecer uma língua por meio de outra.

Sobre essa mudança, Faraco *et al* (2011, p. 29) expõe que:

se a tradição anterior sempre havia tratado a linguagem com projetos que relacionavam com outros interesses (em especial, à lógica, à retórica, à poética e ao bom uso), é com a linguística comparativa e histórica que, pela primeira vez, se tratará da linguagem em si mesma e por si mesma.

O avanço metodológico serviu de base para o estudo estruturalista da língua, uma nova abordagem de estudos sobre a linguagem, o Estruturalismo, que deu origem à linguística moderna, elevando-a ao *status* de ciência. Tal feito é atribuído tradicionalmente, de acordo com os manuais de Linguística, a partir da publicação do Curso de Linguística Geral I, de Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista genebrino, em 1916, na França.

Nesta abordagem, a língua já não é mais estudada levando em consideração o processo histórico, mas num recorte sincrônico com o objetivo de descrever sua estrutura em determinado momento do tempo (SANTOS e SANTOS, 2016, p. 32). Logo, o Estruturalismo deixa de lado, em seu método de investigação sobre a linguagem, a preocupação com as mudanças cronológicas e passa a se preocupar com a sua estrutura linguística, em que seus elementos constituintes são definidos senão por si mesmos.

A partir deste entendimento, de acordo com Martelotta (2008, p. 87), “ a língua é entendida como um objeto autônomo, independente das intenções de uso da situação comunicativa”, não sendo portanto vinculada a aspectos culturais, contextuais, situacionais e históricos presentes na estrutura da sociedade, visão corroborada por Lopes (1995, p. 76 -77), em que conceitua a língua como um “sistema abstrato, composto por um

conjunto de todas as regras que determinam o emprego dos sons, das formas e das relações sintáticas necessárias para a produção dos significados”.

Assim, nessa visão monolítica da linguagem, a língua é investigada num recorte histórico, por meio de método sincrônico, immanentemente formal. Logo, a dimensão discursiva e social da linguagem é deixada de lado e, com isso, vários elementos como: sujeito, sociedade, história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua, foram desconsiderados, visto que não estavam entre seus objetivos de estudos tais elementos, tendo como interesse apenas as palavras e unidades mínimas constituintes (seu olhar sobre a língua, recorte). Com base nesta interpretação, os estudos linguísticos permanecem centrados no sistema, a língua em si mesma e por si mesma, em que os fenômenos linguísticos, como as variações, são explicados por fenômenos puramente linguísticos, isto é, sem referência a fatores externos. Estes fatores externos à língua, assim como as dimensões históricas e sociais do falante, são considerados irrelevantes para explicar os fenômenos linguísticos.

Ainda sobre a estruturação e composição do sistema linguístico, Lacerda (2021, p.30) ratifica que nesse tipo de análise “o que importa é a descrição do sistema linguístico enquanto realidade abstrata, cujas leis são pressupostas como imanentes e irreduzíveis a qualquer tipo de lei que lhe seja exterior”. Esta visão sobre a língua e o seu estudo imanente foram disseminados mundo afora e era o que havia de recorrente nos estudos da linguagem. Com isso, as abordagens estruturalistas ocuparam substancialmente o espaço dos estudos linguísticos na Europa e na América até meados do século XX, quando novas correntes surgiram (Gerativismo, Estruturalismo Americano), mas que continuaram a tratar a língua como uma estrutura fechada, pronta e acabada, invariável e imutável.

Em contraposição a estas teorias, a partir da metade do século XX, os estudiosos passaram a se preocupar com a parte externa da linguagem, que não foi considerada na investigação linguística saussuriana. Destarte, os estudos dessa época, de natureza funcionalista, passam a considerar a linguagem atentando também para os sujeitos falantes, pertencentes a um domínio social, e não mais para a língua de forma isolada do contexto de sua produção. É definido, assim, um novo olhar sobre a linguagem, trazendo para uma nova perspectiva o conceito de sociedade e comunicação, que foram desconsiderados quando se subtraiu a fala, a dimensão individual, dos estudos linguísticos, eliminando de todo o processo os indivíduos falantes. É a língua sendo estudada a partir dos seus sujeitos falantes num contexto sociointeracional.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 37), nesse novo olhar sobre a língua “analisam-se muito mais os usos e funcionamentos da língua em situações concretas, sem dedicação à análise

formal”. Com o novo direcionamento, o objeto língua se amplia: a língua não é mais limitada apenas a um sistema: ela é sonora, ela é voz, ela é uma manifestação individual. Em vista disto, são objetos de investigação a língua em pleno funcionamento por meio dos seus falantes e as circunstâncias de seu uso. Logo, da análise das palavras e de seus constituintes, passou-se então ao estudo do enunciado e, quando se fala em enunciado, consideram-se todas as produções do sujeito falante tanto na fala quanto na escrita.

Sob este novo olhar, os fatores extralinguísticos como a situação comunicativa, o contexto sócio-histórico-cultural e a relação afetiva dos falantes no processo comunicativo são objetos de interesse e considerados elementos-chave para uma investigação. Enfim, a língua passa a ser analisada no seu uso efetivo e sobretudo a partir do seu sujeito. Novos olhares sobre a língua surgem a partir dessa ótica e acompanham as mudanças temporais e o comportamento social dos falantes. Esta dinâmica ecoa nos mais diversos fenômenos linguísticos e com isso novas teorias vão surgindo para explicar a natureza dessas mudanças.

Em particular, essa nova perspectiva refletida nos estudos linguísticos teve grande repercussão nas pesquisas científicas sobre a linguagem, dando um grande salto nas investigações, gerando uma grande quantidade de desdobramentos, em que novas tendências fugiam ao estudo imanente hegemônico da língua e buscavam ao mesmo tempo observar a linguagem em seu contexto real de uso (MARCUSCHI, 2008, p. 39). Assim, o enfoque imanente da língua dá lugar a realidades subjetivas sociais e históricas que influenciam no sistema linguístico, uma vez que em tais empreendimentos, a língua passa a ser concebida como instrumento de interação social e a relação desta com a sociedade é fundamental para se conhecer a natureza dos fenômenos linguísticos.

Dentre as diversas vertentes que se inserem nesse polo teórico, surge a Sociolinguística contrapondo às teorias imanentes da linguagem. Trata-se de uma nova abordagem e empenha-se em estudar a relação entre língua e sociedade, logo a língua é tida como um sistema heterogêneo, sujeita a mudanças e a variações e sob esta perspectiva é descrita e analisada.

Ao contrário dos estudos anteriores, em que predominavam os estudos imanentes da língua, em que fenômenos linguísticos (variações e mudanças) eram explicados por fenômenos puramente linguísticos, as variações e mudanças na língua são explicados também por grupos de fatores extralinguísticos, como a condição social do falante, escolaridade, idade, sexo, contexto interacional e outras dimensões. É a língua sendo investigada considerando o contexto histórico-social e cultural dos seus falantes. Portanto, a partir de uma análise sociolinguística, conclui-se que a forma como o indivíduo fala, diz muito sobre sua vivência e seu papel na

sociedade, logo, é construído um panorama linguístico das comunidades de fala e de seus membros, objetivando desconstruir a ideia de homogeneidade linguística, ou seja, um olhar empírico sobre a língua, dando enfoque a fala em uso, numa visão funcionalista, ao contrário da visão abstrata, tal como é tratada na definição saussuriana.

1.2 A Sociolinguística

Trazendo à memória, no campo da linguística moderna, como discutimos na seção anterior, os estudos linguísticos se dividiam em dois grandes campos de estudos: uma linguística interna, preocupada com o caráter formal e estrutural da língua e uma linguística externa, preocupada com as orientações contextuais. O primeiro campo tem como representantes dois grandes estudiosos da língua: Ferdinand Saussure, representante do Estruturalismo e Noam Chomsky, representante do Gerativismo, ambas correntes configuradas no início do século XX, que consideram a língua um sistema monolítico.

No segundo campo, destacamos os modelos teóricos-metodológicos dos estudos contemporâneos iniciados na segunda metade do século XX, como a Etnolinguística, a Dialetoлогия e a Sociolinguística. Estas teorias surgiram a partir de uma mudança metodológica em que se passou a considerar a questão social no campo dos estudos linguísticos. Essa relação - língua e sociedade - sempre foi reconhecida, mas nunca foi determinante nos estudos linguísticos (ALCKMIN, 2012).

Dito isto, é importante destacar que essa tradição de relacionar língua e sociedade tem sua origem a partir dos anos 1930, quando alguns autores, entre eles Antoine Meillet, discípulo de Saussure, distanciou-se das teorias de seu mentor ao definir com mais precisão a noção de fator social (CALVET, 2002). Em defesa de seu posicionamento acerca do caráter social da língua, Meillet assevera que "as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes" (CALVET, 2002 p. 16), considerando as variações e as diversidades numa língua como objeto de grande importância nos estudos linguísticos, contrariando Saussure, que trata a questão das mudanças linguísticas separada das condições exteriores.

Como visto, Meillet foi um grande nome responsável pela mudança de paradigma que desencadeou uma série de novas teorias de abordagem da língua. Neste contexto, surge a Sociolinguística com uma nova visão sobre a linguagem e com a intenção de atribuir os fatores

sociais na configuração das línguas. Mais precisamente, a constituição da Sociolinguística, conforme relata Alckmin (2012, p.32) se deu “marcada por uma origem interdisciplinar”, a partir da tradição dos estudos da Antropologia Linguística, inaugurada no início do século XX, em que seus maiores expoentes, os antropólogos Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin L. Whorf, consideravam fenômenos inseparáveis língua, cultura e sociedade (FREITAG e LIMA, 2010).

Sobre o início dessa nova teoria, Bortoni-Ricardo (2014) destaca que a Sociolinguística, como ciência autônoma e interdisciplinar, teve início em meados do século XX. Foi então a partir da década de 1960, que foram realizados estudos mais sistemáticos na área. Porém, muito antes deste período, vários linguistas desenvolveram trabalhos de natureza puramente sociolinguística, destacando-se além de Meillet (1866-1936), o linguista Bakhtin (1895-1975). Estes levaram em conta o contexto sociocultural em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor das condições em que ela era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014).

A partir de 1960, outros pesquisadores buscaram articular a linguagem com aspectos sociais e culturais, destacando-se entre eles: os estudos realizado no ano 1962 por Dell Hymes, linguista americano criador da Etnografia da Fala, e em 1963 por William Labov, renomado linguista americano que consolidou, de fato, no resultado de suas investigações, os fatores sociais como responsáveis para explicação do fenômeno das variações linguísticas, melhor dizendo, a diversidade linguística organizada (ALCKMIN, 2012).

Já o termo Sociolinguística como área de estudos da linguística moderna foi fixado e formalizado num Congresso realizado sob a organização de William Bright, renomado linguista estadunidense, entre os dias 11 e 13 de maio de 1964, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, nos Estados Unidos (COAN e FREITAG, 2010). Camacho (2013, p. 34) afirma que no evento estiveram reunidos 25 pesquisadores, todos dedicados a debater uma diversidade de temas ligados à relação entre língua e sociedade: etimologia da variação linguística (Gumperz), planejamento linguístico (Haugen), as línguas veiculares (Smarin, Kelley) e a hipercorreção como fator de variação (William Labov), a este último, a quem foi atribuída a paternidade da vertente variacionista da Sociolinguística.

Labov, há um ano da realização do Congresso, em 1963, propôs-se a estudar os fenômenos linguísticos, com intuito de sistematizar as variações existentes na fala, levando em consideração grupos de fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros que manifestassem a interdependência entre os fenômenos linguísticos dos falantes e o meio social em que vivem. De acordo com Coan e Freitag (2010),

este trabalho foi realizado na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts e destacou a relação dos fatores sociais em paralelo com a variação linguística. Logo depois, em 1964, realizou um estudo sobre a estratificação social do inglês em New York, em que procurou compreender as variações fonológicas, observando as condições sociais dos falantes (SALLES e SOUZA 2015). Ao longo do estudo, Labov fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social, que teve forte influência na definição do objeto de estudo da Sociolinguística (COAN e FREITAG, 2010).

Outro ponto a destacar, de acordo com Ribeiro (2003, p. 111), a partir do Congresso organizado por Brighth, em “1966 é publicado o livro do congresso sob o título *Sociolinguistic*, no qual Brighth escreve o texto inicial intitulado *As dimensões da linguística*, por meio do qual define e caracteriza a nova área de estudos”. Ao longo do texto o autor fala da dificuldade em definir o termo Sociolinguística com precisão, visto que outras áreas como a “Etnolinguística” e “Psicolinguística” tendiam a interseccionar parcialmente o seu objeto. No entanto, segue dizendo o autor no texto, que para diferenciá-las, traçou um ponto distintivo entre essas teorias que também abordam a relação língua-sociedade: a de que a Sociolinguística trata tanto a língua quanto a sociedade como sendo uma estrutura e não uma coleção de itens (BRIGHT, 1966).

Sobre a importância desse evento para a história dos estudos linguísticos, Calvet (2002, p. 22) conta que a escrita de Bright “tem, especialmente hoje, um valor histórico: o encontro de maio de 1964 marca, com efeito, o nascimento da sociolinguística, que se firma com outro modo de fazer linguística”.

1.2.1 Objeto e interesse da Sociolinguística

Ao buscar definir o objeto de estudo da Sociolinguística, na publicação de Bright, preliminarmente a proposta era “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. Ou seja, “relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (ALKMIM, 2007, p. 28). Em outras palavras, significa dizer que a variação ou a diversidade existente na língua não é livre, mas está relacionada às diferenças sociais que se realizam também de forma sistemática.

Além de definir a tarefa da Sociolinguística, Bright definiu como objeto de estudos da nova disciplina a diversidade linguística, com interesse primordial na descrição das diferentes

variedades que coexistem dentro de uma localidade, relacionando-as com as estruturas sociais. O motivo de tal diversidade está relacionado com um conjunto de fatores socialmente definidos: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte e o contexto social (BRIGHT, 1996).

Tendo, portanto, como objeto de estudo a diversidade linguística, a Sociolinguística, considera, nas palavras de Coelho *et al.* (2015, p. 3), que a “língua não é uma estrutura pronta e acabada, é um sistema organizado, suscetível à variação e a mudanças”. Com esse pensamento, os estudos sociolinguísticos têm como propósito desconstruir a ideia da homogeneidade da língua, muito defendida pelos formalistas. Com esse propósito, vários temas de investigação surgem na área da Sociolinguística. Mollica (2015, p. 10) conta em seu texto “Linguística e Sociolinguística” que “são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança”.

Já Monteiro (2002) cita que a Sociolinguística pode ser compreendida a partir de duas concepções distintas: a macrossociolinguística, que estuda as relações entre a sociedade e as línguas como um todo, como por exemplo, as consequências do multilinguismo e as políticas linguísticas, e a microlinguística, que estuda os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas. Para isso, utiliza testes estatísticos no esforço de detectar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável.

Este trabalho é fundamentado na segunda perspectiva comumente denominada de “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da variação e mudança”, atribuído a William Labov que, insistindo veementemente na relação entre língua e sociedade, criou um modelo de análise que possibilitasse a sistematização da variação existente na língua falada (SALOMÃO, 2011). O modelo é atendido também pelos nomes: Sociolinguística Laboviana, devido ao nome de seu fundador, Teoria da Variação e Mudança Linguística, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança linguística e Sociolinguística Quantitativa, porque lida com grandes números de dados coletados durante o uso da língua e opera estatisticamente esses dados (COELHO *et al.*, 2015, p. 14).

A Sociolinguística Variacionista, se preocupa, portanto, com a variação e mudança linguística no seio de uma região. Tal estudo baseia-se em pressupostos teóricos que permitem constatar a regularidade e a sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação. Sua agenda de pesquisa é voltada tanto para o compromisso de descrever os parâmetros contextuais da variabilidade estruturada, como para entender as razões de opções e referências de que os falantes dispõem (VIEIRA e MEIRELES, 2022, p. 17).

A partir destes pressupostos, os estudos sociolinguísticos buscam demonstrar que os fenômenos linguísticos - decorrentes da heterogeneidade da língua - não são explicados apenas por grupos de fatores linguísticos, mas sobretudo, por grupos de fatores externos (extralinguísticos), ou seja, a Sociolinguística não lida somente com regras categóricas (permanentes), tal qual os estudos imanentes da língua, mas lida, em especial, com regras variáveis, que são as que apresentam mais de uma possibilidade de realização. São estes os pressupostos que ancoram a Sociolinguística, hoje, como um grande ramo da Linguística Moderna.

A literatura original que embasa a Teoria de Variação e Mudança, considerada fonte primária para estudiosos da área, concentra-se em dois livros fundamentais: 1) Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística (*Empirical foundations for a theory of language change*): Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog, 1968; 2) Padrões Sociolinguísticos (*Sociolinguistic Patterns*). Labov, em 1972. Ambos têm discussões teóricas e especialmente metodológicas em relação ao estudo da linguagem do ponto de vista da heterogeneidade da língua. A primeira obra aborda questões teóricas sobre a linguística moderna e traz alguns fundamentos empíricos que devem ser observados por quem vai trabalhar uma análise sociolinguística. No segundo, o autor trata de sua trajetória inicial como pesquisador, relata sobre sua experiência investigativa e o resultado de suas principais pesquisas, além de discorrer de teorias sobre mudança linguística e o estudo da língua no seu contexto social.

O argumento principal da Teoria da Variação e Mudança é de que variações são inerentes às línguas. Logo, estas mudam com o tempo e essa mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, ou seja, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças, rompendo, portanto, com o axioma da homogeneidade da língua, dando lugar a heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). A partir da primeira pesquisa de Labov, realizada em 1963 na ilha de Martha's Vineyard, esta concepção se consagrou mais fortemente.

1.2.2 Trabalhos de William Labov e suas contribuições

Durante o seu desenvolvimento como disciplina autônoma, a Sociolinguística sempre foi marcada por crescente preocupação nos espaços de debates sobre a língua e a sociedade a partir da segunda metade do século XX, conforme discutido nas seções 1.1 e 1.2. Os estudos

dessa natureza ganharam proporções grandiosas com as pesquisas iniciais de William Labov. Neste trabalho, serão apresentadas duas delas, a primeira com o título *A história social de uma mudança sonora na Ilha de Martha 's Vineyard, Massachusetts* (1963)”, logo depois sobre *A estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque* (1966).

A primeira investigação de William Labov foi realizada no ano de 1963 na Ilha de Martha 's Vineyard, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. A referida pesquisa foi o objeto de sua dissertação de Mestrado intitulada de *The Social History of Sound Change on the Islan of Martha 's Vineyard* e teve como orientador o professor Uriel Weinreich (1926-1967), linguista de renome internacional que, juntamente com Labov, formularam ideias substanciais acerca da teoria da variação e mudança linguística.

Na ilha, considerada por Labov (2008 [1972], p. 22) como um lugar “geograficamente complexo o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico”, ele identificou uma forma peculiar na maneira como os vineyadenses pronunciavam algumas palavras com os ditongos /ay/ e /aw/. Em suas análises, identificou uma variação articulatória nos ditongos [ay] e [aw] (*right, house*), com diferenças na altura da primeira vogal do ditongo [ay] e [aw], que em vez do padrão comum do sudoeste da Nova Inglaterra, tendiam à ‘centralização’ da 1ª vogal, isto é, alteamento em direção a [e], contrária à pronúncia do inglês padrão (LABOV, 2008 [1972]). Melhor dizendo, foram identificadas diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/, que em vez do padrão comum do sudoeste de New England [aɪ] e [aʊ], frequentemente se ouvia [ɛɪ] e [ɛʊ] ou até mesmo [əɪ] e [əʊ] (LABOV (2008 [1972], p. 27).

Sobre este fenômeno, o estudioso concluiu que era um traço saliente para ele, mas não era percebido pelos falantes da ilha, e que esta pronúncia centralizada, apesar de “parecer excepcionalmente atraente, até mesmo à primeira vista, é uma indicação de um complexo e sutil padrão de estratificação” (LABOV, 2008 [1972], p. 27). A partir desta constatação, procedeu a sua pesquisa visando descobrir quais os motivos que levam os moradores a utilizarem este traço tão distintivo em suas falas. Para tanto, procedeu a um estudo minucioso sobre os aspectos geográficos, sociais e culturais da ilha.

A Ilha de Martha 's Vineyard é dividida em duas partes: a *up-island*, ilha alta, estritamente rural, com poucas vilas, fazendas, casas de veraneio, com uma grande área desabitada e a *down –island*, ilha baixa, com três pequenos centros urbanos onde vive cerca de 3/4 da população. Seu contingente populacional, de acordo com censo de 1960, totalizava 5.563 habitantes. Porém, algo importante foi destacado por Labov: o fato de a ilha receber nos meses

de junho/julho 42.000 veranistas todo ano, aumentando consideravelmente o contingente da ilha neste período (LABOV, 2008 [1972], p. 23).

O linguista considera que essa invasão de turistas teve influência direta relativamente pequena sobre o falar dos moradores. Em estudos anteriores realizados na ilha, caracterizam-na como uma importante área conservadora, por manter diversos traços arcaicos típicos do sudoeste da Nova Inglaterra antes de 1800. Um exemplo é a retenção do /r/ final, um traço conservador americano, num mar de ausência do *r*. (LABOV, 2008 [1972], p. 24). Além da presença do conservadorismo fonético, na ilha foram encontrados itens lexicais seiscentistas, como *banock*, que designa bolo frito de farinha de milho e *studdled*, usado para designar para água “turva” e “suja”, além de outros termos citados no estudo. Porém, conforme já detalhamos, quanto à realização dos ditongos sob estudo, os habitantes da Ilha estavam mostrando um comportamento diferente do padrão inglês (LABOV, 2008 [1972], p. 24).

Após o levantamento do panorama linguístico, social e geográfico da ilha, Labov se propôs a descobrir o padrão que direciona a distribuição dos ditongos centralizados (LABOV, 2008 [1972], p. 28) e, diante de tal questionamento, inicia sua investigação objetivando estudar sistematicamente tal fenômeno. Para isso, selecionou 69 informantes de acordo com a origem étnica (ingleses, portugueses e índios), sexo, ocupação e localização geográfica; concebeu um modelo de entrevistas que fornecessem vários exemplos de (aw) e (ay) em discurso na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo de leitura dos falantes. Elaborou ainda diversos instrumentos, como: um questionário lexical concentrado em palavras que continham os ditongos; perguntas envolvendo juízos de valor, explorando a orientação social dos informantes; um texto para leitura especial que foi usado pelos alunos das escolas secundaristas, como teste de habilidade de ler naturalmente uma história (LABOV, 2008 [1972], p. 31-32).

O trabalho não se limitou às entrevistas formais, o autor utilizou-se de observações em situações casuais: na rua, em restaurantes, bares, lojas, em diversos lugares, onde o som geral da conversa poderia ser anotado e não gravado e, ainda, um questionário com perguntas sobre atitudes linguísticas. As informações básicas para o estudo, reunidas no curso das 69 entrevistas com falantes nativos da ilha, foram feitas em três períodos: agosto/1961; setembro a outubro/1961; janeiro/1962. O número de informantes selecionados representou um pouco mais de 1% da população da ilha, o que retrata uma amostra significativa e criteriosa da localidade (LABOV, 2008 [1972], p. 31-32).

De acordo com Labov (2008 [1972]), como resultado das entrevistas foram identificadas 3.500 ocorrências do ditongo (ay), e 1.500 ocorrências do ditongo (aw), dados que

foram usados como base para o estudo. Na análise, fez o cruzamento dos dados com os seguintes fatores sociais controlados: grupos étnicos, faixa etária, ocupação, localização geográfica.

Com intuito de saber se a centralização varia de acordo com a faixa etária do falante, procedeu à análise resultando em: a centralização tanto de (ay) quanto de (aw) atinge o ápice na faixa etária intermediária de 31-45 anos (mais jovens), com o seguintes dados: centralização de (ay), com 81 registros e centralização de (aw), 88 registros, e o menores registros são na faixa etária mais idosa, com apenas 25 registros em (ay) e 22 em (aw) (LABOV, 2008 [1972], p. 31-). A justificativa para esse resultado, segundo o autor, é de que a faixa etária de 31/45, em que há maior ocorrência da centralização, tem estado sob pressão muito forte em relação às outras faixas e isso se dá devido à escolha mais ou menos deliberada de permanecer na ilha em vez de abandoná-la, ao contrário de muitos que optaram em deixar o local em busca de mais recurso ou mais reconhecimento em outro lugar (LABOV, 2008 [1972], p. 50).

Em relação à distribuição geográfica, o estudo mostrou que a centralização atinge maior concentração na ilha alta rural do que nos vilarejos da ilha baixa, atingindo o máximo em Chilmark, com 100 registros da pronúncia centralizada de (ay). Já a pronúncia centralizada de (aw) tem maior predominância na localidade de Oak Bluffs, também localizada na área rural da ilha, com 99 registros (LABOV, 2008 [1972]).

Quadro 1 - Distribuição geográfica da centralização.

	(ay)	(aw)
Ilha Baixa	35	33
EdgarTown	48	55
Ao Bluffs	33	10
Vineyard Haven	24	33
Ilha Alta	61	66
Oak Bluffs	71	99
N. Tisbury	35	13
WTisbury	51	51
Chilmar	100	81
Gay Head	51	81

Fonte: Reprodução de Labov (2008, [1972]).

Labov fez uma ampla exposição sobre a interação dos aspectos linguísticos e sociais. Explica ao leitor sobre a precariedade econômica da ilha, além dos grandes problemas sociais como: renda mais baixa do estado, o alto número de pessoas pobres, alto índice de desemprego

e elevados custos dos bens de consumo. Assim, as pressões econômicas refletem em pressões psicológicas sobre os vineyardenses das famílias tradicionais e, com isso, a crescente dependência em relação ao turismo de verão atua como uma ameaça à independência pessoal deles, resultando em grande resistência às incursões dos veranistas.

Com isso, as maiores resistências dos vineyardenses se dão nas áreas rurais contra os ditos forasteiros (veranistas), especialmente na localidade de Chilmark, único lugar da ilha onde a pesca ainda tem um papel importante na economia. De acordo com o linguista, eles se diferenciam dos demais moradores por serem os “mais diferentes, independentes e defensores de seu próprio modo de vida” e se orgulham desta diferença em relação aos moradores do continente (LABOV, 2008[1972], p. 40). Por este motivo, a variável ocupação mostrou os pescadores no topo, com 100 ocorrências da centralização em (ay) e 79 centralização em (aw), em relação às outras ocupações controladas (fazendeiros, comerciantes, construção, dona de casa e estudantes). Em relação aos grupos étnicos dos grupos étnicos, as análises mostraram maior concentração na faixa etária de 31-45 anos, tanto na fala dos ingleses, portugueses, quanto na dos indígenas, mostrando, portanto, que a centralização não faz distinção entre esses grupos.

Em resumo, “são os nativos da ilha, da zona rural, pescadores, e a faixa etária jovem os que mais ardentemente reagem à invasão dos veranistas através de uma demarcação linguística” (TARALLO, 1997, p. 50). Fora isso, um fato curioso observado por Labov (2008 [1972]), conforme já citado, é de que os vineyardenses realizavam a centralização dos ditongos de forma inconsciente, ou seja, eles não se dão conta deste fenômeno em suas falas, tampouco conseguem controlá-los conscientemente. Houve ainda uma outra constatação: ao estudar o significado social da centralização, foi percebido pelo autor que o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação à ilha.

A observação deste fator mudou completamente a maneira de estudar a independente (atitude em relação à ilha) e sua relação com a centralização, deixou de lado a partir de então, as variáveis faixa etária, a ocupação, o grupo étnico e geografia, com a finalidade de confirmar ou rejeitar essa conclusão. Partiu-se, portanto, para uma análise qualitativa, em que realizou perguntas referentes à identidade linguística, objetivando identificar como eles avaliavam o lugar onde moram, se gostam ou não de morar naquela localidade.

Os resultados obtidos mostraram que a maioria deles, 40 informantes, avaliaram de forma positiva o lugar onde moram, 06 avaliaram de forma negativa e 19 avaliaram de forma neutra. No cruzamento dos dados, o autor identificou que os moradores que avaliaram o local de forma positiva exibiam maior realização da centralização, ao passo que os demais, que

avaliaram de forma negativa ou neutra, realizam a forma não-centralizada, inovadora, a exemplo dos veranistas. Diante desse cenário, Labov argumenta que "as diferenças fonéticas se tornam mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade" (LABOV, 2008[1972], p. 49).

Ao longo da realização do presente estudo, Labov mostrou, portanto, que as duas variantes conservadoras de (ay) e (aw)², não se dão de forma caótica, aleatória e desordenada na fala dos moradores da Ilha de Martha's Vineyard, mas são justificadas por grupos de fatores externos à língua. A faixa etária, a região onde os vineyadenses moram, a ocupação deles e os grupos étnicos a que pertencem se mostraram relevantes para a realização deste fenômeno linguístico.

Ademais, o estudo mostra que além dos condicionadores sociais, a avaliação do falante em relação à ilha, também se mostra relevante, pois evidenciou que quanto mais o morador valoriza o lugar onde mora, mais valoriza as variantes conservadoras do local e, quanto menos estima, a tendência é adotar variantes externas à ilha, a exemplo dos veranistas, considerada padrão, inovadora. Labov também controlou fatores linguísticos como: ambiente fonético, tonicidade e influência estilística, mas os resultados mostraram que os extralinguísticos pesaram mais nesse fenômeno.

Em relação ao estudo sobre a mudança sonora na ilha de Martha's Vineyard, a constatação do autor é a de que esse fenômeno está "servindo como uma reivindicação simbólica aos direitos e privilégios locais, em oposição à ocupação da ilha pelos veranistas que estavam comprando e habitando toda a ilha" (SILVA, 2009, p. 30), situação responsável pelo deslocamento dos nativos para montes e depressões.

Assim, segundo Labov, a análise de seus dados revelou que "a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente ligada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas" (LABOV, 2008[1972], p. 48). Ao final de seu trabalho, o linguista conclui que fica evidente que o significado imediato desse traço fonético é 'vineyadenses'. Quando um homem diz [rɛit] ou [hɛus], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence" (LABOV, 2008[1972], p. 57).

Ao longo do primeiro estudo, Willian Labov utilizou-se de uma metodologia e de instrumentos metodológicos específicos até então nunca usados por pesquisadores da língua no

² Labov faz o uso dos parênteses em vez de barras ao se referir às variáveis linguísticas (ay) e (aw). Segundo ele, as diferenças subfonêmicas na posição do núcleo de /ay/ e /aw/ são consideradas como variações livres; já as variáveis (ay) e (aw) são consideradas mais significativas e carregam informação sociolinguística, portanto indicam que essa variação é o principal foco de estudo.

contexto social, como entrevistas individuais gravadas, instrumentos de coletas de dados seguros para lidar com dados da fala em uso, especificamente, o vernáculo da língua. Por meio de tais procedimentos comprovou que a fala dos indivíduos reflete muito a suas experiências de vida e suas atitudes, daí então, a importância dessa primeira pesquisa para o início do desenvolvimento de novas pesquisas utilizando-se de uma sistematização mais efetiva de análise da língua por meio da Teoria da Variação e Mudança.

No estudo sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamento da cidade de Nova Iorque, Labov admite que, apesar da conclusão a que chegou sobre o trabalho na ilha de Martha's, esse estudo encontrou limitações, porque a variável encontrada não era saliente. Ele atribuiu a tal problema o tamanho reduzido da população de Martha's Vineyard, fato que segundo ele “tornou impraticável explorar em profundidade a reação subjetiva dos falantes nativos aos ditongos centralizados³” (LABOV, 2008[1972], p. 61).

Além disso, o autor relata que foram feitas muitas mudanças na estrutura da entrevista à medida que o estudo progredia, o que comprometeu o controle rigoroso dessa técnica. Em vista disso, Labov (2008 [1972]) julga que as pesquisas realizadas posteriormente na cidade de Nova Iorque foram mais refinadas para a compreensão do mecanismo da variação e mudança linguística, muito embora a abordagem básica de isolamento das variáveis tenha sido utilizada nos mesmos modelos de Martha's Vineyard.

As pesquisas citadas são objetos de sua tese de doutorado, que contém uma série de estudos que tratam diretamente do estudo sociolinguístico da cidade de Nova York. O primeiro deles, o qual explicaremos adiante, foi o estudo piloto realizado em lojas de departamento em Manhattan, no coração de Nova York. Willian Labov intencionava com esse trabalho testar empiricamente se a variável linguística representada pela consoante (r), em posição pós-vocálica (*car, card, four, fourh*), poderia ser um “diferenciador social em todos os níveis da fala de Nova York”, uma vez que a ausência do /r/ na fala dos nova iorquinos indicava uma marca no falar dos moradores desta cidade. Hipoteticamente, a presença do (r) poderia representar uma marca de diferenciação social.

A hipótese então levantada por Labov é a seguinte: “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do /r /” (LABOV, 2008[1972], p. 65). Além disso, o autor pretendia investigar se “os eventos de fala rápidos e anônimos poderiam ser

³ Labov utiliza o termo “ditongos centralizados”, para se referir às variantes dos ditongos /ay/ e /aw/ em que seus primeiros elementos se encontram mais altos que [a].

usados com base para um estudo sistemático da língua". Em busca de respostas para essas indagações, procedeu assim para mais um trabalho de investigação sobre a língua falada.

Para comprovar sua hipótese de forma mais exata, Labov buscou um caso sutil de estratificação dentro de um mesmo grupo ocupacional. Usou como informantes de sua pesquisa vendedoras de grandes lojas de departamento de Manhattan, selecionadas conforme o *status* (alto, médio e baixo), com base na escala de preço e de moda. As lojas selecionadas foram: *Saks Fifth Avenue* (*status* superior), *a Macy's* (*status* médio) e *a S. Klein* (*status* inferior). Com essa divisão seu objetivo era testar se os vendedores desses estabelecimentos apresentariam uma estratificação social comparável aos clientes da loja. Tal suposição foi baseada suposição foi baseada no trabalho do sociólogo americano Wright Mill, segundo o qual as vendedoras em grandes lojas de departamento tendem a apropriar do prestígio de seus clientes, ou ao menos, se esforçam na mesma direção. Com esse argumento, LABOV (2008 [1972]), elucida sobre sua hipótese de trabalho:

Uma vez que o produto da diferenciação e da avaliação social – por menor que seja – revela a estratificação social dos empregados das três lojas, a hipótese prevê o seguinte resultado: vendedores da loja de *status* mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de *status* médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os de loja de *status* mais baixo vão apresentar os valores mais baixos. Se tal resultado se verificar, a hipótese terá sido confirmada em proporção ao rigor do teste. (LABOV (2008 [1972], p. 66)

Ao contrário do que fez em Martha's Vineyard, Labov não gravou as entrevistas: como se fosse um cliente da loja, anotava as falas dos vendedores em resposta à pergunta: “por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, e o retorno já esperado era: “no quarto andar” (*foufh floor*, em inglês). Somente com esse *feedback* à pergunta, o autor já identificava dois contextos fônicos da pronúncia do /r/ em posição pós-vocálica: um no meio da palavra, outro no fim. O linguista, no entanto, objetivando apurar uma fala mais monitorada, repetia a pergunta fingindo não ter compreendido a resposta. Desse modo, o informante respondia de forma mais enfática (LABOV, 2008 [1972]).

Por meio do uso deste método sistemático e anônimo, o autor registrou além dos dois contextos fônicos, dois estilos diferentes de fala: a primeira resposta (mais casual, pronunciada sem uma preocupação especial por parte do informante; e a segunda resposta (mais monitorada, pronunciada com mais ênfase pelo informante, objetivando que o pseudocliente compreendesse melhor a sua resposta) (LABOV, 2008 [1972]).

Após proceder, sistematicamente, da mesma forma nas três lojas, os resultados do estudo mostraram nítida e coerente a estratificação do /r/ nas três lojas, uma vez que da análise resultou que 62% dos vendedores de Sacks, 51% dos da Macy's e 21% dos da Kleins pronunciam o /r/ sempre ou às vezes. A estratificação fica mais evidente quando se percebe a porcentagem de falantes que sempre pronunciam o /r/, ou seja, nunca falam à maneira dos nova-iorquinos: 30% na Sacks, 20% na Macy's e 4% na Kleins. Com isso, Labov pôde perceber que “os usos linguísticos são diferenciados de acordo com as estratificações sociais” (MENDES, 2013, p. 123), visto que sua hipótese inicial havia se comprovado.

Além dessa confirmação, Labov (2008[1972], p.86-87) chega a uma conclusão importante: de que as entrevistas rápidas e anônimas podem ser uma fonte valiosa de informação sobre a estrutura sociolinguística de uma localidade. A pesquisa configurou-se como importante estudo para a história dos estudos sociolinguísticos, bem como para esclarecer ainda mais que há uma correlação entre os fatos sociais e os fatos linguísticos.

Além destes dois trabalhos, vários outros se seguiram e se tornaram fontes de referência para estudos sociolinguísticos posteriores, como: a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque, e o estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros.

1.2.3 Os grupos de fatores externos na Sociolinguística

Como já detalhado, a sociolinguística é um campo da linguística que se concentra no estudo das relações entre língua e sociedade. Uma das áreas de pesquisa mais proeminentes dentro da sociolinguística é a análise dos fatores externos que influenciam a variação linguística. Os fatores elencados podem ser agrupados em várias categorias, incluindo fatores sociais, culturais, históricos e geográficos e recebem denominações diferentes no campo de pesquisa sociolinguística, como: variáveis independentes extralinguísticas, condicionadores extralinguísticos, agentes externos, fatores condicionadores e fatores sociais (LABOV, 1972; MOLLICA, 2015; TARALLO, 1997; COELHO et al, 2015). Neste trabalho, adotaremos o termo adotado por Labov (2008[1972]): fatores sociais.

Cabe mencionar aqui que a primazia em considerar os fatores sociais como relevantes nos estudos da língua é atribuída a Labov nos meados da década de 60, quando iniciaram os primeiros estudos correlacionando as variações decorridas da heterogeneidade da língua à dinâmica social, em que analisou o efeito dos fatores externos nos traços do inglês padrão e não

padrão na Ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova York, conforme já citado no anteriormente no item subitem 1.2.2.

De acordo com Labov (2008[1972]), os fatores sociais que podem desempenhar papel preponderante na variação linguística são: *idade, gênero, classe social, nível de escolaridade, ocupação profissional, etnia, região geográfica (urbano/rural) e posição nas redes sociais*. Todavia, é importante destacar que a escolha dos fatores sociais depende do fenômeno a ser investigado (fonológico, morfológico e semântico), melhor dizendo, o pesquisador deve ter um conhecimento pormenorizado da localidade de estudo e esses devem estar relacionados com as escolhas metodológicas de limitação da localidade de estudo.

Labov, por exemplo, ao descrever a variação na Ilha realizou um estudo detalhado do comportamento social, histórico, cultural e linguístico daquela localidade, para assim definir o grupo de fatores externos e suas relações com o fenômeno estudado. Da mesma forma, ao estudar o comportamento linguístico dos adolescentes privados de liberdade no Centro de Socioeducação de Ponta Grossa no estado do Paraná, os pesquisadores Etto e Carlos (2018) definiram o ‘nível de escolaridade’, ‘convívio’ e ‘tempo de internação’ do falante, como fatores sociais relevantes para o estudo, uma vez que compreendem que a forma em que são divididos os internos, a escolaridade o tempo em que estão confinados, podem resultar em diferenças no comportamento linguístico do falante e, portanto, em diferentes frequências de uso da variedade linguística em estudo, que se tratava de uma variedade linguística caracterizada pela presença de palavras com sentido figurado, um estudo semântico-lexical (ETTO e CARLOS, 2018).

1.2.4 Fator social - sexo/gênero

Em se tratando do fator social “sexo/gênero”, de acordo com Paiva (2015, p.33), a primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo se encontra em Fischer (1958), em um estudo intitulado *Influências Sociais na escolha de Variantes Linguísticas*. Neste estudo, ao analisar a variação na pronúncia do sufixo inglês – *ing*, formador do gerúndio (walking, talking), o autor chegou à conclusão que a pronúncia velar era mais forte entre as mulheres. A diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo corresponde a uma diferença de valorização social: forma prestigiada *versus* forma não prestigiada, respectivamente.

O estudo de Fischer nos mostra, portanto, um indicador de que as mulheres são mais conservadoras, pois preferem utilizar as formas de prestígio na linguagem e o que é mais interessante é que esse comportamento conservador tem relação com o papel social que a mulher assume na sociedade. Diversos estudos variacionistas atestam o que foi levantado por Fisher, de que as mulheres estariam mais propensas ao uso de variantes conservadoras. Em consonância, Labov (2008 [1972]) afirma que os falantes do sexo feminino são mais sensíveis às variantes de prestígio e “tal comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel no mecanismo de mudança linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 347).

Como exemplo, citamos o estudo realizado por Santos (2020) sobre o alteamento da vogal /o/ em posição tônica, em pronúncias muito comuns no interior do estado como [‘bua] em vez de “boa”, presente na fala de informantes da zona rural do município de São Paulo de Olivença (AM). O resultado deste estudo de aspecto fonético-fonológico mostrou que este fenômeno é favorecido na fala dos homens e desfavorecido na fala das mulheres, corroborando, portanto, com Labov (2008 [1972]) e com Paiva (2015), de que “[...] as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”.

Outros, no entanto, como o realizado por Martins (2019) no município de Fonte Boa/AM, intitulado “*Uma abordagem sociolinguística da concordância de número no falar dos moradores do município de Fonte Boa (Amazonas)*”, mostrou índices altos de marcação de concordância na fala dos homens, os quais favorecem o uso da variante de prestígio, enquanto as mulheres apresentam índices inferiores.

Como em Tefé/AM, de acordo com Martins (2010), o comportamento dos moradores apresenta alguns traços de uma sociedade conservadora, como os filhos tomarem benção dos pais, o uso de senhor e senhora dedicados aos mais velhos, levantamos a hipótese de que as mulheres buscam o uso do vernáculo mais próximo ao padrão. Diante disso, em consonância ao que foi levantado por Paiva (2015), Labov (2008 [1972]) e Santos (2020), levantamos a hipótese de que as mulheres, em busca de prestígio social tendem a usar as formas canônicas, enquanto os homens usariam mais as formas não canônicas do fenômeno investigado.

1.2.5 Fator social - escolaridade

A escolaridade é frequentemente considerada um fator determinante no uso da língua. Estudos sociolinguísticos têm demonstrado que pessoas com diferentes níveis de educação podem apresentar variações linguísticas distintas. Isso pode ser observado em diversos

aspectos, incluindo vocabulário, pronúncia, gramática e estilo de fala. Indivíduos com maior escolaridade tendem a usar a língua de maneira mais formal, mais aproximada da normal culta, enquanto aqueles com menor escolaridade podem empregar uma variedade mais informal ou vernacular.

Em muitos contextos sociolinguísticos, a escolaridade está intimamente ligada às normas linguísticas e ao estigma linguístico. Variedades linguísticas consideradas “não padrão” podem ser associadas a níveis mais baixos de educação. Isso pode resultar em estigmatização de falantes que utilizam essas variedades, levando à perpetuação de desigualdades, além de linguísticas, também sociais.

No que diz respeito a este fator social, nossa investigação tende a verificar se a escolaridade influencia no uso da forma não canônica, isto é, os falantes menos escolarizados utilizam com mais frequência em seus repertórios linguísticos a variante não canônica *-emo(s)*, que os mais escolarizados? Assim, levantamos a nossa hipótese baseada nos estudos de Pereira (2014) e Pereira (2021). No primeiro estudo, que utilizou o corpus pertencente ao VARSUL, o fator “escolaridade” foi preponderante, visto que os mais escolarizados não utilizaram nenhuma forma da variante não canônica *-e-mo(s)*. Ao passo que os menos escolarizados foram responsáveis por todos os usos da variante não canônica.

Já o segundo estudo, em Pereira (2021) a variável extralinguística ‘escolaridade’, foi estratificada em três possibilidades: Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Os resultados mostraram que o menor nível de escolaridade (até fundamental I) foi a categoria que mais favoreceu o uso da variante /e/. O nível intermediário (até fundamental II) propiciou o aumento de uso da forma canônica e a diminuição do uso não canônico, ao passo que os informantes com ensino médio apresentaram um uso de somente muito baixo da forma não canônica.

1.2.6 Fator social - faixa etária

Um dos fatores externos que têm sido extensivamente estudado é a “faixa etária”. A idade de um falante desempenha um papel significativo na variação linguística, e as pesquisas nesse domínio têm gerado uma compreensão profunda sobre como a língua evolui e se adapta ao longo da vida de um indivíduo.

À medida que as pessoas envelhecem, é comum observar mudanças em seu repertório linguístico. Elas podem ser influenciadas por fatores biológicos, cognitivos e sociais. Um exemplo claro é que a fala de um indivíduo com idade mais avançada pode mostrar alterações

na pronúncia, no vocabulário e até mesmo na construção da sentença (sintaxe), em comparação com a fala de pessoas com faixa etária mais jovem. É interessante perceber que essas alterações podem ser sutis ou perceptíveis e são frequentemente influenciadas pela integração com grupos sociais específicos.

De todo modo, o estudo da influência da idade na variação linguística tem implicações importantes para a compreensão da comunicação entre gerações e, sobretudo, da transmissão da cultura linguística. Ademais, pode ser relevante para as áreas como, por exemplo, da educação, em que pode ser benéfico para o aprendizado da língua entre crianças e jovens, como também, pode ser crucial para a preservação de idiomas, visto que a compreensão das mudanças linguísticas ao longo das gerações pode ajudar na estratégia de manutenção da língua.

No tocante a este fator social, nosso banco de dados contemplou três faixas etárias: (1) de 9 a 21 anos (mais jovens); (2) de 22 a 49 anos (faixa intermediária) e (3) acima de 50 anos (mais velhos). Fundamentada em Labov (1994) e Silvestre (2007), em sua tese, Pereira (2021) cita a importância de estudarmos a faixa intermediária porque, de modo geral, os informantes dessa faixa estão inseridos no mercado de trabalho e, por uma questão de busca pelo prestígio e reconhecimento sociais, acabam se utilizando de variantes mais padrão. Já a primeira e a última faixas etárias, argui a linguista, “não estão inseridas neste contexto, uma vez que ou são muito jovens e não chegaram ao mercado de trabalho, ou estão em processo de aposentadoria e já saíram desse meio” (PEREIRA, 2021, p. 319).

Com base nestas informações, e chamando a atenção de que o foco de nosso estudo não é o fenômeno da mudança linguística em tempo aparente, nossa hipótese ao trabalhar com este fator social é de os informantes mais velhos (terceira faixa etária) são os que mais realizam as variantes não canônicas, tendo em vista que supostamente essas variantes sejam conservadoras na língua e também em razão de os informantes mais jovens (primeira faixa etária), estarem mais conectados de redes sociais e outros recursos tecnológicos.

1.3 Conceitos de variação, variantes e variáveis

Já está evidente até aqui que a Sociolinguística estuda a língua a partir do seu contexto social, fato reiteradamente comprovado por meio dos estudos de Willian Labov, os quais concluíram que os fenômenos da variação e mudança, inerentes a todas as línguas, não são vistos como um efeito do acaso, mas como fenômenos culturais motivados por grupos de

fatores linguísticos e extralinguísticos. Isso se dá porque, no sistema linguístico, as pressões sociais operam sobre a língua e fazem com que esta sofra variações. Cabe ao sociolinguista, então, tal como Labov, descobrir os contextos que favorecem a variação dentro da língua.

O termo chave da sociolinguística é a variação linguística. É utilizado nesta área de estudos para designar “diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa” (LABOV, 2008[1972], p. 221). Em concordância com o autor, Coelho *et al.* (2015, p. 16) conceituam a variação linguística como o “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto, com o mesmo valor referencial representacional, isto é, com o mesmo significado”. Isso implica dizer que em uma mesma comunidade, ou na fala de uma mesma pessoa, podem conviver tanto a forma “nós”, quanto à forma “a gente”, para se referir à primeira pessoa do discurso, bem como formas do tipo “*nós chegamo*” versus “nós chegemo”. Os fenômenos observados não são considerados pela sociolinguística como marginais, desimportantes e irrelevantes, mas sim providos de significado social, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos estudos linguísticos.

As variações, conforme dito, são inerentes às línguas e não comprometem o processo comunicativo de seus falantes. Elas são percebidas de várias formas, por falantes de um mesmo estado, de regiões diferentes, ou até mesmo de uma cidade ou grupo social. Por exemplo, num país de grande extensão territorial como o Brasil é possível perceber ampla diversidade de diferenças no português falado. Contudo, os falantes do português têm competência para compreender seu interlocutor seja ele de qualquer região que não seja a sua, mesmo que haja falhas na comunicação pela presença de um léxico ou uma expressão desconhecida, incomum para ele.

Para exemplificar, trazemos o caso de “você está bem?”, do português padrão, pronunciado em Minas Gerais, “*cê tá boa?*”, o que gera um pouco de estranheza aos falantes que não convivem nesse local. Ou também, de acordo com Romano (2018), a forma “*corgo*” ou “*corguinho*”, usada no interior no Centro-Sul, em regiões de Goiás, Mato Grosso e Minas, para se referir à forma padrão “*córrego*” ou “*córrego pequeno*”, que significa pequeno rio de mais de dois metros de largura, que por sua vez é chamado de “*igarapé*” em municípios da Região Norte, nos estados do Amazonas e Pará (SANCHES, 2018).

Esses são alguns exemplos que ilustram a variedade linguística presente em todas as línguas humanas e atestam sobretudo, que a heterogeneidade é inerente a elas. A variação, “além de ser uma característica fundamental da língua, é ainda um pré-requisito para a mudança linguística” (GÖRSKI, 2013, p. 86). Contudo, mesmo sendo ela responsável por mudanças estruturais na língua, esta continua estruturada enquanto as mudanças vão

acontecendo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Portanto, as variações não comprometem o entendimento entre os falantes, pelo contrário, as palavras e expressões em variação “são ricas de significado social e tem o poder de comunicar os nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pelo qual disputam” (COELHO *et al.*, 2015, p. 16).

Por meio dos estudos sistemáticos dos fenômenos em variação, foi constatado que as variações se realizam em todos os níveis gramaticais. De acordo com Coelho *et al.* (2015), elas se realizam no campo do léxico (semântico), no campo fonológico, morfológico, sintático e discursivo. A variação lexical, por exemplo, é percebida quando um mesmo referente é representado por vocábulos diferentes e pode ocorrer entre regiões de um país, entre cidades de um mesmo estado, entre países diferentes e é vinculada a grupos de fatores extralinguísticos de caráter cultural e social. Exemplos comuns desse tipo de variação são: *jerimum/abóbora*; *macaxeira/mandioca*; *cajá/taperebá*; *sacolé/dindim/totó*; *pipa/papagaio*; *suvina/mão-de-vaca/muquirana*, e inúmeros outros exemplos típicos de um país multicultural.

Outro exemplo bastante ilustrativo é a brincadeira de criança comumente chamada de Amarelinha na maioria das capitais do Brasil. De acordo com Silva (2016), é chamada de *Academia* na região do Nordeste (Natal, João Pessoa e Recife), de *Canção* no Nordeste (Maranhão e Teresina), *Avião* em Maceió, e também chamada de *Macaca*, *Macacão* e *Macaco* em demais cidades do Norte e Nordeste. É interessante dizer que mesmo com essas distinções, é possível perceber que esses termos e palavras fazem parte do português brasileiro e, apesar de tantas variações que abrangem todo o território nacional, a comunicação entre os interlocutores de diferentes regiões se faz de maneira eficaz. Os exemplos mencionados são encontrados em inúmeros artigos de pesquisas dialetológicas realizadas nas diversas regiões do Brasil e também no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Já a variação fonológica se dá quando uma mesma palavra é pronunciada de forma diferente, portanto, ela se dá no nível do fonema. Coelho *et al.* (2015) citam como exemplos desta variação as palavras: *muié* (por mulher), *bejo* (por beijo); *veia* (por velha), *foia* (por folha), *trabaio* (por trabalho), *fosfro* (por fósforo), *adevogado* (por advogado), *probrema* (por problema). Campos (2009) investigou tipos desse nível linguístico no município de Borba, no interior do Amazonas, um fenômeno bastante recorrente e peculiar na fala dos moradores da região do Rio Madeira, construções como: *ficu* (para ficou); *curo* (para couro); *uito* (para oito), *tuco* (para toco), *canua* (para canoa), *cuxa* (para coxa), *peixe-bui* (para peixe-boi), *puca* (para pouca), *rubo* (para roubo).

A variação morfológica se dá no nível do morfema, que é a unidade mínima de significado da língua. Citamos como exemplo os casos mencionados brevemente por Bagno (2007, p. 40) que, nos termos do autor, vê-se uma variação morfológica nos pares *pegajoso* e *peguento*, uma vez que os sufixos –oso e –ento, em um mesmo contexto morfológico, veiculam a mesma noção semântica.

Há casos ainda, que a variação abrange outros níveis gramaticais. Coelho *et al.* (2015, p. 28) nomeia este fenômeno de interface. Para fins de elucidação, mostramos aqui o caso elencado por Cristófaros-Silva (2022, p. 12), que ocorre no português de Belo Horizonte: a terminação “ndo”, das formas de gerúndio é pronunciada como “no”: *comeno, fazeno, quereno, dançano e vendeno*. Vê-se, nessas formas, a queda do fonema /d/, que faz parte do morfema -ndo, que indica gerúndio, tratando-se, portanto, de uma variação morfofonológica.

A variação sintática, por sua vez, se dá no nível da construção frasal. Como exemplo de tal tipo de variação, trazemos as amostras de Beline (2010) que argumenta que há mais de uma forma para expressar a negação em nossa língua, como por exemplo, as formas: a) *Olha, eu não vou sair agora...* b) *Olha, eu não vou sair agora não*. Com esses dois exemplos, podemos perceber que a sintaxe de negação no português brasileiro tem duas variantes. Isso significa, segundo o autor, que é indiferente a posição do advérbio de negação antes da forma verbal ou ainda reiterá-la no final da sentença (BELINE, 2010). Outros exemplos bastante ilustrativos são os citados por Oliveira (2022) quanto ao uso dos pronomes relativos nas orações adjetivas, como em: a) *o rapaz com quem conversei*, b) *O rapaz que eu conversei com ele* e c) *O rapaz que eu conversei*. A partir dos exemplos citados, podemos afirmar, portanto, que temos duas ou mais construções sintáticas diferentes que expressam o mesmo significado referencial no português brasileiro, e que todas essas formas são aceitáveis no processo comunicativo.

A variação discursiva, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 29), ao contrário dos fenômenos variáveis anteriores, está além da frase, abrangendo partes textuais ou discursivas maiores. É um fenômeno de variação no plano de articulação do discurso, em que são considerados também a significação e o contexto situacional (COELHO *et al.*, 2015). Exemplos deste tipo de variação são o uso de conectores - marcadores discursivos que atuam como mecanismos de coesão textual ligando coerentemente porções textuais num encadeamento lógico. Esses articuladores sintáticos, apesar de possuírem valores semânticos distintos, assumem em contextos discursivos maiores o mesmo valor representacional, passando a ser variantes que constituem uma mesma variável linguística sendo, portanto, intercambiáveis.

Estudos revelam este tipo de variação discursiva com o uso da conjunção aditiva *e*; com os advérbios de lugar *aí*, *daí* e o advérbio de tempo *então*. Todos estes conectores,

isoladamente, não se configuram como variantes, todavia, Tavares (2017) e Coelho *et al.* (2015) revelam que, em determinadas porções discursivas, esses conectores introduzem sequências discursivas, dando continuidade de forma coesiva ao texto, numa relação de sequenciação retroativo-propulsora entre informações estabelecida pelo falante, tendo assim o mesmo valor representacional, que é de chamar a atenção do interlocutor para aquilo que está sendo falado, auxiliando no estabelecimento de relações coesivas de causalidade:

Sim, eu estava um dia jogando, *ai* eu fui entrar na loja de uma pessoa, *ai* tinha um buraco enorme *e* eu caí *e* perdi meus seis diamantes e minha armadura completa de ferro. Fiquei muito triste, muito mesmo. 1 (2) Acho que se tivesse emprego não- não tinha tanto assim- Até mesmo que nem eles fazem agora, exige estudo, né? *Então* o pessoal estuda pra manter o emprego, né? *Ai* eu acho que mudaria, né? muita coisa. (TAVARES, 2017, p. 02).

A variação linguística, de acordo com Tarallo (1997), é metaforicamente associada a um “caos linguísticos”, que se configura como um campo de batalha (variáveis linguísticas) em que duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa se enfrentam em um duelo de contemporização por sua subsistência ou coexistência. Essas duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa são chamadas de *variantes linguísticas*. Nos exemplos citados anteriormente, encontramos variantes para se referir à brincadeira de criança em que se pula e joga uma pedra: as variantes *amarelinha*, *academia*, *avião*, *macaca*, *macaco* e *macacão*; para se referir a um tubérculo típico da região norte, temos as variantes *macaxeira/mandioca*; as duas pronúncias possíveis para as palavras *peixe* e *pexe*; *vassoura* e *vassora* (COELHO *et al.*, 2015), bem como as formas *nós fomo*, *nós fomos*, *nos foi*, *nós fumu* são quatro variantes da mesma forma verbal no português brasileiro.

As formas variantes mencionadas anteriormente competem entre si, sob o condicionamento de grupos de fatores linguísticos, extralinguísticos e estilísticos pertinentes a seu contexto de uso, portanto, são adversárias no “campo de batalha” da variação (TARALLO, 1997) e encontram-se, sempre, em relação de concorrência umas com as outras, uma vez que recebem valores distintos nas comunidades de fala que se realizam, recebendo o nome de conservadoras x inovadora.

As variantes conservadoras são as que recebem maior prestígio sociolinguístico na comunidade, pois se aproximam das normais gramaticais, ao passo que as inovadoras são, na maioria das vezes, estigmatizadas pelos falantes da comunidade. Por exemplo, no caso da variação morfêmica: a não realização de *-m*, na desinência verbal, que indica P6 (eles), é

considerada inovadora e estigmatizada (eles *anda*); ao mesmo tempo que a presença de *-m* é considerada conservadora e de prestígio (eles *andam*).

Entretanto, essa correlação é complexa, é o que se verifica, por exemplo, no estudo sobre a centralização dos ditongos na Ilha de Martha's Vineyard, em que a forma não padrão (centralizada) não era estigmatizada pela população, mas se configurava entre seus falantes como uma afirmação identitária (LABOV, 2008 [1972]).

É importante sobretudo ressaltar que, conforme visto nos exemplos acima, uma variável linguística pode ter mais de duas variantes, a depender da localidade e historicidade dos falantes. Isso será mostrado na seção sobre variáveis linguísticas. Num estudo sociolinguístico, durante a análise dos resultados, é apurado se as variantes em estudo estão variando de forma estável, ou seja, apenas variando entre si, ou se realmente, está acontecendo um processo de mudança linguística em que uma variante, diante de grupos fatores externos alheios ao sistema linguístico, está favorecendo uma variante e desfavorecendo o uso de outra, fazendo com que entre em desuso.

Sobre isso, pesquisas feitas sob a égide dos estudos sociolinguísticos variacionistas comprovam que cada variante corresponde a certos contextos que a favorecem, por isso são portadoras de significado social, isso significa que a forma como o falante fala diz muito sobre sua vivência, sua cultura, religião, escolaridade, condição social, idade, valores (TARALLO, 1997). Em outras palavras, a forma com nós falamos denuncia quem somos, o país, estado ou região onde moramos, nossa escolaridade, se residimos na zona urbana ou rural, se pertencemos a uma cultura letrada ou não, nossa idade e profissão e por essa razão muitos falantes das variantes não padrão são vítimas de preconceito linguístico, barreira discriminatória que existe e continuará existindo enquanto ainda prevalecer a ideia de construções linguísticas “certas” e “erradas”, que se configuram nos compêndios gramaticais.

Outro conceito bastante importante na Sociolinguística é o de variável linguística. Vale ressaltar que o nosso sistema linguístico é regido tanto por regras categóricas, que são estáticas, portanto, sem possibilidades de mudanças, quanto por regras variáveis, inerentes ao próprio sistema (heterogêneo), sendo que a aplicação destas (regras variáveis) depende do ambiente linguístico e social em que o falante está inserido. As regras variáveis se materializam em fenômenos que tecnicamente são chamados de variáveis linguísticas, que são o objeto ou o foco da pesquisa sociolinguística (FREITAG, 2010).

Weireich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p 105) definem as variáveis linguísticas como “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma regra singular”. Tarallo (1997) considera variável linguística como um conjunto de variantes. Para ilustrar a questão, a

alternância entre *tu/você/senhor* é uma variável linguística (fenômeno variável), uma vez que se realiza por meio de três variantes, ou seja, três alternativas semanticamente equivalentes (MODESTO, 2006; MARTINS, 2010; COSTA, 2016). Da mesma forma, as formas pronominais *nós* e *a gente* se realizam como variantes na representação da primeira pessoa do plural, constituindo-se, assim, um fenômeno variável no português brasileiro (SILVA, 2004; RAMOS; BEZERRA; ROCHA 2009; ROCHA, 2009; MATTOS, 2017; RUBIO, 2019; NARDELLI, 2021).

Neste caso e em outros, a variável linguística selecionada como objeto de estudo numa pesquisa sociolinguística passa a ser definida como variável dependente, por possuir duas, três ou mais variantes. Podemos ver, portanto, variáveis dependentes binárias, com duas variantes; ternárias, com três variantes ou eneárias, com quatro ou mais variantes (COELHO *et al.*, 2015). As variáveis independentes são os condicionadores, que são os responsáveis por influenciar na escolha do falante por uma ou outra variante e podem ser de “natureza interna ou externa à língua, exercendo pressões sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2015a, p. 11), não agem, portanto isoladamente, mas se realizam “num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente semelhantes” (MOLLICA, 2015b, p. 26).

Sobre isso ainda, é relevante destacar que, numa pesquisa sociolinguística, as hipóteses levantadas sobre a realização das variáveis independentes, tanto linguísticas quanto não linguísticas que condicionam a escolha pelo falante de uma variante em detrimento de outra, não devem surgir do imediatismo, mas sim da observação intuitiva do pesquisador, inspirada pelo conhecimento dos mais recentes resultados dos estudos científicos da área; não devendo, portanto, o pesquisador agir com ideias pré-concebidas, ou seja, não flexíveis a mudanças e a pontos de vistas; mas, deve-se munir de problemas antevistos que são revelados preliminarmente por meio dos estudos teóricos.

Ao conjunto formado pelas variáveis dependentes e pelas variáveis independentes, Tarallo (1997) nomeia de “envelope de variação”. Coelho *et al.* (2015, p.119) definem com mais precisão este termo como uma “descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos que elas podem ou não ocorrer, ou seja, de como exatamente um fenômeno em variação está se movimentando na língua”. É, pois, um processo de construção investigativa que consiste basicamente no elencamento das variantes de uma variável linguística, em que se “apresenta, define e caracteriza detalhadamente cada uma das variantes” (TARALLO, 1997).

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) chamam a atenção em relação ao processo de definição de uma variável linguística para fins de investigação. Segundo os autores, a

definição de uma variável linguística deve ser feita de forma restrita, ou seja, o fenômeno identificado deve fazer parte da estrutura linguística de uma região. Caso sejam ocorrências linguísticas pouco frequentes, proferidas uma vez ou outra dentro do sistema linguístico, conseqüentemente serão gerados estudos poucos produtivos, superficiais, de traços linguísticos não representativos de uma comunidade.

Para evitar tal problema, convém ainda referir que Labov (2008 [1972]) explicita três propriedades mais úteis que devem existir numa variável linguística para servir de foco de estudo numa localidade, as quais o pesquisador deve estar atento, são elas: a) que o traço selecionado seja frequente, ou seja, que flua natural e reiteradamente no curso da comunicação tanto em contextos estruturados como em entrevistas curtas, b) deve fazer parte da estrutura linguística em um sistema mais amplo de unidades funcionais e c) deve ser altamente estratificado ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

1.4 Descrição morfológica dos verbos no Português Brasileiro

Segundo Cegalla (2000, p. 126), a maioria das palavras da língua portuguesa são provenientes do latim vulgar, isto é, do latim falado pelo povo. Tal variedade foi introduzida na Lusitânia pelos romanos, duzentos anos antes de Cristo. Assim, a palavra *verbo* tem sua origem em *verbum*, do latim que originalmente significava apenas “palavra”.

Nos compêndios gramaticais da língua portuguesa, o verbo, como classe gramatical, é definido a partir de três critérios, segundo a classificação criada por Câmara Jr. (2013 [1972]), em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa: o semântico, o morfológico e o sintático*. A fim de verificar quais critérios (semântico, mórfico e funcional), estão sendo utilizados na definição de verbo, fizemos um estudo comparativo em algumas gramáticas tradicionais (CUNHA e CINTRA, 2016; BECHARA, 2009; CASTILHO, 2014; AZEREDO, 2018).

Cunha e Cintra (2016, p. 392), na obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, definem o verbo sob dois tópicos:

1- Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. 2- O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.

Nesse trecho, observamos os três critérios conceituais do verbo. O sintático, em que, conforme citam os autores, o verbo exerce obrigatoriamente a função de predicado numa estrutura oracional. No critério semântico, os autores conceituam o verbo como um termo (...) exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. No morfológico é “Uma palavra de forma variável (...)”. (CUNHA E CINTRA, 2016, p. 392).

Evanildo Bechara (2009, p. 249) em sua *Moderna gramática portuguesa*, destinada a professores, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa, a respeito deste vocábulo, apresenta uma definição mais complexa para o público estudante: “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. Na sequência, o autor aborda a distinção entre verbos nocionais e relacionais, que é a base de distinção entre predicado verbal e nominal que, segundo ele, essa distinção só ocorre sob certo aspecto semântico. Quanto aos critérios conceituais: semântico “significado categorial”; mórfico e sintático “um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

Ataliba Castilho (2014) em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, mais voltada para alunos universitários é o que apresenta detalhadamente os três critérios na definição de verbo (propriedades gramaticais, semânticas e discursivas), definindo-o como as classes “que dispõem de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos”; como uma “palavra que articula seus argumentos” (critério sintático) (CASTILHO, 2014, p. 392) e, por fim, as formas verbais “expressam o estado de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos” (CASTILHO, 2014, p. 396).

Azeredo (2018, p. 180), na *Gramática Houass*, por sua vez, define, do ponto de vista estritamente morfológico, o verbo como “espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa”.

Além dos aspectos conceituais do verbo, é importante evidenciar neste trabalho que o verbo é uma classe de palavras que possui o maior número de flexões. Enquanto nos nomes (adjetivos, artigos, substantivos), as flexões se dão em número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino), no verbo figuram mais duas noções, a noção de tempo ou “ocasião da ocorrência do que o verbo se refere, do ponto de vista do momento da comunicação. A outra, que se lhe segue, indica dentro do vocábulo verbal, a pessoa gramatical do sujeito” (CÂMARA JR, 2013, p. 85). Na flexão de tempo, acumula-se a noção de “modo” (indicativo, subjuntivo e imperativo) e na flexão de pessoa gramatical, há a indicação de número: singular, plural ou neutro. Essas noções, apesar de muito diferentes, se completam para flexionar o vocabulário verbal (CÂMARA JR. 2013).

Assim, o verbo se reveste de dois morfemas flexionais: desinência modo-temporal, que indica o modo e o tempo do verbo e a desinência número-pessoal. Com essas características, o verbo se valida de diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo e o modo (CEGALLA, 2000). Visando dar coerência ao enunciado seja ele falado ou escrito, é necessária a realização por parte do emissor da conjugação verbal - variação inerente ao verbo - que se preocupa em adequar a forma verbal, flexionando-o à pessoa do discurso, que se realiza nos pronomes pessoais (eu, tu, ele, nós, vós, eles), nos três modos e nas três conjugações (1ª, 2ª e 3ª).

De acordo com Cunha e Cintra (2016, p. 400), o verbo possui algumas classificações, quanto à flexão: regulares, irregulares, defectivo e abundante e quanto à função, o verbo pode ser auxiliar ou principal, além outras formas de configurações verbais, contudo, não abordaremos aqui por não ser objetivo deste trabalho. As diversas formas verbais expostas até aqui têm como objetivo demonstrar que o falante possui um volume substancial de recursos linguísticos à sua disposição para se comunicar em qualquer contexto comunicativo.

O emprego do uso das construções verbais é prescrito nas diversas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, cujo objetivo é imperar a uniformização da língua oral e escrita, por meio de um infinito número de regras, visando “facilitar” a comunicação. Contudo, isso não ocorre de fato, pois há um grande e significativo abismo entre a forma como o falante se expressa e os princípios que regem as gramáticas.

Morfologicamente o verbo é um elemento que pode ser classificado como regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo. Observamos que esse elemento possui, dentro das normas gramaticais cultas flexões que assinalam número, pessoa, tempo, modo. Sobre isso nos fala Silva & Vilaça (2012):

Noções gramaticais muito diferentes são expressas através da flexão verbal em Português. De um lado, as de *tempo* e *modo*, indicando, respectivamente, o momento em que ocorre o processo verbal e a atitude do falante (de certeza, de impossibilidade, solicitação etc.) em relação ao fato que enuncia; de outro lado, a pessoa, assinalando na forma do verbo, a pessoa gramatical do sujeito, entendido como termo sobre o qual recai a predicação. [...] Ao lado das categorias de *tempo* e *modo*, coexiste outra complementar: a de *aspecto*, entendida, comumente, como a propriedade que tem uma forma verbal de indicar a duração do processo. Em nossa língua, como nas demais línguas românicas, a base do agrupamento das formas verbais faz-se, primeiramente, em função do *tempo*, mas, no pretérito, manteve-se a oposição, existente em latim, entre *imperfecto*, aspecto inconcluso, e *perfeito*, aspecto conclusivo. O aspecto, dado seu caráter secundário na morfologia do Português, será tratado apenas quando das considerações acerca do **modo** e do **tempo**. (SILVA, Maria Cecília P. de Souza. KOCH, Ingedore Villaça. pág. 79, 80. 2012

Sabendo o objeto de estudo da morfologia, cabe aqui esclarecermos a respeito de conceitos importantes sobre como: morfe, morfema, alomorfa, neutralização e desneutralização. Estruturalmente, a palavra é formada por elementos que a compõem, sendo que o menor elemento com significado gramatical ou lexical no vocábulo é o morfema.

Já sabemos que o termo *morfema* se refere a uma entidade abstrata. Gravamos também que, quando se concretiza, passando a fazer parte da estrutura de uma palavra, é preferível falar-se de *morfe*. O ideal seria que a cada morfema correspondesse um único morfe e vice-versa. Infelizmente, porém, conforme vamos agora observar mais detidamente, essa correspondência nem sempre é perfeita. (MONTEIRO, 2002, p. 23).

No que se refere ao morfe seria ele o elemento que representa graficamente o morfema. Sendo assim, um morfe constitui a realização de um morfema. Diversos morfemas são representados por um único morfe como, por exemplo, no verbo **cantar** cujo morfe é {cant-} e permanece igual em todas as conjugações (cantei, **cantamos**, **cantaram**).

Quando ocorre de um morfema ser representado por mais de um morfe temos, então, o fenômeno da alomorfa como podemos observar a seguir: cabra – caprino (alomorfa na raiz); cantávamos – cantáveis (alomorfa verbal).

Observemos melhor:

Pelo que já explicamos, todo morfema apresenta uma forma e um significado. Mas a forma nem sempre permanece inalterada. Às vezes, em determinados ambientes, ocorrem variações sem que o morfema deixe de ser o mesmo. Se analisarmos os cognatos de **pedra**, encontraremos **pedreiro**, **pedrada**, **pedraria**, **apedrejar** etc. O semantema será [pedr]. Todavia, em **petrificar**, notamos que a forma mudou para [petr]. Dizemos então que [petr] é uma variação mórfica, um alomorfe de [pedr] (MONTEIRO, 2002. p. 32-33).

Seguindo essa linha de compreensão, temos a neutralização, ou homonímia, que em Monteiro (2012, p. 105), é explicada da seguinte maneira: “trata-se de uma neutralização o fenômeno que consiste na impossibilidade de opor duas ou mais formas que se tornaram homônimas”. Observemos a seguir para melhor elucidar. Para melhor ilustrar, trazemos os exemplos citados por Pereira (2014), conforme a seguir:

1. Nós CUIDAMOS da cachorra “Amarelinha” sempre que ela precisa. (IdPr).
2. Quando a cachorra “Amarelinha” precisou, nós CUIDAMOS dela. (IdPt2).

Nos exemplos de Pereira (2014), apesar de o vocábulo “cuidamos” apresentar uma mesma forma, ele expressa ideias diferentes na P4. Já o verbo “dar” nos exemplos abaixo

ocorre um fenômeno diferente, ou seja, embora ele seja de 1ª conjugação, por ser irregular, não apresenta neutralização na P4, entre Presente e Pretérito.

3. Nós **DAMO(S)** comida para a “Amarelinha” quando ela sente fome. (IdPr).

4 Ontem, nós **DEMO(S)** comida para a “Amarelinha”. (IdPt2).

Nesses exemplos 3 e 4, há duas formas utilizadas para diferenciar o tempo Presente do Passado, ou seja, esse processo desfaz a neutralização. Tal como no trabalho de Pereira (2014), em nosso estudo tratamos desse fenômeno como um processo de desneutralização, ou seja, em vez de o falante usar uma forma verbal canônica para diferenciar o presente do Pretérito Perfeito *chegamos*, alguns falantes utilizam a forma “cheguemo”.

Estabelecemos até aqui uma relação entre as possibilidades de análise morfológica considerando-se os elementos que compõem o vocábulo e o emprego do mesmo no contexto onde está inserido. A língua, como parte integrante da alma de um povo, expressa os pensamentos, anseios e perpetua ideias, conceitos e concepções de mundo. Sendo assim, registrar e documentar as variações resultantes de sua evolução como instrumento de comunicação é fundamental para entendermos os mecanismos que geram novos conceitos e nos auxiliam no ato de comunicar.

1.5 A variação morfofonológica na P4 em verbos regulares da 1ª e 2ª conjugações no Presente e no Pretérito Perfeito

Pesquisas de cunho Variacionista mostram-nos que nas regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e, sobretudo, no Sul do Brasil a configuração do português nas modalidades de fala e escrita, desencadeia variadas formas de expressões comunicativas que são caracterizadas, grosso modo, como variedades populares e cultas. Apesar de todo aparato prescritivo oriundos de uma formação escolar, os falantes da língua, indivíduos pertencentes a uma comunidade linguística, isto é, homens e mulheres de idades, sexos, ocupações e escolaridades diferentes, de castas socioeconômicas distintas, desenvolvem atividades das mais diversificadas, e é natural, portanto, que essas dessemelhanças externas se reflitam na forma com que cada usuário da língua se expresse (NARO, 2015). É por isso que, além das variantes mostradas na Seção 1.3, é comum nos depararmos com exemplos de falas nas redes sociais, em jornais e diversas situações do cotidiano, com construções do tipo *nós fala*, *nós bebe*, *tu foi*, e eles *continua*, essas

construções demonstram que os falantes dispõem de múltiplos recursos linguísticos que lhes fornecem a competência para a realização de atos de comunicação nos demais contextos sociais, logo, as variantes oriundas desses atos de fala são representações de valores sociais e culturais de cada falante.

Pesquisas realizadas sobre fenômenos variáveis nas línguas comprovam que a variação verbal no Brasil é bastante comum, principalmente em fenômenos de concordância verbal, que trata da relação harmônica entre o sujeito oracional e o verbo, isso quer dizer que o verbo deve se flexionar para concordar em número e pessoa com o sujeito. Esta regra, porém, está cada vez menos produtiva tanto na fala quanto na escrita, em situação mais monitoradas e menos monitoradas, nas diversas regiões do Brasil (COSTA, 1990; SGARBI, 2006; LUCCHESI, 2015; SILVA, 2019; MAGALHÃES; CARVALHO, 2021; TAVARES, 2021; ALVES, MAGALHÃES, SOUZA, 2020).

Outro fenômeno que evidencia que as formas verbais estão em variação é citado por Amaral (1976 [1920], p. 29) em sua obra *Dialeto Caipira*, em que explicita algumas características do dialeto tipicamente rural de informantes do estado de São Paulo, como a variação da concordância verbal, que ocorre “nas formas do preter. perf. do indic. dos verbos em *ar*, a tônica muda-se em *e*: *trabaiêmo* = trabalhamos, *caminhêmo* = caminhamos”.

Citamos também o trabalho realizado por Costa (1990) no noroeste do Rio Grande do Sul, oriundo de sua tese de doutorado “O verbo na fala camponesa: um estudo de variação”, em que traça um panorama detalhado da fala de descendentes de italianos residentes na Colônia Santo Antônio, no município de Ijuí. Dentre os objetos de análise, foram identificadas “variações na forma fonológica da marcação número-pessoal da 3ª pessoa do plural em formas terminadas em [âw]” (COSTA, 1990, p. 75).

Exemplo desse fenômeno é a alternância entre [âw] e [õ], como eles *vão versus eles von*. A autora atribui a motivação dessa variação à dificuldade que os descendentes de italiano têm para pronunciar uma sequência específica de som (COSTA, 1990). Além desta, outra variação de natureza morfológica foi identificada nesse trabalho: trata-se da anulação da oposição entre conjugações, que afeta, portanto, a flexão verbal, que são “as variações entre falamos x falamo x falemo; somos x semo; falaram x falaro” (COSTA, 1990, p.76). No caso específico da variante *e-mo*, a autora atribui sua origem a partir de contatos interdialetais dos descendentes italianos, sendo mais produtiva sua ocorrência em regiões onde esse contato ocorre.

Apesar da diversidade de trabalhos até aqui mencionados, os estudos sobre variação verbal no português falado do Brasil ainda são poucos produtivos. Os estudos que trataremos

agora dizem respeito a um fenômeno pouco estudado, que é a da variação verbal morfofonêmica na P4 (nós) em verbos regulares na 1ª e 2ª conjugação no Presente e no Pretérito Perfeito, tema deste trabalho. Com intuito de buscar subsídios para esta investigação, percorremos diversas plataformas como: nas bases de dados do portal da CAPES (teses e dissertações), periódicos das principais universidades brasileiras (UFSC, UFPE, UFRJ, UFES e demais), dentre outras fontes. Os trabalhos mais relevantes sobre o tema em questão foram desenvolvidos por Pereira (2014; 2018; 2021), Pereira e Margotti (2018) e Pereira, Coelho e Loregian-Penkal (2016), professora do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), os quais serão mostrados seus os resultados, dando enfoque maior a Pereira (2014), que trata de um artigo elaborado para uma disciplina do mestrado da autora, e Pereira (2021), que trata do trabalho de conclusão de curso do curso de pós-graduação *Stricto Sensu* da pesquisadora Ivelã Pereira.

O trabalho publicado em artigo no ano de 2014 com o título “Cuidamos(s) e cuidemo(s): a variação morfêmica na P4 em verbos regulares de 1ª conjugação”, apresenta o resultado da pesquisa realizada durante o mestrado da pesquisadora Ivelã Pereira, e teve como objetivo “mapear a variação na morfologia verbal da 1ª pessoa do plural (nós), chamada também de P4 (4ª pessoa gramatical), dos verbos regulares de 1ª conjugação, nos tempos de pretérito perfeito e presente do indicativo” (PEREIRA, 2014, p. 50). Exemplos dessa variação decorre de construções do tipo: “nós *cuidemo(s)* da cachorrinha”, cuja vogal temática sofre um alteamento vocálico de {-a-} para {-e-}, sendo considerada, portanto uma variante não canônica, e a variante *cuidamos*, como em nós “*cuidamos* da cachorrinha’ é a considerada canônica.

Diante de tais ocorrências na fala florianopolitana, foi feito o estudo tendo como instrumento de coleta entrevistas gravadas em 2010 e 2012, e que compõem o banco de dados do VARSUL (agência de Florianópolis/SC), com informantes de bairros mais afastados da capital Florianópolis e também menos urbanizados (Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa e Ratoles), uma vez que, de acordo com estudos anteriores, na parte mais urbana da cidade havia na primeira pessoa do plural (P4) o “predomínio de “a gente” e da utilização categórica da forma canônica (sem variação) nos tempos verbais a serem analisados” (PEREIRA, 2014, p. 58).

Para desencadear as etapas da pesquisa, os grupos sociais controlados na investigação foram: *localidade* (Costa da Lagoa e Santo Antônio de Lisboa e Ratoles); *escolaridade*: Ensino Superior e Ensino Fundamental; *idade*: mais velho e mais jovem; *sexo*: feminino e masculino; sendo os lingüísticos: apagamento ou não do -s na DNP -mos: apagado e não apagado;

advérbio de tempo: há elementos temporais e não há; Assertividade da sentença: há elementos de negação e sem elementos; Realização do sujeito: explícito e nulo; Tempo verbal: passado e presente.

Pereira (2014) expõe a dificuldade encontrada durante a análise dos dados de que a maioria dos falantes dos bairros selecionados também utilizam o termo “a gente” em vez de “nós” para se referir à primeira pessoa do plural (P4), totalizando apenas 07 ocorrências do pronome “nós”. Pôde-se, porém, verificar mesmo assim que houve um número razoável de ocorrências da variante não canônica: *-emo(s)*, mais precisamente de 12%.

Como resultado, após a análise, no fator “localidade”, ao contrário do que foi previsto na hipótese, de que o bairro Costa da Lagoa, por ser mais isolado geograficamente que Ratoes e Santo Antônio de Lisboa, apresentaria mais usos da forma não canônica, o resultado foi diferente: houve um número maior de ocorrências da forma não canônica, no bairro de Ratoes e Santo Antônio de Lisboa, com 66% de realização da forma não-canônica, ao passo que o bairro Costa da Lagoa apresentou 26% da forma não-canônica.

Contudo, o estudo mostrou que mesmo utilizando a forma canônica, usuários utilizaram o apagamento do (s) no morfema número-pessoal, como em *pegamo*. Já os bairros de Ratoes e Santo Antônio de Lisboa tiveram um número elevado de ocorrência da forma não canônica (66%). Em vista disso, o fator localidade, conforme cita a pesquisadora, carece de um estudo mais detalhado sobre a história das comunidades investigadas, com vistas “à verificação de possíveis contatos dialetais, devido ao turismo frequente na Costa da Lagoa” (PEREIRA, 2014, p. 62).

No grupo de fatores *escolaridade*, partindo da hipótese de que a escolaridade influencia no uso das variantes em questão, ou seja, os falantes menos escolarizados utilizam com mais frequência que os mais escolarizados a variante não canônica. O estudo evidenciou que a forma não canônica não foi encontrada na fala dos falantes mais escolarizados, ao passo que a pouca escolaridade está associada a esta forma (46%). Interessante ressaltar que foi observado em falas de jovens poucos escolarizados a forma padrão em pequenos trechos do discurso, no entanto, no decorrer de sua fala, talvez motivado por emoção, o vernáculo foi despertando, e assim surgiram ocorrências da forma não canônica. Outro ponto a se destacar, assim como no grupo de fatores *localidade*, os falantes que utilizam a forma *-emo(s)*, ao variarem para a forma canônica, utilizaram a forma canônica com o apagamento do *-s* (PEREIRA, 2014).

Em relação ao grupo de fatores idade, a hipótese traçada foi a de que os informantes mais velhos estariam mais propensos à utilização de [e], de que os mais jovens, uma vez que

estes têm um contato maior com as mídias e com outras localidades e, como se trata de uma variante geralmente relacionada à fala rural, os informantes mais jovens possivelmente evitariam utilizá-la (PEREIRA, 2014). E de fato a hipótese foi confirmada, 86% dos falantes mais jovens utilizam a forma canônica e 16% a forma não canônica. A variante inovadora nos mais velhos tem uma ocorrência de 23%. Com isso, o estudo mostrou que o grupo de fatores *idade* aparenta indicar que os mais velhos optam pelo uso da forma não canônica, contudo está sempre associado ao grupo *escolaridade*, pois tanto informantes mais jovens quanto mais velhos com maior grau de escolaridade não produziram a variante não canônica (PEREIRA, 2014).

Idealmente, isso também foi percebido ao cruzar os grupos de fatores *idade* com o de *escolaridade*, resultando daí um número significativo de ocorrências da forma não canônica entre informantes mais velhos menos escolarizados. Diante de tais evidências, foi possível indicar que, apesar de os resultados se apresentarem de acordo com a hipótese levantada, o estudo mostrou que o grupo de fatores *escolaridade* tem um peso maior no uso da variante não canônica (PEREIRA, 2014).

Quanto ao grupo de fatores “sexo”, a hipótese levantada é de que as mulheres optam pela variante mais prestigiada, no caso a forma canônica, visto que este sexo tal como afirma Labov (2008 [1972]) tende a avançar mais rapidamente nas formas de prestígio e, portanto, desempenham um papel importante na mudança linguística. No entanto, o resultado do estudo dessa variável foi contrário a hipótese levantada, ou seja, as mulheres mostraram-se mais propensas ao uso da forma não canônica (menos prestigiada), com 53%. Ademais, ao cruzar com a variável escolaridade, o resultado foi que todas as ocorrências da forma canônica feitas pelos informantes do sexo masculino foram produzidas por apenas um dos informantes (informante 7), o qual, inclusive, apagou uma parte da DNP –mos (–moØ) (PEREIRA, 2014).

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, os que se mostraram relevantes foram: ‘apagamento (ou não) do -s no SNP –mos’ e ‘tempo verbal’. O apagamento do -s, de fato, é algo generalizado, pois o estudo mostrou evidências que esse apagamento esteve bastante relacionado à forma não canônica, muito embora ocorra também nas formas canônicas (PEREIRA, 2014). O estudo ainda mostrou que o não apagamento se revela em momentos em que os informantes apresentam um alto grau de monitoramento ou são mais escolarizados. Sobre o ‘tempo verbal’, houve um uso de 45% da forma não canônica e 55% da não canônica em contextos de Pretérito Perfeito; bem como 36% de não-padrão e pouco mais de 63% de padrão no presente. Entretanto, como o uso das variantes foi escasso pela predominância de “a

gente", a conclusão mais consistente a que se chegou foi sobre a pouca saliência desse fenômeno no local investigado (PEREIRA, 2014).

Para análise dos dados, a autora utilizou o programa estatístico *Goldvarb*. Nesses termos, o fator assertividade da sentença não obteve variação. Como alguns gráficos e tabelas não atingiram a percentagem de 100%, foi criado um dado novo para que o programa estatístico pudesse analisar. Por conta desse fator, a autora não conseguiu obter pesos relativos com relação ao número total de dados. Já com relação ao modo /tempo verbal/, a autora obteve uma percentagem de 15 %, o que corresponde a um peso relativo de 0.57.

A autora explicou o motivo que a fez decidir estudar este fenômeno; segundo ela, por muito tempo esse tipo de construções a intrigava, optou, portanto, por investigar essa variação em bairros mais afastados do centro e menos urbanizados de Florianópolis/SC, uma vez que o objetivo do estudo se restringia a trabalhar com o pronome “nós” e alguns estudos levantados revelaram que nos centros urbanos há o predomínio da forma “a gente”.

Contudo, durante a análise dos dados, conforme relata, deparou-se com uma grande ocorrência também da forma “a gente” nas comunidades de fala escolhidas, além do uso escasso da variante não canônica, concluindo assim que a utilização da forma não canônica provavelmente estaria relacionada a regiões de característica mais rural (PEREIRA, 2021). Não estando satisfeita, portanto, com o estudo, concluiu que “era preciso me debruçar em comunidades rurais” (PEREIRA, 2021, p. 16).

O segundo trabalho aqui abordado trata da pesquisa de doutorado finalizada em 2021 por Ivelã Pereira, com o título “*O Pirogue, nós Aprendimo Da Mãe*” e “*Agora nós mudemo O Borscht*”: *Varição Morfofonológica em Comunidades Rurais Eslavo-Brasileiras no Sudeste Do Paraná*. A autora conta que a idealização desse trabalho se deu a partir da convivência cotidiana com discentes dos cursos de Agronomia, no Sudoeste do Paraná, na cidade de Dois Vizinhos, que a fez perceber que além do uso da forma “e-mo”, existia a forma “i-mo”, havendo portanto, um uso diferenciado para “desneutralizar” o Presente e Pretérito Perfeito, não só na 1ª, como também na 2ª conjugação. Por exemplo: em verbos da segunda conjugação como *beber*, em que a forma canônica para se referir à terceira pessoa do plural (nós), é “nós bebemos”, há a coexistência também, na fala de seus alunos, da forma não canônica “nós bebimos”.

Diante de tal revelação, ela se propôs então a estudar esse tipo de variação morfofonológica precedente ao sufixo de pessoa-número (PN) em 1ª pessoa do plural, que costuma ocorrer no presente e no Pretérito Perfeito do Indicativo, na mesorregião Sudeste do Paraná. Trata-se, portanto, de um fenômeno de alternância vocálica precedente ao sufixo de PN

de 1ª pessoa do plural em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugações. Para a investigação, foram utilizados como *corpus* os dados coletados nas entrevistas sociolinguísticas do Banco VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava), que vinculado ao NEES (Núcleo de Estudos Eslavos) pertencente à UNICENTRO (campus Irati). O banco-base foi constituído por 243 entrevistas de sete cidades da mesorregião Sudeste do Paraná e todas apresentavam características rurais (inclusive porque as entrevistas foram feitas somente em zonas rurais) e a presença de imigrantes eslavos, a saber: Irati, Mallet, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, Ivaí e Cruz Machado.

A presente pesquisa busca responder a seguinte pergunta norteadora: os falantes de uma comunidade linguística eslava fazem a alternância canônica da vogal precedente ao sufixo de PN na 1ª pessoa do plural em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação? O objetivo geral da pesquisa foi descrever e analisar aspectos históricos, sociais, geográficos e linguísticos envolvidos no objeto linguístico morfofonológico, por meio do levantamento de variáveis independentes internas e externas, estabelecendo-se um estudo de interface entre Morfologia, Fonética e Fonologia, Sociolinguística Variacionista, Contato Linguístico e Dialectologia.

Amparada no axioma central da Teoria da Variação e da Mudança (TVM) – de que a variação e a mudança linguísticas são inerentes a todas as línguas, a fim de responder os questionamentos norteadores da pesquisa, foram propostos 15 fatores condicionantes, a saber: variáveis independentes linguísticas: 1) produção da vogal; 2) grau de ruralidade; 3) realização do sufixo de PN; 4) TMA; e 5) item lexical. Já os fatores condicionantes externos foram os que se seguem: 6) diatopia; 7) sexo; 8) faixa etária; 9) escolaridade; 10) nível de bilinguidade⁴; 11) etnia; 12) ocupação; 13) grau de etnicidade; 14) grau de mobilidade; e 15) grau de localismo.

Esses fatores foram levantados após estudos em que se apurou, mediante resultados estatísticos, quais os fatores linguísticos e extralinguísticos mais condicionam o uso das variantes não canônicas. Em seus resultados gerais, o estudo apurou um total de 1.858 ocorrências de uso de verbos de 1ª e 2ª conjugações na primeira pessoa do plural em similaridade às seguintes configurações morfológicas de tais exemplos: *falamos, falamo, falemos, falemo, comemos, comemo, comimos, comimo*.

No que tange aos resultados de 1ª conjugação, a investigação obteve 1.631 dados, sendo 900 ocorrências da variante canônica (55,2%) e 731 da variante não canônica (44,8%). Por sua

⁴ Tratado como um condicionador externo na tese de Ivelã Pereira, termo bilinguidade significa “os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida” (PEREIRA, 2021)

vez, os resultados de 2ª conjugação relativamente às variantes canônica /e/ e não canônica /i/, foram obtidos 227 dados, sendo 110 ocorrências da variante canônica (48,5%) e 117 da variante não canônica (51,5%). Em termos percentuais, o número de ocorrências de 1ª conjugação representa 88% do corpus, ao passo que a 2ª conjugação apresenta uma percentagem muito pequena de apenas 12%.

Com isso, a fim de mapear quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que mais condicionam o uso das variantes não canônicas em estudo, foram selecionados pelos fatores linguísticos e extralinguísticos constantes na tabela abaixo:

Tabela 1 - Fatores linguísticos e extralinguísticos, Pereira (2021).

Fatores selecionados pelo Goldvarb em 1ª conjugação	As variáveis selecionadas em 2ª conjugação
1) 'TMA'	1) 'TMA'
2) 'grau de ruralidade'	2) 'diatopia'
3) 'escolaridade'	3) 'faixa etária'
4) 'faixa etária'	4) 'grau de ruralidade'
5) 'etnia'	
6) 'diatopia'	
7) 'grau de etnicidade'	
8) 'realização do sufixo de PN'	
9) 'nível de bilinguagem'	

Fonte: Elaboração própria a partir do estudo de Pereira, 2021.

Por conta do número expressivamente menor de dados de 2ª conjugação (227 dados, comparativamente a 1631 dados na 1ª conjugação), houve um decréscimo de outras cinco variáveis, o que leva o programa de análise multivariada a selecionar menos fatores. Vejamos

Resultados da 1ª conjugação

1. Variável TMA (Tempo-modo-aspecto): o estudo revelou que nesta variável linguística, a tendência maior para as variantes não padrão está mais correlacionada para o contexto do passado. Assim, o uso de /e/ em 1ª conjugação foi privilegiado em 74,4% pelo TMA de pretérito perfeito do indicativo e de /a/ para presente do indicativo – 98,3%. Os resultados desta pesquisa não apenas atestaram a hipótese levantada, como revelaram um uso altamente expressivo de /e/ para passado, assim como uma utilização quase categórica de /a/ para presente do indicativo (PEREIRA, 2021).

2. Variável Grau de ruralidade: fator criado especificamente para este estudo específico, esta variável apresenta três graus (baixo, médio e alto). Os resultados revelaram que

sujeitos com grau alto de ruralidade realizam com mais frequência a forma não canônica. Assim o uso da forma não canônica /e/ foi privilegiado em 52,9% caso de grau “alto” de ruralidade, em comparação ao número escasso de 17, 4% ocorrências dessa mesma variante em grau “baixo”, revelando que o ‘grau de ruralidade’ é influente para o uso não canônico desse fenômeno linguístico (PEREIRA, 2021).

3. Variável ‘Escolaridade’: a terceira variável independente selecionada pelo programa, os resultados mostraram que o menor nível de escolaridade (até fundamental I) foi a categoria que mais favoreceu o uso da variante /e/, com 57,2% de uso, em contraste a 42,8% da variante canônica /a/ (PEREIRA, 2021).

4. Variável ‘Faixa etária’: o estudo revelou que faixa etária mais alta (acima 50 anos) apresentou a maior porcentagem de uso da variante /e/ – 47, 1%, que equivale a 304 ocorrências, em oposição a 52,9% da variante /a/, 341 ocorrências. Já a faixa etária mais baixa (até 50 anos) apresenta um uso de 56,7% da variante canônica (559 dados) e de 43,3% da variante não canônica, num total de 427 ocorrências. Contudo, ao gerar os pesos relativos, o resultado foi de 0.568 da faixa etária mais jovem em relação à aplicação da regra variável não canônica mostra que não são os informantes mais velhos que estão privilegiando o uso de /e/ (PEREIRA, 2021).

5. Variável ‘Etnia’: esta variável contou com quatro categorias (*polonesa, ucraniana, eslava e mista com outras*), e foi criada por ser o corpus composto por eslavos em algum grau. Assim, o efeito da variável ‘etnia’ sobre a aplicação do fenômeno morfofonológico da alternância vocálica de /a/ para /e/ é de que a categoria *mista eslava* é a que favorece o uso da variante não canônica /e/, com peso de 0.691, seguida pela categoria *polonesa*, cujo peso relativo é de 0.534. na sequência, vem categoria étnica menos eslava, por ser *mista com outras* etnias, apresentando peso relativo de 0.450 (PEREIRA, 2021).

6. Variável ‘Diatopia’: o estudo mostrou que a cidade de Irati é a que apresenta maior peso relativo para o condicionamento de uso da forma não canônica, com 0.751 de peso relativo, mas é a quarta cidade no ranking, com 21,3% de taxa de urbanização (PEREIRA, 2021).

7. Variável ‘Grau de etnicidade’: esta variável contou com três graus (I, II e III). O maior grau representa o sujeito que se identifica como o universo étnico específico e apresenta um sentimento de pertencimento cultural à sua comunidade, englobando (6) características, como: (1) religiosidade, mediante a participação ativa da igreja (católica romana, no caso de poloneses; e ortodoxa, no caso de ucranianos); (2) atuação em grupos folclóricos da sua cultura; (3) conhecimento de culinária e pratos típicos; 4) saber falar a língua; (5) considerar importante e contribuir para a manutenção e propagação da cultura eslava (passando a seus filhos e parentes

mais jovens); e (6) produzir algum tipo de artesanato ou dominar alguma arte de cunho eslavo (como dança, música, pintura em ovos, entre outros) (PEREIRA, 2021).

A partir do gráfico mostrado na tese, constatamos uma curva descendente de uso não canônico de acordo com o aumento do ‘grau de etnicidade’, isto é, quanto maior o grau de identidade eslava, menor o uso da variante /e/, sendo que o grau I é o que apresenta maior uso, com 56,8%, e o grau III, o menor uso, com 37,4% (PEREIRA, 2021).

8. Variável ‘Realização de PN’: em relação à essa variável independente interna, o estudo demonstrou que há uma forte correlação entre o uso da variante não canônica /e/ e da forma de PN /mo/, bem como uma desvinculação de /mos/ em relação a essa mesma variante. Assim, o uso /mo/ é bastante generalizado, sendo registradas 1579 ocorrências em oposição a apenas 52 ocorrências de /mos/, num universo de 1.631 dados que compõem o *córpus* de 1ª conjugação (PEREIRA, 2021).

9. Variável ‘Grau de bilinguagem’: esta variável independente extralinguística possui três graus (1, 2 e 3). Considera três graus de bilinguagem: 1) não entende (muito); 2) apenas entende; 3) entende e fala (incluindo escrita na língua). O estudo mostrou por meio de gráfico que o *grau 3* estaria mais relacionado ao uso da variante canônica, por conta da porcentagem de 60,7% (491 ocorrências) em oposição ao uso de 39,3% (318 ocorrências) da variante não canônica. Já o *grau 2*, 53,6% (96 ocorrências) da variante não canônica e 46,4% da canônica /a/ estaria privilegiando o uso da vogal /e/. Por fim, o *grau 1*, com o valor de 49,3% (317 ocorrências) de /e/, contrastando com 50,7% (326 ocorrências) de /a/ estaria no *intermezzo* de uso (PEREIRA, 2021).

Contudo, o programa estatístico condicionou ao grau 3 o uso da variante não canônica /e/, mas o número muito maior de dados em tal categoria (809 ocorrências) em comparação ao número total de 643 ocorrências no *grau 1*, bem como de 179 ocorrências no *grau 2* acabam por interferir na geração dos pesos relativos (PEREIRA, 2021).

Resultados da 2ª conjugação

Importante mencionar que do rol de 14 variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas propostas no estudo, (as mesmas da 1ª conjugação), o programa de análise multivariada selecionou quatro variáveis na seguinte ordem: 1) ‘TMA’; 2) ‘diatopia’; 3) ‘faixa etária’; e 4) ‘grau de ruralidade’, para análise dos verbos de 2ª conjugação. Neste caso, a base para o estudo é a variante não canônica, vogal /i/, para o estabelecimento da regra variável em estudo.

1. Variável TMA (Tempo-modo-aspecto): o estudo revelou que tal como ocorre em verbos de primeira conjugação, a forma não canônica é realizada no pretérito perfeito do indicativo, explicitando o condicionamento de uso de /i/ para esse contexto específico de tempo-modo-aspecto (PEREIRA, 2021).

Este resultado fortalece a tese de que a forma não canônica se estabelece na língua para romper com um sincretismo de formas que gera ambiguidade temporal aos falantes (PEREIRA, 2021).

2. Variável ‘Diatopia’: a localidade de Rio Azul, que teria a maior taxa de urbanização, é justamente aquela em que o uso da variante não canônica /i/ mais se destacou, com uma porcentagem de quase 65% de uso em oposição aos poucos mais de 35% de uso da variante canônica /e/.

3. Variável ‘Faixa etária’: a pesquisa mostrou por meio de seus percentuais que a faixa etária mais baixa (até 50 anos), privilegia o uso da variante não canônica /i/ de 52,8% (65 ocorrências), enquanto a variante /e/ apresenta uma porcentagem de 47,2% (58 ocorrências). Já na categoria acima de 50 anos, o percentual de uso não canônico cai para 43,3% (45 ocorrências), e o uso da forma canônica /e/ sobe para 56,7% (59 ocorrências) de uso. A partir dessas informações, constatamos que a faixa etária mais jovem é que está privilegiando o uso da variante não canônica /i/ (PEREIRA, 2021).

4. Variável ‘Grau de ruralidade’: o estudo revelou o uso crescente da variante não canônica /i/ conforme o aumento do grau de ruralidade, em oposição a uma linha decrescente de uso da variante canônica /e/. No ‘grau de ruralidade’ baixo, há um uso de 73,7% (14 ocorrências) da variante canônica /e/, com apenas 26,3% (5 ocorrências) da não canônica /i/.

Com base nessa apuração de dados, pudemos perceber que a forma não canônica /e/ e /i/ são usadas em alguns contextos específicos, como em associação ao sufixo /mo/ e com o pretérito perfeito do indicativo, bem como por determinados grupos sociais, como falantes menos escolarizados e de grau alto de ruralidade (PEREIRA, 2021). Em resumo, a pesquisa demonstrou que “existe uma forte tendência para o uso de /e/ na 1ª conjugação e de /i/ em 2ª conjugação no que diz respeito ao pretérito perfeito indicativo, o que provavelmente acontece com vistas a uma diferenciação temporal com o presente do indicativo” (PEREIRA, 2021, p. 383).

O estudo, entretanto, não para por aqui, a fim de responder às questões norteadoras da pesquisa, a pesquisadora ainda tem um segundo objetivo que foi o de investigar se o uso das formas canônicas e não canônicas verbais em análise apresentam uso variável ou uniforme, especializado e categórico para um contexto temporal específico. Portanto, o último capítulo

retomou a questão da especialização temporal, que consistiu na grande hipótese construída ao longo da tese. Tratou também de dados que foram retirados da amostra ou que, em sua visão requereram um olhar mais pormenorizado, haja vista que o último capítulo do trabalho teve como objetivo trazer um olhar mais qualitativo ao objeto de estudo.

Sobre o tema em estudo, Pereira (2021) relata que ainda há um número escasso de estudos sobre a variação morfofonológica na vogal precedente a /mos/ em 1ª pessoa do plural em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação, muito embora este já tenha sido abordado por alguns em seus textos, tais como Amaral (1920); Frosi e Mioranza (1983); Castilho (1992, 2006); Bortoni-Ricardo (2005; 2011) e outros, contendo nesses trabalhos apenas menções e breves descrições sobre esse objeto. Diante disso, justifica a originalidade de sua pesquisa, pois o objeto do seu trabalho refere-se a “um fenômeno linguístico muito presente no português brasileiro e que ainda não foi descrito e analisado de modo mais abrangente” (PEREIRA, 2021, p. 20).

No intervalo de 2014 a 2021, outros dois estudos foram realizados: Pereira, Coelho e Loregian-Penkall (2016) e Pereira e Margotti (2018). No primeiro, foi realizada uma pesquisa preliminar de caráter qualitativo no Sudeste do Paraná, com o objetivo de investigar se naquela região de característica rural, seria mais predominante o uso da variante não-padrão, e foi constatado tal uso não apenas na fala, como também na escrita de gênero informal, mostrando que se trata de um fenômeno comum àquela região. Já o segundo, traçou um mapeamento diatópico desse uso, mediante a carta linguística do ALERS (Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil) – que questiona os informantes sobre qual seria a forma do verbo “ficar” no pretérito perfeito do Indicativo. A análise dos dados mostrou que se trata de um fenômeno linguístico presente em todos os estados do Sul do Brasil em cidades de característica rural, de maneira generalizada. O uso da forma *fiquemo*, não canônica, portanto, foi preeminente em todos os estados e suas respectivas mesorregiões, de modo que pôde-se confirmar a hipótese inicial de que esse uso não seria algo específico da região Sudeste do Paraná, mas sim um uso linguístico peculiar a localidades rurais.

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A Teoria da Variação e Mudança possui uma metodologia específica que abarca, em seu itinerário de trabalho, procedimentos que devem ser adotados tendo como alvo as línguas

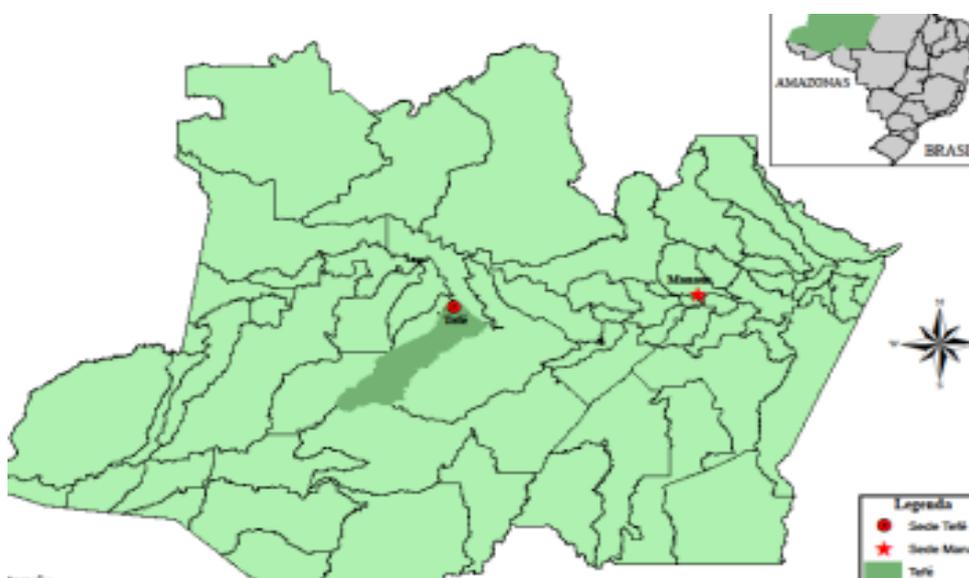
em seu contexto social. Neste capítulo, serão apresentadas as três seções que englobam as etapas que percorremos para a elaboração deste trabalho. Na Caracterização do local de coleta, primeira seção, descrevemos a cidade de Tefé nos aspectos geográficos e históricos. Na segunda seção, *Corpus* da pesquisa, expomos o perfil dos informantes, bem como a seleção destes. Na **terceira e última seções, que tratam da** Coleta de Dados, discorremos sobre como se deram as entrevistas individuais, as transcrições e o envelope de variação.

Julgamos oportuno informar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por meio do Parecer Consubstanciado de nº 5.720.947 (cf. anexo X).

2.1 Caracterização do local de coleta

Objetivando a obtenção de dados para esta pesquisa, foi escolhido o município de Tefé (AM), localizado na Mesorregião Centro Amazonense, Microrregião de Tefé, que inclui também os municípios de Alvarães e Uarini (IBGE, 2017).

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Tefé – AM.



Fonte: Gonçalves e Rodrigues, 2020.

2.1.1 Aspectos geográficos

De acordo com IBGE (2022), a cidade de Tefé/AM, devido à sua historicidade e posição geográfica, é uma das seis cidades mais importantes do Amazonas. Por conta de sua localização geográfica, congrega pessoas de outros municípios. Além dos já citados anteriormente, acrescenta-se a Fonte Boa, Maraã, Japurá, Juruá e Jutai, constituindo-se em um forte centro comercial para todas estas localidades.

De acordo com Martins (2010), o contingente presente em Tefé é formado principalmente por militares vindos do Rio de Janeiro e da Região Sul, no entanto possui militares de todas as regiões brasileiras. Por conta desse contexto e por ser um município de grande representatividade no Estado do Amazonas, Tefé foi escolhida entre os nove municípios que compuseram o banco de inquérito do estudo dialetológico que culminou na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM (CRUZ-CARDOSO, 2004).

De acordo com o censo do IBGE de 2022, Tefé possui uma população de 73.669 habitantes, sendo o 6º município mais populoso do estado, com uma área territorial de 23.692,223 km². Segundo o censo de 2010, 81,5 % de seus moradores vivem na zona urbana e 18,5 % na zona rural. De acordo com o órgão, neste mesmo ano, 50,7% da população eram homens, 49,3% mulheres. Em relação à faixa etária, a pirâmide do IBGE 2010 demonstra que 39,1% da população tinha de 0 a 14 anos e 21,0% de 15 a 24 anos, o que significa que atualmente a maior parte está na idade entre 15 a 24 anos.

Quanto à sua localização em relação a Manaus, a distância de Tefé até a capital é de 522 km em linha reta e 672 km em linha fluvial. Devido à peculiaridade da região, o principal acesso à cidade de Tefé, bem como às demais cidades do interior do Amazonas, se dá por via fluvial por meio dos tradicionais navios-motores (N/M) e *ferry-boats* (F/B).

Figura 2 - Ferry Boat Rainha Esther.



Fonte: Disponível na internet, 2023.

Figura 3 - Lancha de transporte Fluvial expresso.

Além dessas embarcações, operam no trecho Tefé-Manaus/Manaus-Tefé transportando passageiros, as lanchas de transporte fluviais conhecidas como “expresso” ou “ajato” (QUEIROZ, 2019).



Fonte: Disponível na internet, 2023.

Figura 4 - Transporte aéreo/Avião Embraer 195 - ATR 72-600.



Fonte: Disponível na internet, 2023.

O transporte até à capital se dá também por via aérea com aviões do tipo Embraer 195, ATR 72-600 e Caravan, que atendem as necessidades do cotidiano dos moradores da cidade e de municípios vizinhos.

De acordo com Queiroz (2016), o município de Tefé é considerado o maior centro urbano da região do Médio Solimões no Amazonas, exercendo, portanto, um papel primordial na oferta de bens, serviços e mercadorias na região. Por ser em um município-polo e estratégico, Tefé possui em seu território instituições de grande atuação acadêmica e de pesquisa: a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA).

Há de se destacar ainda a presença de importantes efetivos das três forças armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica. Na sede do município temos ainda a presença do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), da Polícia Federal e Polícia Civil, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), Receita Federal, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), Correios, Ministério Público, Justiça Eleitoral, Justiça do Trabalho, e diversas agências bancárias: Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Bradesco, BASA e Santander. Salienta-se que todas essas instituições acolhem servidores de todas as regiões do Brasil. Além dessas, outras instituições do Estado do Amazonas prestam importantes serviços para os municípios e também para as populações circunvizinhas, como exemplo, o Hospital Regional de Tefé e a Delegacia Regional de Tefé.

Possuindo 89 comunidades ribeirinhas em seu território da zona rural, a economia tefeense é baseada na produção da farinha de mandioca, principal alimento da região. Já na zona urbana, composta por 22 bairros, a economia se dá em torno do comércio atacadista, varejista e ambulante (QUEIROZ, 2016). A pesca, bem como a sua comercialização são atividades de grande importância na economia da região. Em Tefé, de 2008 a 2010, foi registrada uma produção total de 5.838 toneladas de pescado, com uma média de 2.363 toneladas anuais (FERRAZ, BARTHEM, 2016). O mesmo estudo mostra que a população do município de Tefé consome quatro vezes mais peixe do que o restante do país, com o consumo anual médio de peixe da ordem de 30 Kg/hab. (FERRAZ, BARTHEM, 2016).

Registra-se que o alto consumo de peixe se dá em função do baixo índice de criação animal, para a produção de carne bovina, suína e de aves, fazendo com que esses alimentos venham de outros centros como Manaus, provocando o seu encarecimento no mercado local.

Como já mencionado anteriormente, em relação à sua população, a maioria dos tefeenses reside na zona urbana, sendo a maior parte da população do sexo masculino, totalizando 51%, já do feminino é de 48,7%. No tocante à religião, a católica possui o maior número de adeptos, 56,95%, enquanto os evangélicos totalizam 32,54% e a espírita possui 0,3% de seguidores (IBGE, 2010).

Quanto à educação, dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2021, divulgaram o índice de 5,1 ao aprendizado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), colocando Tefé na 12ª posição no ranking estadual. No que diz respeito ao índice dos Anos Finais (6º ao 9º), ele é de 43,3 no âmbito municipal e 4,7 no âmbito estadual, inserindo o município nas posições de 10º e 23º posição no ranking do Estado, respectivamente (IBGE, 2021). Observa-se que nenhuma das etapas atingiu a meta estabelecida pelo IDEB, que é de 6,0 para os anos iniciais, 5,5 para os anos finais e para o ensino médio, a meta é de 5,2.

Em se tratando de trabalho e rendimento econômico em Tefé, dados do IBGE de 2021 demonstram que o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,7 salários mínimos e uma população ocupada de 8.485. Ao todo, são 503 empresas e organizações que geram emprego na cidade, sendo o maior empregador a Prefeitura. Uma profissão bastante importante no município de Tefé é a de mototaxista, uma vez que o uso desse tipo de transporte tem se tornado um dos principais meios de deslocamento em muitas cidades do interior do Amazonas, onde há mais necessidade de se transportar passageiros sem altos custos dos táxis convencionais e com mais rapidez.

Esse serviço é regulamentado na Lei Municipal (039/2010), que estabelece o quantitativo de 1.000 profissionais. Portanto, essa profissão está entre as mais numerosas da comunidade. Além dos mototaxistas, os pescadores, bem como os agricultores possuem grande representatividade na região. Ao todo, até 2011, Tefé possuía o quantitativo de 3.693 pescadores profissionais registrados na Colônia dos Pescadores Z-4 (FERRAZ, BARTHEM, 2016). Há de registrar ainda a atividade realizada pelos “catraieiros”, que são profissionais “que utilizam a canoa e o motor de polpa para realizar a atividade de travessia de pessoas, com intuito de integrá-los a bairros ou cidades” (SANTOS; VERRI, 2017, p. 150). Em Tefé, especificamente, além de fazer o deslocamento de moradores das comunidades ribeirinhas até a sede da cidade, esse trabalhador é responsável por fazer a travessia diária, em época de cheia dos rios, de moradores que residem no bairro do Abial, que é separado da sede da cidade por um igarapé chamado de Xidarini, que desemboca no Lago de Tefé. Muito embora essas profissões, conforme citado, são de grande importância na cidade, não trabalhamos com este fator ao definir nossas células sociais para a pesquisa.

Em relação à tradição cultural de Tefé, as mais importantes manifestações são as seguintes: a Festa da Padroeira Santa Teresa (outubro), o Aniversário da Cidade (junho), o Festival de Tefé Folclórico (julho) e a Festa da Castanha (setembro). Estes dois últimos eventos destacam-se como os principais da cidade, uma vez que se deslocam para este centro (o município), em função dessas festividades, um numeroso grupo de pessoas dos municípios vizinhos, bem como da Capital e, como consequência, movimentam a economia local gerando empregos informais, dos mais diversificados.

2.1.2 Aspectos históricos

A extensão territorial que hoje é chamada de Tefé, devido à sua posição geográfica, permitiu que passassem por essa região as históricas expedições como a de Francisco Orellana e Carvajal, Lope de Aguirre e Pedro Ursua e de Pedro Teixeira e Acuña, sendo esta última considerada a mais importante na história do Brasil e da Amazônia (QUEIROZ, 2015).

Durante o período colonial no Brasil, as atividades de ordem religiosa sob a tutela da Coroa Portuguesa eram realizadas pelos missionários, religiosos que tinham como objetivo a catequização espiritual dos índios, facilitando, assim, a penetração e a expansão territorial lusitana nas regiões de domínio. Esses missionários foram os responsáveis pela organização das aldeias missionárias chamadas de “missões”. Dentre os religiosos, destaca-se o austríaco Padre Samuel Fritz, representante da Coroa Espanhola, que ultrapassou os interesses políticos e econômicos da nação colonizadora, e passou a proteger e ajudar os índios que fugiam das guerras travadas, bem como das operações de resgate portuguesas.

De acordo com Maroni (1988) *apud* Queiroz (2015), Fritz tornou-se, portanto, uma liderança entre os indígenas. Chegou a constituir, juntamente com os demais missionários sob o seu comando, missões que acolhiam aldeias com mais de 600 índios. Na região do Solimões, o religioso foi o grande responsável pela fundação e organização de pelo menos cinco missões em pontos estratégicos, para facilitar o deslocamento de uma missão para a outra (F, 2021).

Em disputa territorial entre as coroas portuguesa e espanhola, Samuel Fritz foi expulso, e as missões fundadas por ele passaram a ser comandadas por Frei André da Costa, da ordem carmelita portuguesa, considerado o principal responsável por juntar os povos indígenas habitantes da região e fundar outras aldeias missionárias. De acordo com Fernando (2021, p. 52), “o aldeamento que posteriormente se tornaria a cidade de Tefé, aldeia de Santa Tereza de Jesus, foi um dos fundada pelo frei durante o período colonial”.

Assim, fundada em 1718, a missão de Santa Tereza de Tefé permaneceu até o ano de 1897 como sede das missões carmelitas no Solimões, tornando-se a principal sede dos frades carmelitas nesta região, pois apresentava melhor situação e posição em relação à vastidão regional. Por 41 anos funcionou como administração espiritual e temporal da Igreja e, mais 4 anos, como base militar portuguesa (SANTOS, 2016).

Figura 5 – Comunidade das Missões em Tefé/AM.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em 1759, com o fim das aldeias missionárias em função da falta de recursos da igreja católica, a missão de Santa Tereza de Tefé, por decisão política do governo português, ato assinado pelo governador da Capitania de São José do Rio Negro, Joaquim de Mello e Póvoas, foi elevada oficialmente à categoria de vila, recebendo o nome de Vila de Ega. Ao elevar as missões à vila, a coroa portuguesa substituiu os nomes das missões por nomes de cidades portuguesas: Ega, por exemplo, é o nome de uma cidade situada no distrito de Coimbra (Portugal).

Posteriormente, em 1850, com o desmembramento do Amazonas do estado do Grão-Pará, que o elevou à categoria de Província do Amazonas, a Vila de Ega, devido à sua importância comercial, política e administrativa na região, foi elevada à categoria de cidade por meio da Lei nº 44, de 15 de junho de 1855, recebendo o nome de Tefé, nome atual da cidade.

2.2 O *corpus* da pesquisa

A Sociolinguística, situada no campo da ciência da linguagem, faz parte das disciplinas de *corpus*, termo que se refere à “compilação de dados linguísticos (sob a forma de textos escritos ou orais, de documentos diversos, de observações empíricas selecionadas ou de sondagens provocadas) que são constituídos em objeto de análise” (CHARAUDEAU, 2011, p. 3). Mais especificamente, na Sociolinguística, *corpus* é o material que serve de subsídio para a descrição da variável definida para a pesquisa. É composto, portanto, de registros de falas produzidas em situações reais de uso, armazenadas geralmente em bancos de dados linguísticos, que são fontes privilegiadas de referência, de trabalhos de análise e descrição linguísticas; no nosso caso, do português brasileiro e, mais especificamente, de Tefé, Amazonas.

No Amazonas, temos conhecimento dos Bancos de Dados que são descritos no site⁵ do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas (GELAM), da Universidade Federal do Amazonas. Os referidos bancos de dados são constituídos por fala tanto da capital amazonense quanto de cidades do interior do estado. Um desses *corpus* é mencionado por Praia (2020) em sua dissertação de mestrado: Banco de Dados de fala do município de Tefé, coletado por alunos bolsistas do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), da Universidade do Estado do Amazonas, entre os anos de 2011 e 2012.

Nossa investigação, entretanto, não se utilizou de amostras já construídas, como as amostras citadas. Para realizarmos a mesma ora proposta, utilizamos como *corpus* dados de falas efetivamente produzidos por moradores do município de Tefé, gravadas por nós, no período de 02 a 22 de maio de 2023.

Escolhemos como recorte geográfico para atender às necessidades da pesquisa, não o município como um todo (zona urbana e zona rural), mas a cidade de Tefé/AM, que possui distribuídos em sua extensão territorial 22 bairros. Justificamos esta opção em virtude de a área territorial do município ser muito extensa (23.692,223 Km², IBGE, 2010), englobando 89 comunidades rurais. Além disso, acreditamos que muitas pessoas residentes na zona rural se deslocaram até a cidade, e os falares desses informantes poderão ser estudados em momento posterior.

Dito isto, embora o quantitativo escolhido seja considerado pequeno em comparação ao tamanho populacional e geográfico do município, no processo de seleção dos informantes, tivemos a preocupação em selecionar uma parcela representativa da comunidade, por meio de

⁵ <https://gelam.sites.ufam.edu.br/pagina-teste.html>.

uma coleta aleatória randômica, cujos resultados poderão ser projetados para a comunidade de fala como um todo (COELHO *et al.*, 2015), tal qual será mostrada na seção seguinte.

2.2.1 Seleção dos informantes

2.2.2 Palavras iniciais

No dia 29 de abril de 2023 foi feito o nosso deslocamento rumo ao município de Tefé, localidade da pesquisa. O meio de transporte utilizado foi o fluvial, por meio do barco de linha Irmãos Miranda, modelo *ferry-boat*, e durou cerca de 40 (quarenta) horas, navegando ao longo do Rio Solimões. A saída se deu às 13h do dia 29/04, do Porto *Roadway* em Manaus e chegada às 10h do dia 31.04 ao Porto de Tefé.

A viagem contemplou dois dias e duas noites de convívio junto a outros viajantes que se destinavam não unicamente à parada final da viagem (Tefé), mas a outras cidades no percurso de subida do rio, como Codajás e Coari e suas comunidades ribeirinhas e indígenas, situadas ao longo de todo o Rio Solimões. É por essa razão, segundo o comandante do barco, senhor Ladislau Miranda, que a duração da viagem se torna demorada, porém necessária, pois é o principal meio de transporte regional.

Durante a viagem, tivemos como leito de dormida e de descanso uma rede, utensílio doméstico muito utilizado nas viagens de barco, por possuir um valor mais barato em relação aos camarotes, compartimento pago e usado por aqueles que preferem maior privacidade durante o trajeto. É na rede que passamos a maior parte do tempo vislumbrando a paisagem muito peculiar de nossa região, como as barrancas, bem como a nossa fauna e flora, além de interagir lado a lado com os vizinhos de rede.

São esses momentos de interação que compartilhamos de muitas informações, deparamo-nos e sensibilizamo-nos com diferentes histórias de vida, percebemos comportamentos próprios de viajantes que usam o barco como único meio de transporte, como por exemplo, a exalação forte do perfume pós banho antes mesmo do nascer do dia, as conversas e altas gargalhadas durante à madrugada e, sobretudo, observamos de perto o vernáculo, o que levou-nos à percepção de fenômenos linguísticos próprios e peculiares dos moradores da região, muitos deles moradores que estão retornando às suas cidades após um período na capital, outros destinados a uma finalidade específica, e muitos só apenas de passagem pelo interior.

Além desses ricos momentos, um fato curioso também nos chamou atenção, foi o ocorrido no segundo dia de viagem. Ao passarmos em frente à comunidade de Porto Praia,

pertencente ao município de Tefé, percebemos um pequeno alvoroço entre os passageiros: uns saíram de suas redes e iam para a lateral do barco e outros subiam imediatamente para a lanchonete, que fica no último andar da embarcação, comprar salgadinhos, pipoca, milhitos e outras iguarias.

Ao questionar sobre o motivo de tamanha mudança de comportamento dos colegas de viagem, que até então estavam recolhidos em suas redes, foi quando nos apontaram para o rio, onde havia várias crianças, alguns muito pequenos, aparentando pouca idade (entre 6 e 7 anos), outros maiores, seguindo o rio, remando com maestria em direção ao barco, com suas canoas rústicas de madeira, em meio ao perigoso banzeiro, em uma disputa acirrada entre eles, a fim de alcançar os saquinhos de alimentos que eram jogados pelos passageiros. Foi nesse momento específico que pudemos perceber com maior frequência durante a interação verbal entre os passageiros a emersão do vernáculo, pois estavam em um momento descontraído, informal, portanto, natural. Realmente foi aí que constatamos na prática que o vernáculo da língua se dá nesses momentos de naturalidade.

Além desse momento ter sido importante para a coleta de dados, o comportamento dos pequenos ribeirinhos causou bastante emoção a quem, assim como nós, nunca tinha visto este momento que para muitos trata-se de uma hora de lazer, mas para outros, um breve intervalo para a reflexão sobre as condições de vida das crianças que moram em localidades isoladas, sem acesso ao mínimo do que têm direitos.

Após isso, seguimos viagem passando por outras localidades sem parada, e a chegada à cidade de Tefé se deu na manhã do dia 31, em meio ao alvoroço de pessoas que costumeiramente recepcionam seus familiares.

2.2.3 Células sociais e número de informantes

Antes da ida ao Campo, certamente, o primeiro passo foi rever os critérios estabelecidos nas células sociais. Após isso, elaboramos uma planilha traçando o perfil dos informantes, para a partir de então fazermos a busca. Como critério de inclusão, estabelecemos que os informantes deveriam ter nascido e residido no município de Tefé ou ter chegado ao município até os cinco anos de idade.

Na sequência, passamos para o agrupamento dos informantes seguindo critérios de estratificação social, relevantes para estudos sociolinguísticos: sexo (masculino e feminino),

escolaridade (ensino fundamental, do 1º ao 9º ano e ensino médio), idade (de 9 a 21 anos; de 22 a 49; 50 a mais), cuja configuração encontra-se na Tabela 2.

Inicialmente, a célula escolaridade incluía também o ensino superior e, em atendimento à recomendação da banca de qualificação, fundamentada no exíguo espaço de tempo para fazer a análise dos dados e na dificuldade de fechar esta célula específica, foi feita a retirada desse nível de estudo,

Em relação ao número de informantes, Labov (2008[1972]) recomenda o número ideal de 5 informantes para cada célula social, porém, para esta pesquisa optamos primeiramente por 02 (dois) informantes. Estipulamos este quantitativo acreditando que a nossa pesquisa não seria comprometida, mas que exigiria um pouco mais de cautela na análise dos resultados estatísticos (COELHO *et al.*, 2015).

Contudo, destacamos que durante a execução da pesquisa, por questões alheias à vontade dos executores da pesquisa, como clima quente e chuvoso, dificuldade de deslocamento, curto período de tempo, vulnerabilidade ante à marginalidade bastante corrente na cidade, em contato com a orientadora foram expostas todas essas problemáticas e foi licenciada a redução do número de informantes para 12 (doze), com a condição de que fossem preenchidas as células sociais e a escolha contemplasse moradores residentes em cada região da cidade.

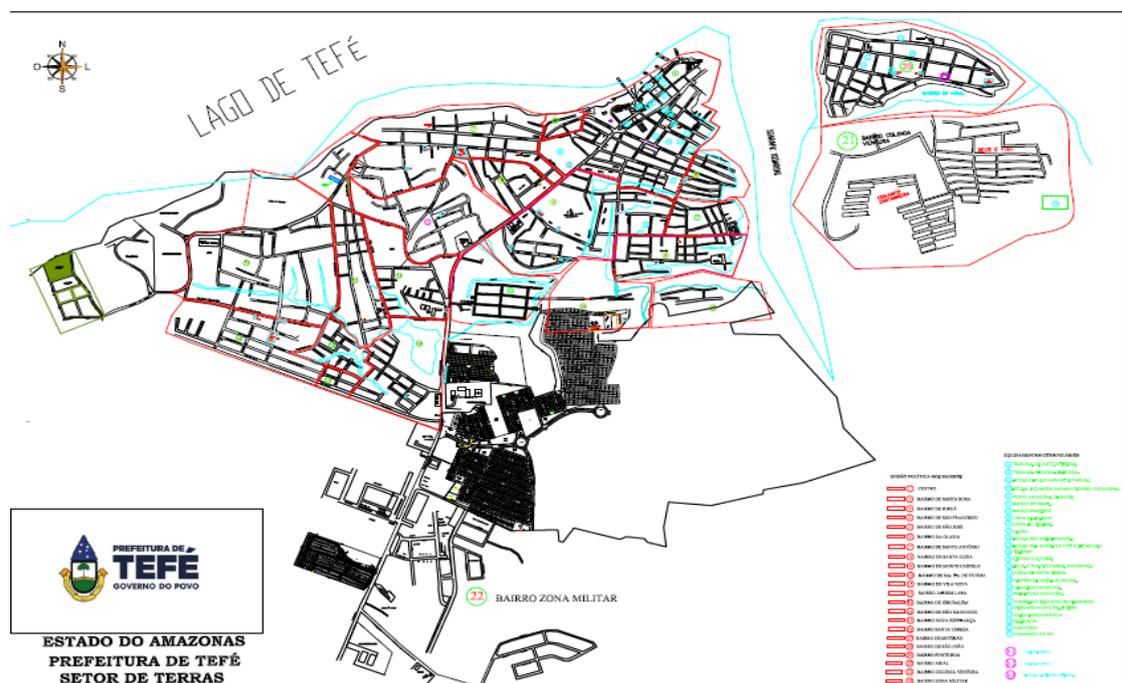
Além da definição desses critérios, por força da Resolução 510, de 6 de abril de 2016 do Ministério da Saúde, por se tratar de uma pesquisa trabalhada em seres humanos, organizamos toda a documentação necessária e obrigatória exigidas pelo CEP/IFAM, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (maiores de 18 anos de idade) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE (menores de idade e pais ou responsável legal) (modelo em anexo).

2.2.4 Busca dos Informantes da Pesquisa

Considerando que a cidade de Tefé, conforme descrito na sua caracterização, é uma localidade polo, centro econômico de referência e de grande concentração na região, a seleção dos informantes foi feita de forma aleatória, conforme recomendações de Labov (2001, p. 38), “uma amostra verdadeiramente representativa de uma comunidade de fala precisa tomar como base uma coleta aleatória em que cada um dos muitos informantes que a constituem tenha a mesma chance de ser selecionado” (*apud* FRETAG, 2011, p. 44).

Em atenção às diretrizes elencadas pela orientadora, recorreremos a setores públicos da prefeitura, especificamente ao setor de terras, para obter o mapa geográfico da cidade, bem como outras informações que pudessem ser usadas como subsídios na busca dos informantes. Assim, guiada pelo mapa, a busca dos informantes se deu em diversos bairros da cidade, não sendo possível contemplar a totalidade dos bairros da cidade, mas conseguimos abranger 09: São José, Juruá, São João, Fonte Boa, Nossa Senhora de Fátima, Abial, Santa Teresa, São Raimundo e São Francisco, todos periféricos.

Figura 6 - Mapa da cidade de Tefé/AM.



Fonte: Prefeitura de Tefé – Setor de terras, 2023.

A busca dos informantes foi considerada por nós um dos momentos mais trabalhosos da pesquisa, devido ao tamanho da cidade conforme mostrado no mapa, além das dificuldades já expostas anteriormente. Inicialmente, a busca se deu em contato com transeuntes, durante o dia, em diversos locais da cidade como: feira, praças, ruas, mas foi deveras difícil manter um diálogo duradouro visando ao vernáculo, em situações em que o cidadão se encontra em plena atividade resolvendo alguma situação pessoal ou profissional, porque são lugares de passagem, e nessas ocasiões, muitos não aceitaram conversar, alegando que não tinham tempo, estavam com pressa, além de outras justificativas.

A melhor estratégia adotada após deparar-nos com esta dificuldade foram as visitas agendadas, nas quais sugerimos aos contatados um momento da semana com dia e horário

específicos, em que a pessoa pudesse nos receber com atenção no conforto de sua residência (informante). Assim, a maioria das entrevistas individuais se deram nas casas dos informantes, em meio aos seus afazeres domésticos e aos familiares. Mesmo assim, ainda encontramos dificuldades em virtude de muitas das visitas marcadas não terem sido realizadas por diversas razões, a principal delas é o fato de não encontrar a pessoa no momento marcado.

Durante a busca, devido à dificuldade em selecionar os adolescentes menores de idade, a estratégia foi contar com a ajuda de professores de escolas públicas, que indicaram o nome de alguns jovens dentro do perfil explicado. Assim, a partir desta indicação, selecionamos três jovens, sendo 02 da rede federal e 01 da rede municipal, com a devida autorização dos pais, conforme o Termo de Assentimento (anexo....)

Apesar de todas as dificuldades elencadas, com todo esforço e comprometimento, conseguimos fechar as células sociais, contemplando o número de informantes necessários para a análise dos dados. Para melhor compreensão, segue o quadro:

Quadro 2 - Estratificação Social dos Informantes.

Informante	Sexo	
	Feminino	Masculino
De 9 a 21 anos	1	1
Escolaridade: 1 ao 9 ano		
De 22 a 49 anos	1	1
Escolaridade: 1 ao 9 ano		
50 a mais	1	1
Escolaridade: 1 ao 9 ano		
De 9 a 21 anos	1	1
Escolaridade: Ensino Médio		
De 22 a 49 anos	1	1
Escolaridade: Ensino Médio		
50 anos e mais	1	1
Escolaridade: Ensino Médio		

Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa sociolinguística prima pelo anonimato dos informantes, o que requer sigilo em relação à identidade do indivíduo entrevistado. Em cumprimento ao teor dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento, nossos informantes foram codificados da seguinte maneira:

Quadro 3 - Legenda dos informantes – município de Tefé/AM.

Código	Perfil dos informantes
F1	Moradora do bairro São José, tem 16 anos (1ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo (1 a 9 anos de escolarização) Moradora do Bairro Olaria, tem 18 anos e seu grau de Ensino Fundamental Completo.
F2	Moradora do bairro Juruá, tem 26 anos (2ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo.
F3	Moradora do bairro São João, tem 56 anos (3ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo
F4	Moradora do bairro de Fonte Boa, tem 19 anos (1ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Médio Completo.
F5	Moradora do bairro de Nossa Senhora de Fátima, tem 47 anos, grau de escolaridade: Ensino Médio Completo.
F6	Moradora do bairro de Santa Teresa, tem 50 anos, grau de escolaridade: Ensino Médio Completo.
M1	Morador do bairro do Abial, tem 13 anos (1ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental incompleto.
M2	Morador do bairro do Juruá, tem 39 anos (2ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental.
M3	Morador do bairro do São Raimundo, tem 61 anos (3ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Fundamental.
M4	Morador do bairro São José, tem 19 ano (2ª faixa etária). Escolaridade: Ensino Médio.
M5	Morador do bairro Colônia Ventura, 35 anos (2ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Médio Completo.
M6	Morador do bairro de Nossa Senhora de Fátima, 58 anos (3ª faixa etária), grau de escolaridade: Ensino Médio.

Fonte: Elaboração própria.

2.3 Coleta de dados

Conforme já abordado, a pesquisa sociolinguística, por ser de base empírica, é desenvolvida a partir de dados linguísticos efetivamente produzidos, colhidos por meio de entrevistas. Não se trata de qualquer entrevista. Em capítulo específico sobre a metodologia da pesquisa sociolinguística, Labov (2008[1972], p. 244) reitera que a “única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática”. Vemos, portanto, que a despeito de outros métodos que possam ser usados para obter amostras da fala (sessões em grupo, observação anônima etc.), o que interessa à Sociolinguística é a entrevista individual.

Abordaremos daqui para frente os procedimentos que foram realizados utilizando esse formato específico de entrevista, de interação entre pesquisador e informantes, que teve como finalidade a composição do *corpus* desta pesquisa.

2.3.1 Entrevistas sociolinguísticas

As entrevistas sociolinguísticas, de acordo com Freitag (2017, p.22), são “o resultado de um processo que se inicia com a seleção do informante, a sua adesão ao experimento e a realização da documentação em áudio propriamente dita”. Seguindo as orientações teóricas de Labov, reiteradas por Coelho *et al.* (2015) e Tarallo (1997), o material básico para a análise da pesquisa sociolinguística é a língua falada em situações naturais de uso, cuja realização se dá por meio do vernáculo, que é a forma espontânea, descontraída, utilizada para comunicação do dia a dia, junto a amigos, trabalho e família.

É o vernáculo, segundo Labov (2008[1972], p. 244), “o estilo que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Contudo, o autor chama a atenção a respeito do procedimento adequado para a coleta desse estilo, uma vez que se torna difícil extrair a fala natural de um informante quando este está sendo monitorado pela presença do pesquisador, de posse de um gravador de voz, já que o objetivo do trabalho é justamente descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente monitoradas.

Com base nestas orientações teóricas, as entrevistas foram realizadas no período de 02 a 20 de maio de 2023, nas casas, quintais e em locais de trabalho dos informantes. O encontro durava de 15 min a 40min em conversação que direcionasse o informante a relatar narrativas

de experiências pessoais na busca de coletar o vernáculo da língua. Para chegar aos locais das entrevistas, utilizamos como transporte os mototaxistas e muitas vezes tivemos de ir a pé devido às condições das ruas, muitas delas esburacadas e enlameadas, o que dificultava a entrada do veículo até a casa do entrevistado.

Como nossa investigação tem como objeto as formas verbais no presente e no passado, buscamos colher as falas naturais por meio de uma tipologia textual/sequência discursivas que contemplassem tais formas, estimulando o informante a produzir formas verbais na P4 (nós) no presente e no passado do modo indicativo. Assim, elaboramos um roteiro de entrevistas que pudesse explorar narrativas de histórias ocorridas tanto no presente quanto no passado, vivências de modo geral, participação em festejos culturais, tragédias familiares e outras situações marcantes em suas vidas (cf. APÊNDICE – D, p. 132-133).

Apesar de estar de posse de um roteiro pré-estabelecido, foi necessário no decorrer da conversa elaborar outros tipos de perguntas a depender do contexto histórico-social e cultural do informante. Essa prática foi adotada principalmente nos informantes mais novos, uma vez que foi percebida muita timidez e pouca expressão nesta faixa etária, principalmente quando se tratava de eventos em que ele estivesse envolvido com outras pessoas (familiares e amigos), impossibilitando extrair o vernáculo e principalmente o uso do pronome “nós”.

Fato é que durante a entrevistas e isso pode ser verificado nos *corpora* dos informantes das faixas etárias mais novas (de 9 a 21 anos), tanto homem quanto mulher, principalmente os menores de idade que, por ainda serem solteiros e não possuírem filhos, suas narrativas sobre a vida passada e presente, foram em grande parte relatos sobre suas vidas pessoais, não incluindo, na maioria das narrativas, outros participantes em suas histórias de vida, impossibilitando a extração do objeto de estudo, cujo foco são construções verbais, tendo a referência à expressão pronominal (P4), havendo, portanto, ocorrências maiores do pronome em primeira pessoa (eu), expressão pronominal (P1).

As conversas mais extensas, portanto, mais produtivas, foram realizadas com os informantes mais velhos, muitos deles no momento da entrevista encontravam-se sozinhos em casa e dispunham de tempo para dialogar sobre suas histórias de vida, do passado ao presente.

Além disso, percebemos, ainda, a manutenção de papéis sociais tradicionais e conservadores, contexto em que muitas mulheres, enquanto mães e “donas de casa”, ficam mais limitadas ao trabalho, enquanto seus maridos – por trabalharem fora, estabelecem maior relação social com a comunidade. Um exemplo disso em nosso *corpus* veio de uma entrevista feita no bairro de São José, com uma informante do sexo feminino, com ensino fundamental completo e com 26 anos de idade. Mãe de cinco filhos, após a entrevista relatou que seu papel se resumia

em cuidar da casa, dos filhos e do marido e que passava a maior parte do seu tempo se dedicando à família, fazendo serviços domésticos, e a pouca interação com outras pessoas, ocasionava-lhe desânimo e melancolia.

Outra situação percebida foi quanto à escolaridade dos informantes. Durante o preenchimento da ficha individual, ao perguntar sobre a formação acadêmica de cada um deles, observamos que muitos concluíram o Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que é de supor que estes informantes em algum momento de sua vida, por diversas razões, não conseguiram acompanhar seus estudos e, com intuito de recuperar “o tempo perdido”, buscaram uma alternativa mais rápida para concluir seus estudos.

A situações expostas acima carecem de um estudo aprofundado, visto que não é objetivo deste trabalho fazer a análise qualitativa, contudo as questões apontadas aqui poderão ser verificadas a partir da análise das fichas sociais e das entrevistas sociolinguísticas, as quais estão anexadas nesta dissertação e estarão disponíveis para posteriores estudos.

É importante destacar que o fato de sermos tefeenses, conhecidos na cidade por conta da docência em uma renomada instituição e sermos de pós-graduação da UFAM, facilitou muito o acesso às pessoas, dando maior fluidez à conversa. Após a apresentação, era explicado que aquele momento de conversa tinha como finalidade conhecer as experiências de vida das pessoas, o comportamento social e cultural deles e explicado com mais detalhes o teor da pesquisa sociolinguística, ao mesmo tempo era requerida a autorização para realizar as entrevistas. Não tivemos como padrão comunicar a gravação no início da conversa, mas sim no final. Não tivemos problemas maiores quanto a isso e, ao final de tudo, era solicitada a leitura e assinatura dos termos

Todos os informantes aceitaram que seus áudios fossem utilizados nesta pesquisa, ainda que a princípio alguns deles tenham manifestado a preocupação com sua identificação, todavia, ao explicar que seu nome não seria divulgado, tudo foi resolvido. Assim, de modo geral foi esclarecido que o sigilo do material, bem como de sua identificação estariam garantidos, e que sua adesão não era obrigatória, todavia, caso aceitasse a colaborar com o trabalho, era necessário que este assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou de Assentimento (cf. Anexo, p. 88), reitera-se que todos assinaram.

Outra questão crucial que procedemos durante a entrevista foi o preenchimento da Ficha Social do Informante, formulário revisado anteriormente pela orientadora da pesquisa, em que constam as informações como nome, idade, escolaridade, sexo, endereço e outras informações, que são fundamentais ao traçar a legenda do perfil dos informantes.

2.3.2 Tratamento do áudio, transcrição das entrevistas e seleção do material

Seguindo o padrão das pesquisas sociolinguísticas, iniciamos a primeira entrevista com um gravador de voz portátil modelo Autens, digital (16GB), todavia, devido a problemas técnicos neste equipamento, as entrevistas foram realizadas com um celular modelo Iphone 8 e, para segurança, as gravações eram arquivadas em um notebook modelo Acer Aspire, sempre ao fim do dia, evitando assim a perda deste importante material.

É importante ressaltar que, durante as gravações, que foram realizadas nas casas, quintais e locais de trabalho dos informantes, houve algumas interferências sonoras (som de martelo, televisão, outras pessoas, barulho de carro ou moto) que poderiam comprometer o entendimento da pronúncia de algumas palavras, porém não comprometeram a realização desta pesquisa como um todo.

Para obtenção do *corpus*, utilizamos como método a transcrição alfabética. Após a transcrição, durante a leitura atenta do *corpus* da pesquisa concentrado em material escrito, iniciamos a seleção das construções verbais de primeira, segunda e terceira conjugações proferidas pelos informantes da pesquisa. Em um trabalho atencioso e minucioso, conseguimos extrair das falas um considerável material para nosso estudo. Foi a partir deste procedimento que extraímos nossa variável de estudo: vogal temática /a/ e /e/ e /e/ e /i/.

A partir deste material fizemos a contagem manual das variantes, recortamos e concentramos em planilha do Word e, com a ajuda do programa Excel, geramos os cálculos estatísticos, dos quais extraímos os gráficos constantes na análise na seção seguinte.

Para esta investigação, não fizemos uso das construções de verbos da 3ª conjugação, visto que não está entre os objetivos deste trabalho analisar e descrever essa conjugação específica.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos com a pesquisa sobre a realização da variação morfofonológica, caracterizada pelas variáveis /a/ e /e/ e /e/ e /i./, nas construções verbais da fala dos moradores do município de Tefé. O capítulo está organizado em duas partes, que são as análises dos grupos dos fatores sociais e as análises dos fatores linguísticos. Antes de abordarmos as análises, apresentamos primeiramente, na seção 3.1, palavras iniciais em que abordamos a questão da diversidade de material encontrado durante as entrevistas e, em 3.2, tratamos dos resultados gerais da pesquisa, englobando as duas conjugações analisadas.

Em sequência, descrevemos a 1ª conjugação em virtude de ser a que apresenta maior número de dados em nosso *corpus*, organizando as variáveis em subseções. Na segunda parte apresentamos a análise dos resultados da 2ª conjugação (fatores sociais e linguísticos). É importante mencionar que a análise dos dados foi feita com base em números absolutos e percentuais, considerando as variáveis intra e extralinguísticas.

3.1 Palavras iniciais

Durante o levantamento das variantes objeto desta pesquisa, no *corpus* representativo da fala dos moradores da cidade de Tefé/AM, identificamos vários outros casos que poderiam ser objeto de análise em trabalhos sobre variações dos diversos níveis gramaticais, do léxico ao sintático. Entre as diversas possibilidades identificadas, deliberamos por estudar de forma sistemática variantes da expressão P4 (nós), configuradas nas formas verbais da primeira e da segunda conjugações, tempos presente e passado do modo indicativo. (na metodologia fizemos uma breve descrição da forma como tratamos os verbos de 3ª conjugação).

Assim, devido à diversidade de ocorrências linguísticas identificadas neste trabalho, este *corpus* poderá futuramente ser aproveitado para pesquisas de cunho variacionista e dialetológicas, que se propõem a fazer um estudo descritivo do português na localidade de estudo.

Antes de apresentarmos os resultados desta pesquisa, precisamos fazer algumas considerações sobre a formação dos *corpora* para análise das variáveis linguísticas estudadas. Inicialmente selecionamos todas as ocorrências de construções verbais da primeira e da segunda conjugações, no presente e passado, independente do modo verbal (indicativo, subjuntivo e

imperativo), tendo como referência a expressão pronominal P4, realizada na fala dos informantes da pesquisa por meio das expressões “*nós*” e “*a gente*”.

3.2 Resultados gerais

A partir da análise das transcrições da fala dos 12 doze informantes, obtivemos um total de 327 ocorrências de uso de verbos da 1ª e 2ª conjugações na primeira pessoa do plural, sendo 216 da primeira e 111 da segunda, incluindo formas canônicas e não canônicas, semelhantes às seguintes configurações morfológicas, tal como os exemplos: *colocamos*, *coloquemo*, *juntamos*, *juntemo*, *nascemos*, *nascemo*, *nascimo*.

No processo de levantamento de dados, tivemos o cuidado de selecionar formas que expressassem tais configurações, desconsiderando, portanto, estruturas como: *nós planta*, *nós tava e nós rema*, visto que era indispensável também a presença do sufixo número-pessoal, nomenclatura dada por Câmara Júnior (2013), doravante (SNP), representado pela desinência -*mos*, tanto em verbos da primeira quanto da segunda conjugações.

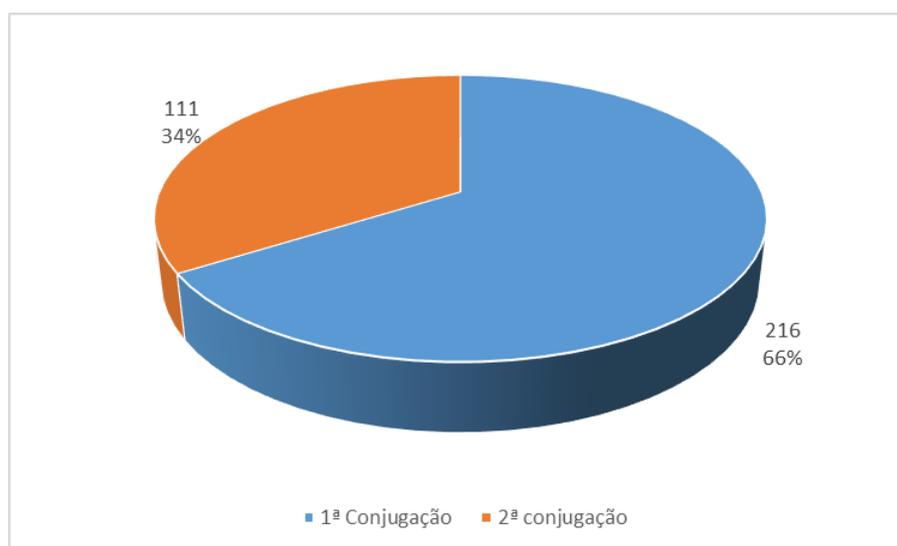
É imprescindível destacar aqui que, no cômputo geral dos dados, conforme citado anteriormente, consideramos também a expressão “*a gente*” - com a forma *gente*, concordando com um verbo de terceira do singular no pretérito imperfeito (*a gente deixava lá*), do singular no pretérito perfeito (*a gente estudou*) e 3ª do singular ou primeira do plural no presente do indicativo e 1ª do plural no pretérito perfeito do indicativo (*a gente coloca*), como variante padrão em P4 (*nós*)

Objetivando proceder à análise da descrição do nosso objeto de estudos, em razão das vogais temáticas da primeira e da segunda conjugações serem diferentes, como procedimento metodológico, separamos as duas formas verbais, independente da expressão “*nós*” ou “*a gente*”, em colunas diferentes, em uma tabela do aplicativo Word (ANEXO X), para a partir de então selecionar os dados essenciais para a pesquisa, procedimento que consideramos necessário para extrair o objeto em estudo.

Com a separação, obtivemos um quantitativo de 216 ocorrências da 1ª conjugação e 111 da 2ª conjugação, de um total de 327 dados da forma canônica e não canônica, isto é, a base das estruturas enunciativas dos informantes se deu com um maior número de realização de formas verbais de 1ª conjugação, englobando 66% do *corpus*, ao passo que a 2ª conjugação apresenta uma percentagem menor que a primeira, 34%; os dados obtidos são ratificados por estudos de Mattos e Silva (2006, p. 122) onde afirmam que “de todos os paradigmas, o mais produtivo, portanto o mais numeroso desde o latim até hoje, é o de VT <a>; vejam-se inovações recentes

como em *checar*, *xerocar*, *breçar* e etc.,[...]”. Seria também uma explicação para os neologismos que são sempre criados com verbos de primeira conjugação. (PEREIRA, 2021).

Gráfico 1 - Número de ocorrências e porcentagens de dados no corpus em relação à 1ª e a 2ª conjugação.



Fonte: Elaboração própria

Azeredo (2012, p. 13) relata que “a peculiaridade do verbo está em ser a base estrutural dos enunciados que utilizamos para relatar fatos, formular ideias, defender um ponto de vista”. Neste caso, como se pode perceber, a base estrutural dos enunciados realizados pelos informantes da pesquisa, são os verbos de primeira conjugação. Tal resultado converge com o estudo de Pereira (2021), em que o número de frequência da 2ª conjugação é claramente inferior à de 1ª.

Para exemplificar, mostramos abaixo um pequeno rol de dados de nosso *corpus*, incluindo as duas conjugações e formas canônicas e não canônicas.

- (1) Entrevistadora: Me conta sobre o teu marido, como vocês se conheceram?
 Entrevistada: “No primeiro ano do ensino médio. Já, aí em 2016, a gente *retornemo* de novo pra escola. Aí em 2016 a *gente desistiu*, aí a *gente parou* de ver de estudar no meio do ano a *gente desistiu*” (F2, fem, ens. fund, 26 anos).
- (2) Entrevistadora: Conte uma história que aconteceu com a senhora. Entrevistada: Ano passado, nós fumo pescar com a minha irmã. Pegar... É tucunaré de linha, né? Bora mesmo pegar um tucunaré e bora. Aí fomos embora. Fumo pelo lado. (...) Aí *pesquemo*,

pesquemo, e pesquisemo. trazemo pro outro lado. Uma ressaca que chama de Limão. Lá mora uma cobra (...) (F3, Ens. Fund, fem, fund. II, 56 anos).

(3) Entrevistadora: Vocês ficaram muito tempo separados? Entrevistada: *Passamos* um ano separados. (...). *Nós namoramos, nós passamos* três anos namorando. Aí os três nós *separamos*. Aí *passamos* um ano separados. Quando um ano, eu fui lá, a irmã dele me chamou para ir lá onde ele morava, no sítio dele, né? (F5, fem, Ens. Med, 48 anos).

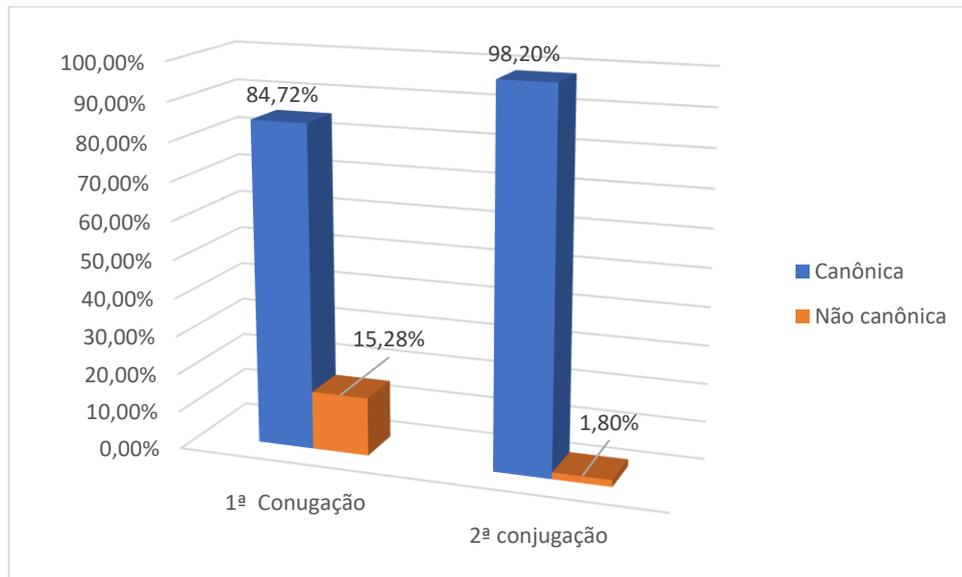
(4) Entrevistadora: E tu nasceu em Tefé mesmo? e tua família moram também na Papagaio? Entrevistada: (...) : É, moram na Papagaio. Aqui em Tefé mesmo, lá em Fonte Boa, *nascimo* e se *criemo* aqui e a gente vive, até hoje É, vendo as mudanças de Tefé dentro de Tefé (F2, fem, ens. fund, 26 anos).

Até aqui expusemos a totalidade de ocorrências verbais e mostramos a preferência de verbos da primeira conjugação na fala dos informantes do município de Tefé/AM. De agora em diante, mostraremos com mais detalhes o nosso objeto de estudo, que são formas verbais que sofrem variação da vogal temática de /a/ para /e/ na primeira conjugação e de /e/ para /i/ nos verbos de 2ª conjugação em contexto da P4.

Trazendo à memória, obtivemos 216 dados da 1ª conjugação e 111 dados da 2ª conjugação. O Gráfico 2, disposto logo a seguir, mostra que do total das 216 ocorrências da 1ª conjugação, obtivemos o total de 183 ocorrências da variante canônica *-a-mos* com 84,72% e 33 ocorrências do nosso objeto de estudo (a variante não canônica *-e-mos*), totalizando 15,28%.

Em relação à 2ª conjugação, o mesmo gráfico nos mostra dados expressivamente menores: do total de 111 construções desta conjugação, obtivemos um total de 109 formas da forma canônica: *-e-mo(s)*, representando 98,20% e apenas 02 dados do nosso objeto de estudos: a forma não canônica: *-i-mo(s)*, com apenas 1,8% de uso. Depreendemos daí a preponderância do uso da forma canônica na fala dos entrevistados.

Gráfico 2 - Número de ocorrências do objeto de estudo de acordo com a 1ª e a 2ª conjugações.



Fonte: Elaboração própria

Ponderando sobre as investigações citadas neste trabalho e que trouxeram à tona a variação morfofonológica na vogal temática doravante (VT) na P4 em verbos de primeira e segunda conjugação tema deste estudo, e considerando as reflexões teóricas, trabalharemos, nesta investigação, considerando os três grupos de fatores sociais (variáveis) mais clássicos na Sociolinguística quantitativa: *a) sexo; b) faixa etária; c) escolaridade.*

3.3 Resultado da 1ª conjugação

Antes de partirmos para as variáveis, apresentamos a Tabela 2 a seguir em que mostramos os resultados gerais das variáveis independentes extralinguísticas (grupos de fatores sociais) que foram correlacionadas com o nosso objeto em estudo, no caso aqui, os verbos de 1ª conjugação.

Tais resultados são muito importantes para nos ajudar a compreender melhor os dados que serão apresentados mais à frente. A fim de melhorar a leitura da tabela, sombreamos em azul os resultados relativos às variantes não canônicas.

Tabela 2 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno [e], [a] de acordo com as variáveis sociais sexo, escolaridade, faixa etária.

Variáveis	Categorias	/e/		/a/		TOTAL	%	
		Nº	%	Nº	%			
Sexo	Feminino	29	87,88%	20,14%	115	62,84%	144	66,67%
	Masculino	4	12,12%	5,56%	68	37,16%	72	33,33%
		33	100%		183	100,00%	216	100%
Faixa etária	9 a 21 anos	2	6,06%	5,56%	34	18,58%	36	16,67%
	22 a 49 anos	11	33,33%	13,25%	72	39,34%	83	38,43%
	Acima de 50	20	60,61%	20,62%	77	42,08%	97	44,91%
		33	100%		183	100,00%	216	100,00%
Escolaridade	Ens. Fundamental	19	57,58%	21,84%	68	37,16%	87	40,28%
	Ensino Médio	14	42,42%	10,85%	115	62,84%	129	59,72%
		33	100,00%		183	100,00%	216	100,00%

Fonte: Elaboração própria

A análise de nosso objeto variação morfofonológica na P4 em verbos da 1ª conjugação no município de Tefé/AM - Médio Solimões sugere que as variáveis extralinguísticas selecionadas nesta pesquisa podem ter influência na fala dos informantes entrevistados.

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados de frequência e percentual para cada fator social e linguístico.

3.4 Análise dos fatores extralinguísticos e linguísticos

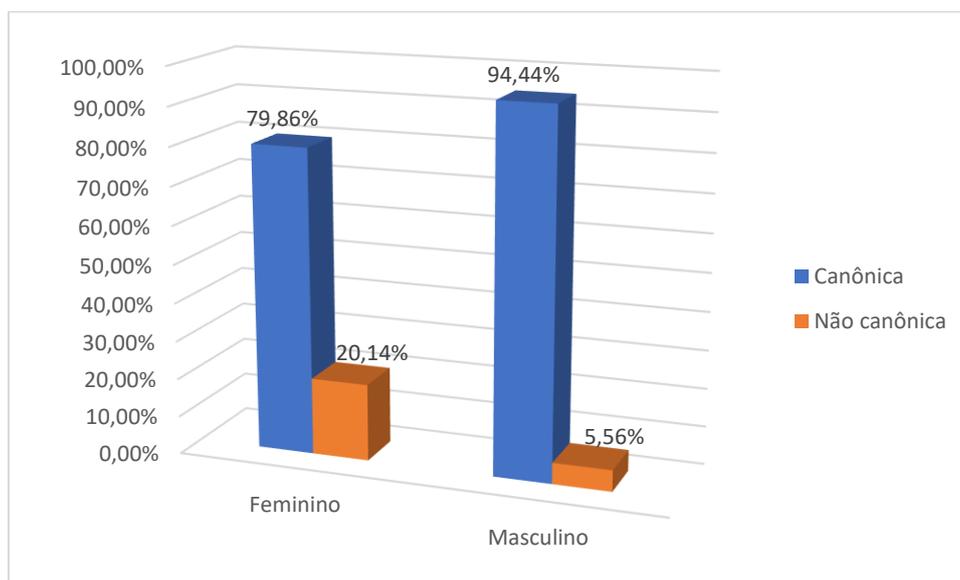
3.4.1 Fator social “sexo/gênero”

Nossa hipótese em relação à variável “sexo/gênero”, ancorada nos estudos de Labov (1972) e Paiva (2015) sugere que as mulheres, em busca de prestígio social tendem a usar as

formas canônicas, enquanto os homens usariam mais as formas não canônicas do fenômeno investigado.

Em nosso estudo, a variante não canônica não é prestigiada pelos falantes da norma culta, então estabelecemos a hipótese de que as mulheres do município de Tefé tenderiam a utilizar com mais frequência a forma canônica, prestigiada. Após o levantamento da frequência de uso, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 3 - Distribuição das formas não canônica (a-mo) e canônica (e-mo) da variável *sexo* em verbos da 1ª conjugação



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 3 nos mostra que as formas verbais canônicas são preponderantes no repertório linguístico tanto do falante do sexo feminino quanto do sexo masculino. Contudo, ao tratarmos do objeto de nosso trabalho, os falantes do sexo feminino utilizam mais a forma não canônica com vogal temática [e], desprestigiada, do que os homens que usam mais a vogal temática [a], considerada a forma padrão para os verbos de 1ª conjugação, contrariando nossa hipótese. Estes resultados divergem de outros resultados encontrados em algumas pesquisas realizadas sobre o PB, mas convergem com os resultados encontrados na pesquisa de Pereira (2014), que mostrou que as mulheres se mostraram mais abertas ao uso da forma não canônica, que é menos prestigiada que a forma canônica.

Neste trabalho, a autora cita que apesar de não confluir para a hipótese levantada, o resultado de seu estudo está de acordo com Labov, “uma vez que, se a forma não canônica estiver propiciando uma mudança linguística no PB, as mulheres estariam sendo precursoras nesse processo” (Pereira, 2017, p. 66).

Martins (2019), no estudo sobre a concordância nominal com informantes da cidade de Fonte Boa (AM), mostrou que a forma não canônica (apagamento do *s*), desprestigiada, encontra-se com mais frequência no repertório linguístico dos falantes do sexto feminino, estando a forma canônica com alta frequência no repertório linguístico dos homens. Neste caso, os homens tendem a usar mais a forma prestigiada do que as mulheres.

As discussões sobre o papel da mulher na sociedade têm despertado interesse de muitos pesquisadores. Hodiernamente, a discussão dessa temática leva em consideração a subjugação a que, historicamente, as mulheres foram submetidas. O papel social da mulher, como dona de casa, como esposa, como mãe e como trabalhadora reforça essa discussão, principalmente, quando se trata de procurar entender o papel do gênero feminino nos fenômenos de variação e mudança.

Em Tefé, a fala dos informantes do gênero feminino evidenciou que são as mulheres com faixa etária mais velhas que fazem o uso da forma não canônica, e isso nos leva a refletir que possivelmente esteja havendo mudanças na configuração familiar, em que, além do papel de dona de casa, do lar, mãe e esposa, a mulher está cada vez mais atuante nos espaços produtivos, ocupando cada vez mais espaço na sociedade por meio do seu trabalho, graças a avanços nas leis trabalhistas e na proteção dos direitos das mulheres, mudanças na estrutura familiar, em que ambos os parceiros trabalham e também graças a narrativas de empoderamento feminino e movimentos feministas, que destacam a importância de as mulheres terem autonomia sobre suas vidas, incluindo escolhas de carreira e independência financeira.

Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*, em que se evidencia uma variação entre as formas e apagamento do pronome sujeito de 1ª pessoa do singular na fala das mulheres:

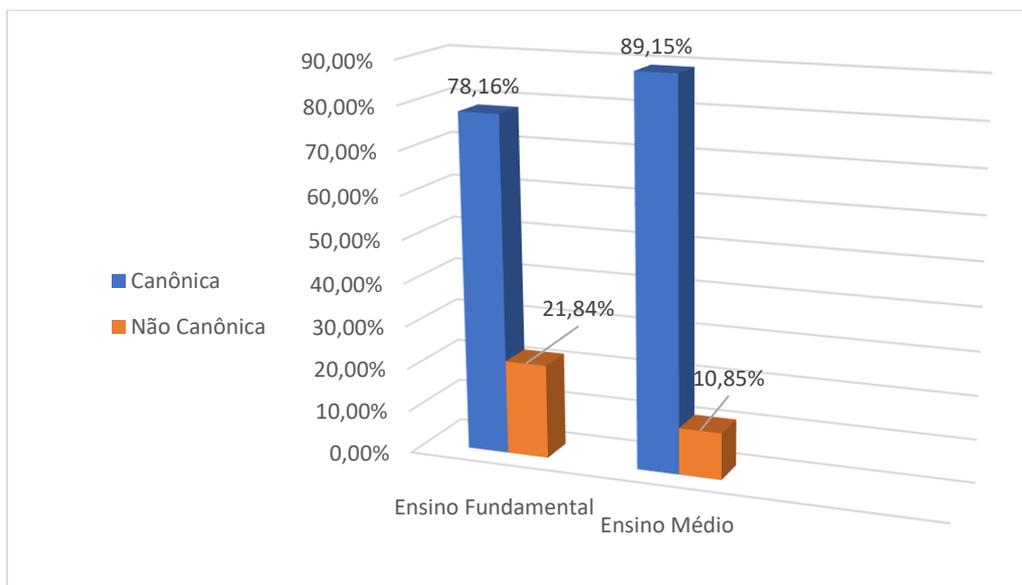
- (1) Entrevistadora: Conte um pouco sobre sua última viagem a Manaus. Entrevistada: (.....) Perto do viaduto. Atrás do estúdio, sim. Aí fomo embora. Aí nós *sentemo* lá no estúdio 5. (F6, fem, ens. médio, 50 anos).
- (2) Entrevistadora: Então ele já morava aqui no bairro, né? Entrevistada: Informante: “Isso, ele já morava aqui, que era a casa dele. (...) Eu conheci ele. Nós *comecemo* a namorar, namoramos, separamos e voltamos de novo.(F5, fem, ens.médio, 47 anos).

3.4.2 Fator social “escolaridade”

Em relação ao fator social “escolaridade”, baseado nos estudos de Pereira (2014; 2021), que tratam deste objeto de estudo, informantes mais escolarizados tendem a utilizar mais a forma canônica. Lembramos que esta variável externa foi estratificada em duas categorias: Ensino Fundamental (1º ao 9º) e Ensino Médio; para cada faixa etária, por sua vez, foram selecionados 06 informantes: sendo 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino.

A nossa hipótese era a de que informantes com menos escolarização utilizariam com mais frequência que os mais escolarizados a variante não canônica *-e-mo(s)*. Baseadas nas apurações de Pereira (2014), cremos, pois, que quanto mais escolarizado fosse o falante, menor seria o uso da variante não canônica, ao mesmo tempo que, quanto menor fosse o grau de escolaridade, haveria mais o processo de desneutralização, ou seja, o falante faz uso da forma não canônica para diferenciar o tempo verbal.

Gráfico 4 - Distribuição das formas não canônica (a-mo) e não canônica (e-mo) na variável *escolaridade* nos verbos de 1ª conjugação



Fonte: Elaboração própria

Conforme vemos no Gráfico 4, a distribuição da amostra em função das faixas de escolaridade nos permite apontar uma faixa que especialmente parece favorecer o uso da forma

não canônica (*e-mo*), que é a faixa dos informantes com formação no Ensino Fundamental, estando estes com 21,84%, em comparação aos informantes com o Ensino Médio, com 10,85%, isso, por si só, já confirma nossa hipótese.

Tal resultado vai ao encontro do que nos revelou o estudo realizado em Florianópolis/SC sobre este mesmo fenômeno, em que se demonstrou que “todas as formas não canônicas foram produzidas pelos informantes menos escolarizados, que também utilizariam, algumas vezes, a forma canônica” (Pereira, 2014, apud Pereira, 2021, p. 151). Nosso resultado também coincidiu com a conclusão dos estudos de Pereira (2021), uma vez que o menor nível de escolaridade (até fundamental I) foi a categoria que mais favoreceu o uso da variante /e/, com 57,2% de uso, em contraste com os 42,8% da variante canônica /a/.

Trazemos à vista um trecho de entrevista que nos mostra a fala de um informante com o Ensino Fundamental, a qual, embora sendo mais jovem, utilizou-se de (*-e-mo*) variando com o padrão (*-a-mo*):

(1) Entrevistadora: E aí vocês ficaram onde lá em Manaus?

Entrevistado: “A gente *fiquemo* num... Eu me esqueci o nome do... Eu sei que não é não é em Manaus. Tipo assim, é em Manaus, né? Esse aqui não é... A gente pega uma estrada e vai embora. Ah, tá. Eu me esqueci o nome”. (...) Sim. Nesse momento, esses dias, *nós estamos* saindo muito cedo esses dias. Nós estamos saindo nove horas, dez. Porque a aula só termina... E agora, nós temos bem oito professores, eu acho. E a gente sai às onze e meia. Ou às onze e vinte (M1, masc. ensino fund., 14 anos).

Trazemos outro trecho de entrevista que nos mostra a fala de um informante com o Ensino Fundamental, com idade mais avançada, em que também, utilizou-se de (*-e-mo*) variando com o padrão (*-a-mo*):

(1) Entrevistadora: Vocês se casaram faz tempo, quanto tempo? Entrevistado: Nós nos *casemos* em 2007. (M3, masc. ensino fund. 52 anos).

(2) Entrevistadora: Se juntaram por quanto tempo? Entrevistado: A gente ficou, acho que umas cinco a seis anos, assim, junto. Depois *casamos*. Uhum (M3, masc., Ensino Fund. 52 anos).

A partir desta leitura interpretativa, quando fomos observar o uso da forma canônica, um fato curioso ocorreu-nos: os informantes com o Ensino Fundamental realizam com mais produtividade em seu repertório linguístico a variante canônica (*a-mo*), com 63,19%, ao passo que os informantes com Ensino Médio, com 36,81%. Isso nos revela que o uso da forma canônica é recorrente no vernáculo dos informantes com menor escolaridade, do que na fala dos informantes do Ensino Médio. Esta situação identificada em Tefé merece destaque em uma investigação qualitativa sobre as condições do ensino público no município, em especial sobre esta última etapa da educação básica.

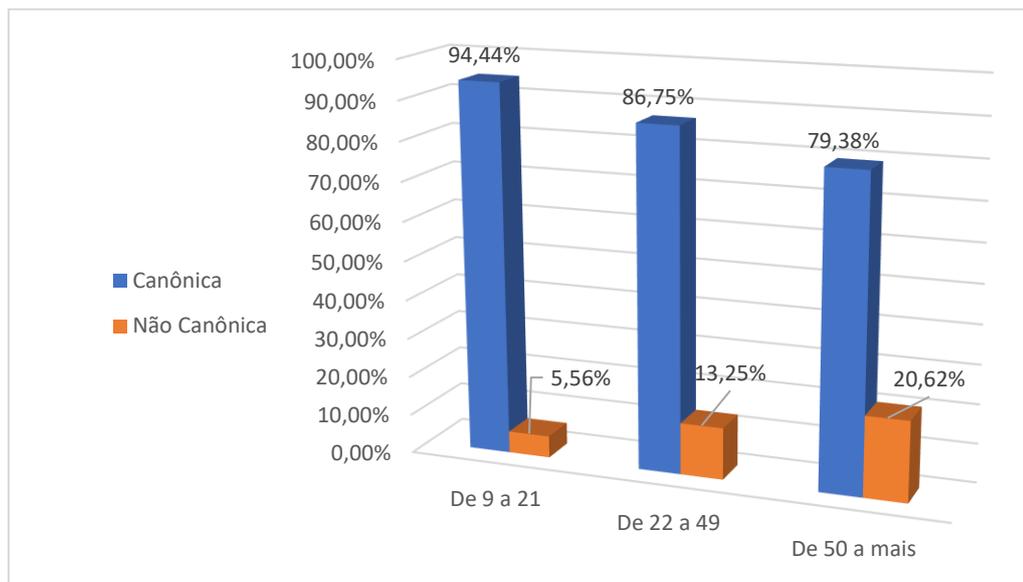
Concluimos, assim, a partir desses resultados, que é evidente o uso da variação não canônica nos informantes com nível mais baixo de escolaridade. Isso significa que a escola tem um papel significativo para a mudança de usos linguísticos nos falantes, que se tornam mais preocupados em utilizarem as formas padrão da língua no decorrer de seu processo de escolarização.

3.4.3 Fator social “faixa etária”

Ao selecionarmos o grupo de fator social “faixa etária”, refletimos na questão: são os falantes mais velhos ou os mais jovens que utilizam a variante não canônica? Alicerçados nos estudos de Pereira (2014; 2011) nossa hipótese para tal pergunta seria a de que os informantes mais velhos estariam mais propensos à utilização da variante não canônica (*e-mo*), uma vez que os mais jovens teriam mais acesso às mídias, às redes sociais e às tecnologias da informação.

Além disto, apesar de não termos realizado um estudo de atitude linguística, podemos afirmar, fundamentados nas investigações de Pereira (2021), que as formas não canônicas se revelam estigmatizadas e são associadas a falas de localidades rurais, sendo passíveis, assim, de serem evitadas pelos falantes mais jovens. No Gráfico 5 têm-se os resultados da influência da variável “faixa etária”:

Gráfico 5 – Distribuição das formas canônicas (*a-mo*) e não canônica (*e-mo*) na variável *faixa-etária*



Fonte: Elaboração própria

No Gráfico 5, podemos perceber que no grupo de fatores ‘faixa etária’ a forma não canônica é menos produtiva na primeira faixa etária (de 9 a 21), com 5,56% e 94,44% da forma canônica, em contraste com a faixa etária dos falantes mais velhos (acima de 50 anos), que produz com maior frequência o uso da forma não canônica, 20,62% e 79,38% da forma canônica, confirmando, portanto, nossa hipótese: falantes mais velhos utilizam com maior produtividade em suas falas a forma [-e-mo]. A faixa intermediária (de 22 a 49) utiliza mais a forma canônica, 86,75%, apresentando diferenças pouco significativas entre as formas canônicas e não canônicas.

Trazemos à vista um trecho de fala de uma informante de menor escolaridade, do sexo feminino, mais velha, percebemos as seguintes ocorrências:

- (1) Entrevistadora: Quantos irmãos a senhora tinha? Entrevistada: “nós era oito irmãos. Era nove, né? Mas eu não conhecia o que faleceu, né? Ainda não era ainda. *Aí fiquemos* só oito, oito irmãos.(F3, fem. Ens.Fund., 58 anos).

Os resultados aqui apresentados convergem com a conclusão do estudo de Pereira (2014), no entanto divergem do resultado dos estudos de Pereira (2021). Neste último, não são os informantes mais velhos que estão privilegiando o uso de /e/, mas sim os falantes da faixa etária mais jovem (até 50 anos), situação diferente da demonstrada por muitos estudos sociolinguísticos. Quanto a esta particularidade, a autora pondera que é preciso investigar

melhor o perfil social dos falantes que compõem as categorias – até 50 anos e acima de 50 anos – das variáveis idade e escolaridade.

3.4.4 Fator linguístico “tempo verbal”

No que concerne ao fator “tempo verbal”, estudos revelam a sua relevância como condicionador interno em pesquisas sociolinguísticas (COSTA, 1990; CASTILHO, 1992; GONÇALVES; PEREIRA, 2014; PEREIRA, COELHO e LOREGIAN-PENKAL, 2016). Nesses estudos é revelado que há uma forte tendência das formas não canônicas, como *falemo(s)* e *comimo(s)* – estarem correlacionadas ao tempo verbal de passado, usualmente, no pretérito Perfeito do Indicativo (Pereira, 2021).

Para ilustrar, citamos Costa (1990) que ao tratar sobre os verbos na fala de camponeses explica que no dialeto da Colônia Santo Antônio os verbos regulares de 1ª conjugação, com a forma “e-mo ” ocorre com menos frequência no presente do indicativo e com mais frequência dos casos de pretérito perfeito.

Assim, fundamentados em estudos de Amaral (1920), Costa (1990), Pereira (2014), Pereira, Coelho, Loregian-Penkhal (2016), Pereira e Margotti (2018) e Pereira (2021), hipotetizamos que o uso das variantes não canônicas é mais privilegiado no contexto do Pretérito Perfeito do Indicativo. Citamos também Abreu (2005), que afirma que os tempos verbais mais usados nas narrativas são os tempos do passado, com predominância no pretérito perfeito

Tabela 3 - Ocorrências da 1ª conjugação.

Tempo	/e/	/e/
Presente	0	0%
Pretérito Perfeito do Indicativo	33	100%

Fonte: Elaboração própria

Conforme observamos na Tabela 3, após o levantamento das ocorrências do nosso objeto de estudo (1ª conjugação), os resultados desta pesquisa atestaram nossa hipótese, ou seja, a totalidade do uso de /e/ nos informantes selecionados se dá categoricamente no contexto do Pretérito Perfeito do Indicativo, não havendo manifestação no tempo presente.

Diante do que foi apurado, concordamos que este fator linguístico precisa ser mais bem aprofundado, tendo em vista o reduzido número de dados da pesquisa. Não temos como afirmar que nas formas não canônicas produzidas pelos informantes ocorreu o processo de desneutralização, tal como foi explicado no item 1.4, que se trata de uma alteração no elemento mórfico para diferenciar o presente do passado, sendo neste caso, a alteração na vogal temática de /a/ para /e/.

Este resultado emerge também da forma como foi conduzida a entrevista, pois exploramos do vernáculo linguístico dos informantes entrevistados narrativas da vida pessoal e vivências pessoais e marcantes da historicidade dos informantes, muitas delas fazendo referências a situações acontecidas no tempo decorrido (infância, juventude e passado pouco distante).

3.4 5 Fator Linguístico “item lexical”

Sobre a variável “item lexical”, Pereira (2021) pretendeu em sua investigação controlar esse fator, a fim de verificar se esse tipo de variação morfofonológica poderia estar ocorrendo por um processo de difusão lexical ou por analogia a verbos mais frequentes no corpus.

Entende-se por difusão lexical, de acordo com Cristófaros-Silva (2001), quando uma mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e propaga-se para outras com estrutura sonora semelhante, neste caso, as formas verbais de 1ª conjugação, ao contrário da teoria dos neogramáticos, que defendem que as mudanças linguísticas afetam abruptamente todas as palavras da mesma língua (com regularidade, sem exceções).

Em síntese, o modelo prevê que as mudanças sonoras sejam foneticamente abruptas, mas o léxico vai ser atingido gradualmente: primeiro um item (ou classe de palavras), depois outro e assim sucessivamente (CRISTÓFARO-SILVA, 2001).

No estudo diatópico realizado por Pereira e Margotti (2018), que teve como corpus de análise a carta linguística nº 83 do ALERS (Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil), foi mostrado que parecem existir verbos que estão mais associados ao uso de formas não-padrão, como exemplo, o verbo *ficar* e suas variantes *ficamos*, *ficamo*, *fiquemos* e *fiquemo*,

Assim, acreditamos que, no fenômeno por nós investigado, as variantes não canônicas podem ser motivadas pelo uso de itens lexicais mais frequentes em uso não canônico. Assim, sugerimos em nossa hipótese que há formas verbais de 1ª conjugação que estejam mais

associadas ao uso de variantes não canônicas, como: *ficar*, *casar e pescar*, por uma questão de difusão lexical.

A fim de constatar nossa hipótese, procedemos ao mapeamento dos itens lexicais mais recorrentes e menos recorrentes, objetivando descobrir se o uso da forma não canônica está nas formas mais recorrentes.

Tabela 4 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno item lexical, de acordo com as variáveis linguística “item lexical”.

	Item Lexical	Quantidade	Porcentagem
01	Chegar	5	15,15%
02	Ficar	3	9,09%
03	Passar	3	9,09%
04	Casar	3	9,09%
05	Pescar	3	6,06%
06	Começar	2	3,03%
07	Juntar	1	3,03%
08	Colocar	1	3,03%
09	Votar	1	3,03%
10	Retornar	1	3,03%
11	Deitar	1	3,03%
12	Separar	1	3,03%
13	Criar	1	9,09%
14	Atravessar	1	3,03%
15	Pensar	1	3,03%
16	Escapar	1	3,03%
17	Pescar	1	3,03%
18	Sentar	1	3,03%
19	Almoçar	1	3,03%
20	Encontrar	1	3,03%
		33	100%

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 3 nos mostra um rol de 20 (vinte) itens lexicais mais frequentes em uso não canônico na fala dos informantes entrevistados. Deste total, os itens lexicais que são mais frequentes no repertório linguístico são as formas variantes dos verbos “chegar”, “ficar”, “passar”, “casar”, “começar” e “pescar”, conforme trechos abaixo:

- (1) “Tá lá abandonado. Quando nós **cheguemo** aqui, só era mato por dentro da casa” (F6, ens.med,50 anos)
- (2) “**Cheguemos** lá na empresa lá. Onde o Edvan ia trabalhar” (F6, ens.med,50 anos)

- (3) “Nós voltamos, acho que eram mais seis e pouco. Nós **cheguemos** aqui sete horas” (F6, ens.med,50 anos)
- (4) “14 reais 14 reais nós **cheguemo** a comprar e aqui na cidade” (F2)
- (5) “**Cheguemo** ontem, fui fazer uma farinha, né?” (F3, fem,ens.fund., 57 anos)
- (6) “em 2016, em 2015, 2016 a gente **fiquemo** junto, mas é assim e assim a gente vai” (F2, fem.ens.fund, 26 anos)
- (7) “Ainda não era ainda. Aí **fiquemos** só oito, oito irmãos” (F3, fem,ens.fund., 57 anos)
- (8) “A gente **fiquemo** num... Eu me esqueci o nome do... Eu sei que não é não é em Manaus” (M1, masc. ens.fund.14 anos).

Vemos que estes casos refletem processos de variação implementados lexicalmente. Diante destes dados linguísticos, compreendemos que essas formas verbais estão relacionadas com as perguntas da pesquisa, pois representam a realidade, traduzem o mundo narrado vivido no cotidiano dos informantes em meio a seus afazeres habituais.

O item lexical “chegar”, que teve o maior número de ocorrências não canônicas, é classificado pelas gramáticas normativas como um verbo intransitivo, ou seja, uma ação que já possui significação por si só, não necessitando de complementação. Nas palavras de Travaglia (1994, p.65), esta forma verbal expressa “situações pontuais, cuja ocorrência implica o término de uma outra situação que é durativa, isto é, situações pontuais que são o término de uma situação durativa”. Fazem parte dessa concepção as formas expressas nos exemplos (1), (2), (3) e (5). Além disso, o verbo “chegar”, de acordo com Borba (2002) é usado em determinados contextos para indicar determinados pontos ou limites e isso pode ser observado no exemplo (4): “14 reais 14 reais nós **cheguemo** a comprar e aqui na cidade”.

Entendemos a importância de um estudo mais aprofundado sobre os processos pelos quais se passa a dinâmica das ações verbais que são reflexos da dinamicidade refletida no repertório linguístico dos falantes, contudo não é objetivo deste trabalho o aprofundamento deste tema verbal.

3.4.6 Fator Linguístico “formas de realização do pronome”

O português brasileiro, de acordo com a teoria gerativista Princípios e Parâmetros, ao contrário do inglês, é uma língua tipicamente de sujeito nulo, pois apresenta propriedades

sintáticas de línguas + *pro-drop*, que é uma construção que deixa cair (drop) o pronome (pro), como em: “pensamos muito a este respeito” (BUTHERS, 2012).

Contudo, está ocorrendo, de acordo Lopes (2007), uma reestruturação no paradigma verbal que perde sua riqueza flexional passando de seis para três formas básicas (eu falo, tu/você/ele/a gente fala, vocês/eles falam). A perda da desinência verbal, portanto “dá aos novos pronomes o status de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória”. Com isso, Lopes (2007) afirma que o português do Brasil estaria passando de uma língua de sujeito não preenchido (\emptyset falamos muito) para uma língua de sujeito preenchido (Nós falamos muito).

A expressão pronominal P4, tem como referência o pronome “nós” (CÂMARA JÚNIOR (2013). Estudos variacionistas indicam que cada vez mais no Brasil essa expressão pronominal vem sendo usada alternativamente com a forma “a gente”, portanto a alternância entre os dois termos é de uso comum entre os falantes no Brasil, resultado de um processo de mudança que envolve diversos fatores linguísticos e sociais (VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S, 2015; CARVALHO, Hebe; FREITAS, Maylle; FAVACHO, 2020; SEARA, 2000; LOPES, 1998).

Lopes (1998) afirma que os falantes jovens empregam mais a forma a *gente* e os falantes idosos, a forma *nós*. Neste estudo, buscamos identificar quais as formas de realização do pronome no preenchimento do sujeito falante das formas verbais em estudo, traçando como hipótese o que foi afirmado por Lopes (1998; 2007), de que o sujeito das narrativas das entrevistas está sendo cada vez mais preenchido e o pronome *nós* é a expressão pronominal mais recorrente na fala dos informantes, visto que em nosso estudo são os falantes mais velhos que utilizam com maior produtividade a forma (-e-mo), Em levantamento realizado, tivemos como resultado:

Tabela 5 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno [e], [e] de acordo com as variáveis linguística “formas de realização do pronome”

	[e]	[e]
Sujeito não preenchido	11	33,33%
Nós	17	51,52
A gente	05	15,15%
	33	100%

Fonte: Elaboração própria

Em nossos dados, foram identificadas 3 possibilidades utilizadas pelo falante para referir-se à 1ª pessoa do discurso no plural: sujeito nós - seguido de verbo com desinência *-mo* e de sujeito a gente - com desinência verbal *-mo*, e sujeito não preenchido. Da análise, obtivemos, conforme é visto na Tabela 5, de um total de 33 dados da forma não canônica, 51% ocorrências de *nós*, 33% não preenchido e 15,15% de ocorrências do pronome *a gente* (34%), confirmando, portanto, nossa hipótese que o pronome “nós” é o mais recorrente no repertório linguístico.

Vejam os trechos:

- (1) “14 reais 14 reais nós **cheguemo** a comprar e aqui na cidade”.
- (2) “Aí foi, nós **separemos** também, que eu já tinha minhas filhas”
- (3) “Aí nós **pesquemo, pesquisemo, pesquisemo**
- (4) “Em vez de nós ir pra beira, não, nós **travessemo** a ressaca
- (5) “**Votemo** no Lula e vamos votar de novo, vamos votar quando esse candidato tá de novo”.
- (6) “Ainda não era ainda. Aí **fiquemos** só oito, oito irmãos”
- (7) “nós passamos três anos namorando. Aí depois dos três nós separamos. Aí **passemo** um ano separados”
- (8) “Já, aí em 2016, a gente **retornemo** de novo pra escola”.
- (9) “A gente **fiquemo** num... Eu me esqueci o nome do... Eu sei que não é não é em Manaus.”.

Em relação ao resultado, o pronome “nós” é empregado pelo falante podendo referir-se a ele pessoalmente (o *eu*), ao interlocutor (tu/você), ou as pessoas de modo em geral (LOPES, 1998). Em nosso estudo, como as entrevistas tratavam de situações específicas vivenciadas pelos entrevistados, constatamos que o informante variava em suas falas a forma *nós* se referindo a ele mesmo ou juntamente com um interlocutor. Propomos o aprofundamento deste assunto em um momento futuro, visto que não está entre nossos objetivos esta análise.

3.4.7 Fator linguístico “Apagamento ou não do -s na desinência”

Conforme explicado no item 1.5 deste trabalho, são bastante numerosos os estudos que tratam da relação entre os pronomes e a flexão verbal. Os resultados demonstram que a simetria entre pronome e a flexão verbal está cada vez menos produtiva na fala e na escrita dos falantes das diversas regiões do Brasil (COSTA, 1990; SGARBI, 2006; LUCCHESI, 2015; SILVA, 2019; MAGALHÃES; CARVALHO, 2021; TAVARES, 2021; ALVES, MAGALHÃES, SOUZA, 2020).

O fator linguístico “apagamento ou não do -s” trata especificamente da variação que ocorre no morfema representado pelo sufixo-número-pessoal (SNP) - *mos*, estando este fator vinculado aos estudos de concordância verbal, posto que se trata, nas palavras de Castilho (2009, p.250) de uma perda progressiva do -s na composição do morfema (-mos), a exemplo de *nós ficamo* (por nós ficamos) e *nós bebemos* (por nós bebemos), formas muito recorrentes na fala de sujeitos não escolarizados.

Contudo, os únicos estudos que dizem respeito ao uso do *-mo* associado à variação -a- para -e-, são as pesquisas variacionistas realizadas por Zilles, Maya e Silva (2000) e Zilles e Batista (2006), citados por Pereira (2021). Na primeira investigação, realizada nas cidades de Panambi e Porto Alegre, os resultados mostraram que no cruzamento entre as variáveis “alternância da vogal temática” e ‘apagamento do /s/ na SNP da P4 existe um alto peso em relação ao uso de -e- e ao efetivo apagamento, mostrando, com isso, que o uso do -e-, forma não canônica, favorece a utilização de -mo, também não canônica.

Da mesma forma, na investigação de Zilles e Batista (2006), embora com menor frequência, em contextos do presente do indicativo e pretérito perfeito, constatou-se o apagamento de -s final e nenhuma ocorrência de alteração de -a- para -e-, constatando um índice muito robusto de ocorrências de DNP-P4 padrão: 82%” (apud PEREIRA e MARGOTTI, 2018, p. 227).

A fim de cotejar estes resultados, fundamentamos nossa hipótese nos estudos de Zilles, Maya e Silva (2000), em que há um alto índice de apagamento do -s na forma não canônica em -e.

Tabela 6 - Resultados gerais da 1ª conjugação em relação ao fenômeno [e], [e] de acordo com as variáveis linguística “apagamento ou não do -s

	[e]	[e]
Apagamento ou não do -s	33	100%

Apagado (-mo)	33	100%
Não apagado (-mos)	0	0%

Fonte: Elaboração própria

A tabela 6 nos mostra que em 100% dos casos em que ocorreram as formas não canônicas da primeira conjugação, não foi realizada a concordância verbal entre o sujeito, denotando, assim, que possivelmente o uso do /mo/ condiciona o uso da variante /e/.

Baseados em estudos de concordância verbal, em Pereira (2014), a ausência do -s na desinência número pessoal é mais frequente em falantes com menor escolaridade e a sua presença é característica de falantes cultos. O que vemos aqui, traçando com o nível de escolaridade, é que de fato está relacionado, visto que são os informantes com menor escolaridade que fazem o uso da variante não canônica, como no exemplo “Aí nós **deitemo** ela e eu fiquei olhando-a”, de um informante como ensino fundamental.

3.5 Resultado da 2ª conjugação

Nesta seção são descritos os resultados de 2ª conjugação relativamente às variantes canônica /e/ e não canônica /i/. Nos resultados gerais, na seção 3.2, foi mostrado um total de 111 ocorrências de verbos de segunda conjugação no corpus investigado. Em levantamento realizado, identificamos apenas duas ocorrências da variante não canônica com a vogal temática em /i/, representando 1,8%, um número pouco expressivo para uma análise numa pesquisa quantitativa.

Procuramos, contudo, mostrar aqui que há ocorrências das formas: *nascimo e vivimo*, como variantes das formas *nascemos e vivemos* na fala dos moradores de Tefé, conforme mostramos nos trechos, a seguir: Pesquisadora: “Tua família, moram na rua Papagaio?” Informante: “Aqui em Tefé mesmo lá em Fonte Boa **nascimo** e se *criemo* aqui e a gente vive, até hoje, vendo as mudanças de dentro de Tefé. (F2, ens.fund, 26 anos). Pesquisadora: Quantos anos vocês viveram juntos, ficaram juntos? Informante: “Nós **vivimos** juntos. Eu nem tô lembrada, mas ainda tive esses quatro filhos (F3, ens.fund. 60 anos)

3.5.1 Fatores sociais e linguísticos

3.5.1.2 sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, hipóteses e resultados

Baseados nos estudos de Pereira (2014, 2018;2021) e em nossos resultados da primeira conjugação, nossa hipótese para o uso da forma não canônica em verbos da segunda conjugação é de que são as informantes mulheres, os com menos escolaridade e os mais velhos, que mais usam em seus repertórios linguísticos a forma não canônica.

Ao analisar as ocorrências, constatamos que as duas formas encontradas foram realizadas por informantes do sexo feminino, uma com a primeira idade, 26 anos, e a segunda, com 60 anos, ambas com o Ensino Fundamental, corroborando, portanto, com a nossa hipótese.

Os fatores linguísticos trabalhados nesta conjugação foram: “tempo verbal”, “pagamento ou não do -s” “formas de realização do pronome”. Não trabalhamos nesta segunda conjugação o fator item lexical por termos somente dois itens concorrentes. Nossa hipótese para os outros fatores linguísticos, conforme já mencionado nas seções anteriores desta dissertação, é de que o pretérito perfeito do indicativo seria a categoria de tempo verbal que mais condiciona o uso da variante não canônica, que o apagamento do *s* no SNP favorece a forma não canônica e que o sujeito da ação verbal é preenchido nas narrativas dos informantes pelo pronome “nós”.

Constatamos que as formas “*nascimo*” e “*vivimo*”, que são os nossos objetos de estudo, fazem referência ao passado (pretérito perfeito do indicativo). Em relação à forma de preenchimento do sujeito, chamamos atenção para a forma “*nascimo*” não ter o seu sujeito lexicalizado, característica própria do português brasileiro, por ser uma língua *pro-drop*, construção em que o pronome é implícito (BUTHERS, 2012).

Já a forma “*vivimo*”, realizada por uma informante de 60 anos, foi realizada com o pronome pessoal “nós” confirmando o que foi dito por Lopes (1998), sobre os fatos de os falantes mais idosos preferirem a forma *nós*. Quanto ao fator “pagamento ou não do *s*”, tal como aconteceu nas formas não canônicas da primeira conjugação, a queda do -*s* na concordância verbal é mais recorrente nas formas não canônicas em -*i*: formas *nascimo e vivimo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou as influências que os fatores sociais e linguísticos exercem sobre a língua falada no município de Tefé, estado do Amazonas, situado na região Norte do Brasil, no que diz respeito à variação morfofonológica na P4 em verbos regulares da 1ª e 2ª conjugações nos tempos presente e pretérito perfeito.

Pudemos inferir em nossa investigação que formas linguísticas inovadoras, como “*cheguemo*” e “*vivimo*”, não canônicas do ponto de vista das gramáticas normativas, de fato são realizadas na fala de alguns dos moradores de Tefé e o seu uso não é percebido por quem as pronuncia, sendo inerente, portanto, ao repertório linguístico dos informantes e, por isso concluímos que tais formas não comprometem o entendimento durante interação verbal entre os interlocutores.

Vimos ao longo de nosso estudo a confirmação e refutação de hipóteses que tínhamos traçado sobre o uso de formas não canônicas dos itens lexicais da primeira e da segunda conjugações, com SNP *-emo(s)* e *-imo(s)*. As respostas às perguntas da pesquisa com base nas hipóteses levantadas foram respondidas após a análise dos resultados que serão discorridos aqui.

Quanto ao levantamento dos dados, nosso estudo apurou que a base das estruturas enunciativas dos informantes pesquisados se deu com um maior número de realização de formas verbais de 1ª conjugação, englobando 66% do *corpus*, ao passo que a 2ª conjugação apresentou um percentual de 34% do *corpus*.

Proporcionalmente, por serem os mais produtivos na fala dos informantes, foram nos verbos de primeira conjugação que identificamos o maior número de ocorrências das formas não canônicas em estudo *-emos(s)*, com 15,28%, ao passo que as formas verbais da segunda conjugação obtiveram um menor número de ocorrências: *-imos*, com 1,8%. Já as formas canônicas perfizeram 84,72% da primeira conjugação e 98,20% da segunda.

Em relação aos fatores sociais, a primeira hipótese estabelecida em nosso estudo foi a de que mulheres do município de Tefé, em busca de prestígio social, tenderiam a usar as formas canônicas, conservadoras, enquanto os homens usariam mais as formas não canônicas (inovadoras). Contudo, foi constatado que são os informantes do sexo feminino que realizam mais a forma não canônica. Os dados do gráfico 3 nos mostram, que, em comparação aos homens, 20,14 %, das ocorrências não canônicas foram realizadas pelas mulheres, passo que os homens apenas 5,56%. Ambos realizam alternadamente a forma canônica, totalizando: 79,86%

(mulheres) e 94,44 (homens), com isso, são os homens que utilizam com mais frequência a forma canônica.

A segunda hipótese estabelecida quanto ao fator social “escolaridade” foi confirmada. Baseados nos estudos que tratam sobre o mesmo objeto de estudo, traçamos a hipótese de que os informantes mais escolarizados tenderiam a utilizar a forma conservadora; ao passo que os menos escolarizados tenderiam a realizar a forma inovadora. A análise dos dados de fato comprovou que o uso da forma não canônica (*e-mos*) é mais produtiva na fala dos informantes com menor escolaridade, em nosso caso, com Ensino Fundamental (55,8%).

Sobre o fator “faixa etária”, a hipótese de que seriam os informantes mais velhos mais propensos à utilização da variante não canônica (*e-mos*), uma vez que os mais jovens teriam mais acesso às mídias, redes sociais, as tecnologias da informação, foi confirmada. O estudo mostrou que a forma não canônica é menos produtiva na primeira faixa etária (9-21), 6,06% e mais produtiva na fala dos informantes mais velhos (mais de 50 anos), com 60,61%. A faixa intermediária (22-49) utiliza mais a forma canônica, 33,33%, apresentando diferenças pouco significativas entre as formas canônicas e não canônicas.

Quanto aos fatores linguísticos, nossos resultados em relação à primeira conjugação confirmaram as hipóteses estabelecidas inicialmente: 1) as formas verbais não canônicas são mais recorrentes nos contextos do pretérito perfeito do indicativo; 2) as variantes não canônicas podem ser motivadas pelo uso de itens lexicais mais frequentes em uso não canônico, existindo verbos que estão mais associados ao uso de formas não-padrão. Em nosso caso, os itens lexicais mais utilizados foram as variantes das formas *chegar, ficar, passar, casar, pescar e começar*. Estas formas lexicais foram motivadas pelo teor das perguntas de pesquisa, fazendo, portanto, parte do cotidiano linguístico dos informantes entrevistados; 3) o sujeito das narrativas das entrevistas está sendo cada vez mais preenchido e o pronome *nós* é a expressão pronominal mais recorrente na fala dos informantes. Os resultados confirmam: 51% ocorrências de *nós*, 33% não preenchido e 15,15% de ocorrências do pronome *a gente* (34%).

Concluimos com isso que o maior número de ocorrências do pronome *nós*, como preenchimento do sujeito, se dá em razão de os informantes mais velhos serem os que mais utilizam a forma não canônica; na desinência SNP (sufixo número-pessoal), a não realização do -s favorece a realização da forma não canônica como “*comemo*” e “*bebemo*”. Tal resultado confirma estudos variacionistas sobre a concordância verbal, de que cada vez mais o -s está sumindo da fala dos informantes, principalmente dos menos escolarizados.

Quanto às formas verbais de segunda conjugação, de um *corpus* de 111 ocorrências dessa conjugação, identificamos apenas duas ocorrências da variante não canônica, com a vogal

temática em /i/, inovadora, representando 1,8%, um número pouco expressivo para uma análise de pesquisa quantitativa. Mesmo diante do inexpressivo número de ocorrências, procedemos às análises, pois não podemos desconsiderar a existências dessas formas no linguajar tefeense. Os resultados são os seguintes 1) são as mulheres que realizaram as formas identificadas: “*nascimo*” e “*vivimo*”; 2) são os informantes com menor escolaridade que fazem uso; (3) o fator idade é irrelevante nesta forma, pois as duas ocorrências foram realizadas, uma por uma informante de 26 anos e outra por uma informante de 60 anos.

Da análise dos fatores linguísticos, resultou o seguinte: (1) as formas não canônicas são mais frequentes em contextos pretérito perfeito do indicativo); 2) quanto à forma de realização do sujeito, o item lexical “*nascimo*” não teve seu sujeito lexicalizado, característica própria do português por ser uma língua + *pro-drop*, ao contrário da forma “*vivimo*”, que teve seu sujeito preenchido pelo pronome “*nós*” e o que é mais interessante: foi realizado por um informante mais velho, confirmando o que foi relatado por Lopes (1998); 3) tal como aconteceu com as formas não canônicas da primeira conjugação, a queda do -s na concordância verbal é favorecida também nas formas não canônicas em -i.

Labov (2008 [1972], p. 298) cita que “a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua, tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos”; assim, procuramos enfatizar, nesta pesquisa, além dos grupos de fatores sociais, também os grupos de fatores linguísticos. O estudo dos primeiros possivelmente indica que o fenômeno em estudo pode ter correlação com o sexo/gênero, a escolaridade dos informantes e a faixa etária dos informantes e isso foi respondido em nossas perguntas de pesquisa:

1) Quais as variantes da vogal temática de P4 em verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação no Presente e Pretérito Perfeito na fala tefeense?

Em resposta a esta questão, na localidade de estudo encontramos variantes da vogal temática em (-a) e em (-e), com variação na P4, como nos exemplos: “*cheguemo(s)* e *vivimo(s)*”.

2) A variante “*e-mo(s)*”, na 1ª conjugação, considerada não canônica, é realizada para diferenciar os contextos presente e passado?

Durante a análise das entrevistas, identificamos que todas as formas verbais com variação na vogal temática de primeira conjugação (*-e-mo*) fizeram referência ao pretérito perfeito do indicativo.

3) A variante “*-i-mo(s)*”, na 2ª conjugação, é utilizada também para diferenciar Presente e Passado?

Durante a análise das entrevistas, assim como aconteceu com os verbos de primeira conjugação, as formas verbais com variação na vogal temática de segunda conjugação (-i-mo) identificadas na fala dos moradores entrevistados, fizeram referência ao pretérito perfeito do indicativo.

4) A escolaridade influencia no uso das variantes da vogal temática de P4?

De acordo com os resultados encontrados em nossa pesquisa, sim, a escolaridade pode influenciar na realização de formas linguísticas não canônicas, embora a relação entre esses dois fatores seja complexa. Sobre isso, achamos interessante destacar alguns pontos como: nível de exposição, instrução formal, conformidade às normas gramaticais, consciência linguística, variação linguística em diversos contextos escolares, influências no ambiente escolar por parte dos docentes e o avanço da escolaridade ao longo do tempo.

Essa relação, portanto, não é determinística. Coexistem com as situações acima elencadas variações individuais consideráveis que foram identificadas durante as entrevistas, como contexto cultural, socialização e preferências pessoais, que também desempenham papéis significativos no repertório linguístico dos falantes. Em síntese, ainda que a escolaridade possa influenciar a preferência por formas linguísticas mais conservadoras, a linguagem continua sendo um fenômeno dinâmico e heteróclito, ou seja, possui dimensões sociais e individuais.

5) Os falantes mais velhos e mais jovens utilizam mais qual variante?

Em nosso estudo, concluímos que a faixa etária do falante pode influenciar no uso das formas linguísticas não canônicas. O uso de formas não canônicas, muitas vezes, está associado a fatores sociais e culturais, e a faixa etária é um desses fatores significativos. A ideia de que os mais velhos utilizam formas não canônicas na fala pode variar em diferentes contextos linguísticos e culturais.

Geralmente, os idosos são muitas vezes associados a formas mais conservadoras de linguagem, aderindo às normas estabelecidas ao longo do tempo. No entanto, pode haver situação, como foi identificado em nosso estudo, em que as formas não canônicas foram observadas nas falas das pessoas com mais idade, levando-nos a crer que os falantes com idade acima dos 50 anos em Tefé sofrem influências linguísticas devido à exposição a diferentes mídias, como por exemplo, acesso a canal aberto e fechado de televisão e ainda a interação em redes sociais.

6) Optam pela forma canônica, homens ou mulheres?

Assim como acontece com os fatores sociais acima descritos, em nossa pesquisa, chegamos à conclusão que o sexo do falante pode influenciar no uso das formas não canônicas

na fala, muito embora seja importante notar que a relação sexo e variação é complexa e sujeita a muitas variações individuais e contextuais e isso foi identificado em nossa pesquisa.

Não há uma generalização precisa ao afirmar que as mulheres utilizam mais as formas não canônicas, muito embora, a em nosso resultado, são as mulheres que fazem o maior uso da forma não canônica do que os homens, contudo é importante com isso evitar certos estereótipos linguísticos baseados no gênero, visto que, conforme citado acima, a variação é influenciada por uma variedade de fatores incluindo o contexto cultural e individual.

Em nosso estudo sugerimos que esse resultado esteja muito relacionado com as mudanças do papel social da mulher no município de Tefé, ou seja, a mulher moradora do município vem alcançando cada vez mais espaço na sociedade, levando a mudanças em seus papéis sociais. Isso inclui o empreendedorismo, a participação em cargos de liderança e o desenvolvimento de habilidades como artesã, produtora rural, pescadora etc.

Os dados da pesquisa não nos permitem conferir se as formas não canônicas estão em variação, o que nos impossibilita ainda perceber se estão em processo de mudança linguística, visto não estar entre os nossos objetivos tal levantamento. Não realizamos aqui um estudo sobre atitude linguística, que avalia a postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro (FROSI, FAGGGION e DAL CORNO, 2010 apud SILVA & AGUILERA, 2017). Situação que não nos permite também dizer se as formas não canônicas são prestigiadas ou estigmatizadas na comunidade de estudos

São muitas dificuldades encontradas por um pesquisador que se dedica ao estudo da língua. Manter o foco e conduzir a pesquisa até o seu término é uma tarefa difícil, visto os obstáculos encontrados durante o percurso. Manter o percurso traçado no início é uma dessas dificuldades, pois nos deparamos com várias questões paralelas ou complementares ao seu objeto de estudo, que requerem um posicionamento coerente e firme do pesquisador, pois são recorrentes as situações que nos afastam do caminho trilhado.

Mencionamos abaixo algumas limitações e desdobramentos que poderão ser realizados em estudos posteriores:

- (i) incluir no grupo de fatores sociais: localidade, profissão e ensino fundamental incompleto, maior ou menor aproximação com o pesquisador;
- (ii) realizar uma pesquisa numa comunidade de prática do município, como exemplo, o grupo de pescadores ou motoqueiros, profissões bem numerosas na localidade de estudo;
- (iii) maior tempo para realização da pesquisa;

(iv) realizar um estudo sobre o uso das formas “nós” e “a gente” na localidade, em razão da grande alternância desses termos na fala dos moradores.

(v) incluir moradores da zona rural, visto que são mais de cem comunidades rurais que pertencem ao município de Tefé.

Esperamos que esta dissertação possa servir de subsídio àqueles que queiram conhecer um pouco sobre o português do Estado do Amazonas, em especial do município de Tefé. A partir da realização deste estudo, estamos cada vez mais convencidos de que a língua é multifacetada, reflete as vivências dos seus falantes e de que por meio dos estudos sociolinguísticos é possível desconstruir a ideia do que é “certo” ou “errado” na língua, que leva ao cometimento do preconceito linguístico por aqueles que desconhecem que a dinamicidade da língua é ocasionada por fatores tanto internos quanto externos a ela e que não há aleatoriedade em fenômenos linguísticos.

Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, esperamos que este também sirva para reflexões em grupos de pesquisas em Sociolinguística, que somados a outros estudos dialetológicos e sociolinguísticos realizados na Amazônia, contribuirá para traçar o perfil, bem como o comportamento linguístico dos moradores do interior do Estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.
- ALVES, P.C.R; MAGALHÃES; S.R.G.P; VIAANA. S.V. A Variação na Concordância Verbal no Português Popular do Município de Lauro de Freitas na Região Metropolitana de Salvador-BA. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 59–77, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8077>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- AZEREDO José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: Publifolha/Instituto Houaiss, 2018.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BESSA, Eliana Costa; PINTO, Maria Leda. **Concepções de Linguagens e o ensino de Língua Portuguesa**. Revista Philologus, Ano 24, Nº 70. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2018
- BORBA, F. **Dicionário de usos do português do Brasil**. Ática. São Paulo: 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15, 61.
- BORTONI-RICARDO. **Manual de Sociolinguística**/Stella Maris Bortoni-Ricardo. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: Sociolinguistics. In: **PROCEEDING OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE**, 1964. 3 ed. Mouton, The Hague, 1966.
- BUTHERS, Christiane Miranda; DUARTE, Fábio Bonfim. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório. **Revista Diacrítica**, v. 26, n. 1, p. 64-88, 2012.
- CABRAL, Marina da Silva. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística**. Santa Catarina: UOX, revista acadêmica de Letras-português, 2014.
- CALVET, Louis-Jean **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. 2009. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense (UFF).
- CARVALHO, Hebe; FREITAS, Maylle; FAVACHO, Larissa. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020.
- CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: **ILARI, Rodolfo. Linguística Românica. 3ª edição**. São Paulo, Ática, 1999
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática**. Revista Diadorim, v. 10, 2011.
- COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. Domínios de Linguagem, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, I. B. **O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade de Campinas, 1990.
- COSTA, Raquel Maria da Silva. **A alternância das formas pronominais tu, você e o (a) senhor (a) na função de sujeito no português falado em Cameté – PA**. 2016. 391f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2016.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Difusão lexical: o estudo de caso do português brasileiro. Mendes, Oliveira, e Benn-Ibler. **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. Belo Horizonte. Faculdade de Letras, p. 209-218, 2001.
- CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo. Edição de bolso**. Cilene da Cunha Pereira (Org.). Rio de Janeiro: Lexicon; Porto Alegre: L&PM, 2017

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. LEXIKON Editora Digital Ltda, 2016

E SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo, Contexto, 2006

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A influência de fatores sociais na linguagem de adolescentes privados de liberdade. **Tabuleiro de Letras**, v. 13, n. 3, p. 112-133, 2019.

FARACO, Carlos Alberto; MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Estudos pré-saussurianos**. Vol 3 , 5ª edição, São Paulo, Cortez, 2011. p. 27-52

FERNANDO, Verônica Lima (2021). **A cidade e o patrimônio-o velho e o novo no contexto urbano e patrimonial de Tefé-AM**. UEA (Dissertação de Mestrado)

FERRAZ, P.; BARTHEM, R. **Estatística do Monitoramento do Desembarque Pesqueiro na Região de Tefé-Médio Solimões: 2008-2010**. Tefé: IDSM/MCTI, 2016

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Cesad-UFS, 2010.

FRETAG, Raquel Meister Ko. **Documentação sociolinguística [recurso eletrônico]: coleta de dados e ética em pesquisa**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

FRETAG, Raquel Meister Ko. **O "social" da sociolinguística: o controle de fatores sociais**. Revista Diadorim, v. 8, n. 1, 2011.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. **Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista**. Revista do GELINE, v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 2013

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. Abralín, 2001. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Tefé: IBGE, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial,[1972], 2008.
_. Principios del cambio lingüístico: factores sociales. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Gredos, 2006

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
LACERDA, Marcela Langa. **Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística Variacionista**. Revista do GEL, Revista do GEL.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Sintaxe gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Vigília, 1986

LOPES, C. R. DOS S.. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 14, n. 2, p. 405–422, 1998.

LOPES, CELIA REGINA DOS S. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 14, p. 405-422, 1998.

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 14. Ed. São Paulo: Cultrix. 1995.

LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador (variation in subject-verb agreement in the vernacular portuguese of Salvador)**. Estudos Linguísticos e literários, n. 52, 2015.

MAGALHÃES, Hugo Leonardo Pereira; CARVALHO, Hebe Macedo de. **Uso variável da concordância verbal em construções de voz passiva sintética na escrita de textos jornalísticos cearenses**. Revista de Letras, Fortaleza, v. 1, n. 40, p. 125-138, jan./jun. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo Parábola Ed., 2008.

MARGOTTI, Felício Wessling; MARGOTTI, Rita de Cássia Mello Ferreira. **Morfologia do português 2º período**. UFSC, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. Linguística-Conceptos básicos, 2008.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)**. 2013. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.

MARTINS, Germano F. (2010) **A alternância tu / você / senhor no município de Tefé, Estado do Amazonas**. Brasília: UnB (Dissertação de Mestrado).

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **A primeira pessoa do plural na fala de goiás**. Revista (Con) Textos Linguísticos, v. 11, n. 19, p. 145-166, 2017.

MEIRELES, Vanessa; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado (org.). **Variação e Ensino de Português no Mundo**. São Paulo: **Blucher**, 2022. 370 p. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/>. Acesso em: 06 ago. 2022.

MENDES, Ronald Beline. **Língua e variação**. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? O que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica conceituação e delimitação**. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 11-14, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. **Relevância das variáveis não linguísticas**. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 26-31, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender LABOV**. Ed. Vozes, 2002.

NARDELLI, Alex Junior dos Santos (2021). **Estudo socioestilístico da alternância pronominal entre nós e a gente no português falado no noroeste paulista**. UNESP (Dissertação de Mestrado).

NARO, Anthony Julius. **Dinamismo das línguas**. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 43-50, 2015.

OLIVEIRA, Bárbara Magalhães de. **O uso das orações relativas em editoriais de jornal: os tipos padrão e não padrão**. 2022. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**, v. 4, p. 33-42, 2004.

PEREIRA, Ivelã et al. " **O pirogue, nós aprendimo da mãe" e" agora nós mudemo o borscht": variação morfofonológica em comunidades rurais eslavo-brasileiras no sudeste do Paraná**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

PEREIRA, Ivelã. Cuidamo (s) e cuidemo (s): a variação morfêmica na p4 em verbos regulares de 1ª conjugação. **Revista Working Papers**, v. 2, n. 14, p. 49-71, 2014.

PEREIRA, Ivelã. O caso de–a–mo (s) versus–e–mo (s) e–e–mo (s) versus–i–mo (s): variação morfêmica ou especialização temporal?. **Caderno Seminal**, v. 30, n. 30, 2018.

PEREIRA, Ivelã; COELHO, Izete Lehmkuhl; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **Variação na concordância verbal de “nós” no presente e pretérito perfeito em verbos regulares de 1a e 2a conjugação: produtiva no sudeste paranaense?**. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 481-508, 2016.

PEREIRA, Ivelã; MARGOTTI, Felício Wessling. **Sobre onde nós ficuemo: mapeamento diatópico de um traço linguístico rural brasileiro**. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 8, n. 24, p. 221-250, 2018.

PRAIA, Ana de Nazaré Egas et al. (2020) **A variação do objeto direto anafórico na fala dos moradores do Município de Tefé-AM**. UEA (Dissertação de Mestrado).

QUEIROZ, K. O. **Transporte fluvial no Solimões: uma leitura a partir das lanchas Ajato no Amazonas**. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 23, n. 2, p. 322-341, ago. 2019. ISSN 2179-0892.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Centralidade periférica e integração relativizada: uma leitura de Tefé no Amazonas**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Elementos espaciais e centralidade periférica - o caso de Tefé no Amazonas. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 10, n. 23, p. 99-110, maio 2016. Semestral.

RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 279–292, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4245>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RIBEIRO, Manoel Pinto. **As dimensões da sociolinguística**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, v. 02, n.01, p. 110-124, 2003.

ROCHA, Fernanda Cunha Faria. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. 2009. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa, Belo Horizonte, Faculdade de Letras/PUC-MG.

ROMANO, Valter Pereira. **Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 1, p. 103-145, 2018.

RÚBIO, Cássio Florêncio. **A relevância de aspectos formais e funcionais em fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural no português do Brasil e de Portugal**. Revista de Letras, Fortaleza, n. 38, v. 2, jul./dez. 2019.

SALLES, Ana Cláudia de Moraes; SOUZA, Andréia Garcia de **A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In: Padrões Sociolinguísticos**. Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 227-230, jun. 2015. Semestral. Resenha

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. Fórum Linguístico, p. 187-207, 2011.

SANCHES, Romário Duarte; MOREIRA, Stella Trindade; RAZKY, Abdelhak. **Designações para riacho/córrego na região norte do Brasil**. EntreLetras, v. 9, n. 2, p. 466-479, 2018.

Santos Situba, N. dos, & Verri de Santana, P. (2017). **Mobilidade urbana no rio: o ir e vir das catraias do bairro do Abial ao centro da cidade de Tefé- Amazonas**. Revista Geonorte, 8(28), 145–160. <https://doi.org/10.21170/geonorte.2017.V.8.N.28.145-160>

SANTOS, Camilo Jaílton Martins dos et al. (2020) **A realização da vogal/o/em posição tônica no falar paulivense–zona rural (Amazonas)**. UFAM ((Dissertação de Mestrado)

SANTOS, F. S.; SANTOS, T. S. **Linguística formal e linguística do discurso: continuidades e rupturas teóricas**. Revista Linguística Rio, v. 2, p. 31-49, 2016.

SANTOS, Sandrielle Pessoa dos et al. (2016) **Tempo e espaço na Amazônia Colonial: da Vila de Ega a cidade de Tefé século XVIII e XIX**. UEA (Dissertação de Mestrado).

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000.

SEVERO, Cristine Gorski. **Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo**. Working Papers em Linguística, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 127-140, maio 2004. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo et al. SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **A variação da concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006. 165 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>

SILVA, I. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial**. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, Juliana da. **A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Rodrigo Alves. **Marcas diatópicas das variantes de cabra-cega e amarelinha: o que dizem os dicionários eletrônicos houaiss e aurélio e o alib?**. PERcursos Linguísticos, v. 6, n. 13, p. 90-105, 2016.

SOUSA, Valéria Viana. **A Variação na Concordância Verbal no Português Popular do Município de Lauro de Freitas na Região Metropolitana de Salvador-BA**. Porto das Letras, v. 6, n. 3, p. 59-77, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/portodasletras>>. Acesso em: 01 de jun, 2021

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. Ática, 1997.

TAVARES, Amanda Teixeira Pinho et al. (2021). **A concordância verbal e nominal em escolas públicas e particulares**. UFMG (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, Maria Alice. **Variação discursiva e gramaticalização: o controle de condicionamentos semântico-pragmáticos e o princípio da persistência**. Letrônica, v. 10, n. 1, p. 187-199, 2017.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3ª edição. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

WITTMANN, Luzia Helena *et al.* **Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações.** Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, p. 465-487, 1995.

APÊNDICES

A – DADOS COLETADOS/HOMENS

Identificação do informante: M6

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação
(NÓS)

1. Nós **casemo** em 93.
2. (nós) se **juntamo** eu e ela, né?
3. E (nós) **trabalhemo** lá, onde eu falei pra senhora.
4. **Passemo** um ano novo lá com eles.
5. Nós que trabalha assim,
6. nós ficava fazendo merenda eu e ela.
7. E já quando... **passemos** por um período

(A GENTE)

1. onde a gente morava, né
2. a gente estudava aqui
3. a gente planta uma roça,
4. a gente pesca,
5. É um dinheiro que a gente ganha rápido
6. foi um fato que a gente lembra
7. a gente trabalha visitando os idosos
8. a gente escuta a situação do paciente, né
9. E a gente também repassa

10. a gente falava sobre gravidez na adolescência, droga, né
11. o nome que a gente coloca lá, pra ficar esperando
12. E a gente trabalha, como eu falo, com promoção de saúde palestrada no colégio

Dados da 2ª conjugação
(NÓS)

1. Aí nós **fizemos** um posto que era posto Santa Luzia
2. 2. Nós **tínhamos** um lote de vacina que tá
3. 3. porque nós somos da igreja e é até vergonhoso sair grávida

(A GENTE)

1. a gente vende uma verdura
2. se a gente não fizer, se esperar só do trabalho
3. A gente teve uma época que não tinha segurança
4. Agora (ter) **temos** o gerente, né?
5. a gente possa fazer um bom trabalho.
6. a gente não sabe o que acontece lá

7. 1A gente recebe aquilo da pessoa
8. a gente tem que estar sempre atento para os nossos filhos,
9. E porque a gente é humilde, né?
10. É, não tem como a gente resolver.
11. Então a gente tem as dificuldades

OBJETO DE ESTUDO

1. Nós **casemo** em 93. se **juntamo** eu e ela, né?
2. E (nós) **trabalhemo** lá, onde eu falei pra senhora.
3. **Passemo** um ano novo lá com eles.
- 4.

Identificação do informante: M4

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação
(NÓS)

1. onde nós toma banho, se diverte bacana

(A GENTE)

1. a gente joga vôlei, se diverte.

2. Porque a gente morava alugado.
3. A gente encaminhou para lá, né?
4. A gente frequentava aquela igreja missionária da restituição.
5. A gente já se apresentou no evento do cangaço
6. Se eles convidam, a gente aceita, né?
7. A gente leva com alguns pares e se apresenta.

Dados da 2ª conjugação
(NÓS)

Sem ocorrência
(A GENTE)

1. Agora a gente tem um evento marcado dia 24 de junho
2. A gente tinha, né?
3. Sim, a gente tem um cachorro.
4. A gente tinha um, mas infelizmente morreu.
5. Porque, tipo assim, a gente era um grupo, né?

Identificação do informante: M3

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação
(NÓS)

1. Nós nos **casemos** em 2007

(A GENTE)

1. a gente encontrou ela morta já.
2. A gente já encontrou ela morta.
3. Na verdade a gente ama, né?
4. A gente ficou, acho que umas cinco a seis anos,
5. Assim, junto. Depois **casamos**.

Identificação do informante: M4

Gênero: Masculino

Dados da 2ª conjugação
(NÓS)

2. Nós nos **casemos** em 2007

(A GENTE)

6. a gente encontrou ela morta já.
7. A gente já encontrou ela morta.
8. Na verdade a gente ama, né?
9. A gente ficou, acho que umas cinco a seis anos,
10. Assim, junto. Depois **casamos**.
11. Só mudou que a gente passava ali pela Rua do Sambão, né?
12. Então a gente mudou para cá, para Buriti.
13. É, a gente está assim afastado, mas eu...

Dados da 2ª conjugação
(NÓS)

sem ocorrência
(A GENTE)

1. Uhum. aquela rota mesmo que a gente fazia
1. Agora a gente tem um evento marcado dia 24 de junho
2. A gente tinha, né?
3. Sim, a gente tem um cachorro.
4. A gente tinha um, mas infelizmente morreu.
5. Porque, tipo assim, a gente era um grupo, né?

OBJETO DE ESTUDO

1. Nós nos **casemos** em 2007

Identificação do informante: Guilherme

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação
(NÓS)

Sem ocorrência
(A GENTE)

1. Aí, a gente sai aqui pra rua
2. A gente **fiquemo** num...
3. ... A gente pega uma estrada e vai embora.
4. ... a gente tem que dar o nosso jeito de criar o nosso...
5. esses negócios a gente tem que criar um tipo de mascote.
6. E a gente cria com
7. A gente gosta de... de... adorar, né?
8. ... e a gente também gosta mais de... de... de...
9. Assim, a gente... tipo, as pessoas que não gostam de ser apelidadas, né?
10. Só que a gente eu saí de lá porque

Dados da 2ª conjugação
(NÓS)

1. E agora, nós temos bem oito professores, eu acho.

(A GENTE)

1. A gente escolheu um... bisouro.
2. Aí fizemos o mascote
3. A gente fez...
4. a gente fez um tipo de apresentações
5. A gente não aprendeu quase nada. Aí... Tá aí.
6. A gente não entendemos quase nada, né?

OBJETO DE ESTUDO

1. A gente **ficuemo** num...

Identificação do informante: M6

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação

(NÓS)

1. Tinha na época que nós morávamos lá,
2. Enquanto nós ficávamos estudando
3. Nós estamos já com 15 anos juntos.
4. Nós ficamos em 2007, eu acho.
5. Nós ficamos juntos em 2007
6. Quando nós morávamos no interior, que
7. Nós trabalhamos no período da noite.
8. Não, nós trabalhamos por escala.
9. atravessamos rápido
10. Nossa escala, trabalhamos uma noite e folgo duas

(A GENTE)

1. como a gente atravessa constantemente,
2. de vez em quando a gente atravessava na catraia dele
3. Passamos de quatro anos ainda juntos e separamos.
4. a gente sempre lidava com pessoas de todo tipo
5. a gente não usa nenhum armamento de fogo
6. .a gente foi dar uma volta de moto em Alvarães.
7. A gente foi passear em Alvarães, que ele queria conhecer,
8. uma hora a gente dar certo e

Dados da 2ª conjugação

(NÓS)

1. Nós somos bastante irmãos,
2. nós somos bem uns 10.
3. nós somos só quatro
4. Aí nós **crecemo** lá. Na agricultura, né?
5. Não, nós vendíamos para...
6. Não tivemos filho, não
7. Tinha, (nós) tivemos contato, sim

(A GENTE)

1. Sim, a gente conhecia de vista.
2. E o rapaz, a gente conhecia mais porque ele era catraieiro
3. Ou seja, a gente tinha uma travessia
4. Aí a gente já vendia a produção e comprava o rancho.
5. O regatão que a gente conhecia pela época.
6. Praticamente a gente não via dinheiro,
7. às vezes hoje a gente tem uma correria tão intensa
8. e lá a gente vivia assim numa tranquilidade total
9. Não, a gente não tem mais contato, não.
10. a gente tem bastante ocorrência de delitos
11. E hoje a gente faz parte desse meio

Identificação do informante: F2

Gênero: Masculino

Dados da 1ª conjugação

(NÓS)

Sem ocorrência

(A GENTE)

1. Uma semana de cada mês a gente retira pra fazer um churrasco
2. A gente passou a morar juntos uns seis meses
3. Lá a gente trabalhou,
4. dava pra gente tirar o pão de cada dia.
5. Sempre que tem festa aqui, a gente tá um mês lá.
6. A gente fala pra ele que estava até amanhecido o cara.

Dados da 2ª conjugação

(NÓS)

Sem ocorrência

(A GENTE)

1. A gente tem que pensar em ter algo a mais,
2. A gente é de uma família muito humilde.
3. aí a gente queria uma coisa a mais pra gente
4. a gente tem essa união
5. a gente, graças a Deus, tem muito que gabar
6. A gente foi fazer a limpeza, foi só três meses
7. que a gente não podia estar tumultuado,
8. mas a gente vendia churrasco com a minha cunhada lá,
9. É isso que a gente tem para falar

B – DADOS COLETADOS/MULHERES**Identificação do informante: F5****Gênero: Feminino****Dados da 1ª conjugação****(NÓS)**

1. (nós) terminamos
2. nós estudarmos
3. (nós) Namoramos
4. (nós) separamos
5. (nós) voltamos de novo.
6. (nós) Passamos
7. Nós namoramos,
8. nós passamos
9. nós separamos.
10. nós já tava separado.
11. (nós) voltamos novamente.
12. nós passamos seis meses
13. nós se juntamos.
14. Nós cuidamos deles
15. foi nós que colocamos
16. que nós colocamos
17. (nós) vamos comprar militos
18. (nós) vamos comprar isso

(A GENTE)

1. A gente estudava
2. a gente morava
3. a gente deixou aí
4. a gente sempre está em parceria

5. gente levou todas
6. A gente estava
7. a gente não anda

Dados da 2ª conjugação**(NÓS)**

1. nós temos que reivindicar
2. nós temos que ir

(A GENTE)

1. a gente teve uma reunião
2. que a gente vê passar
3. a gente tem ambulância
4. gente teve uma audiência
5. A gente vê
6. e a gente tem que aprender
7. a gente teve uma reunião

OBJETO DE ESTUDO

1. Nós **começemo** a namorar
2. Aí **passemo** um ano separados
3. Depois de seis meses juntos nós se **casemos**.
4. Aí um tempo desse nós **passemo** um ano

Identificação do informante: F1**Gênero: Feminino****Dados da 1ª conjugação****(NÓS)**

1. Nós fala muito
2. Aí nós **deitemos**

(A GENTE)

1. a gente só foi para
2. A gente tava explicando
3. a gente deixava lá.
4. A gente estudou
5. A gente coloca a
6. a gente "coza" na peneira
7. A gente pega,
8. a gente "coza"
9. que a gente colocava
10. A gente faz sempre
11. A gente sabia
- 12.

Dados da 2ª conjugação**(NÓS)**

1. Ainda não **fizemo** não isso aí né?
2. Nós não temos cachorro

(A GENTE)

1. a gente fica mexendo
2. Quase a gente não entende

OBJETO DE ESTUDO

1. aí ela pediu pra deitar, aí nós **deitemos** ela

Identificação do informante: F2

Gênero: Feminino

Dados da 1ª conjugação**(NÓS)**

1. (nós) **Nascimo**
2. (nós) se **criemo** aqui
3. E estamos se virando
4. já e assim nós **tamo** Aí
5. (nós) Votemos no Lula
6. (nós) vamos votar de novo
7. (nós) Vamos votar quando esse candidato
8. 14 reais nós **cheguemo** a comprar

(A GENTE)

1. Mas a gente está levando
2. a gente trabalha
3. gente leva a vida como pode
4. a gente se **juntemo**
5. A gente **coloquemo**
6. aí foi que a gente acabou
7. que a gente não espera
8. A gente não deseja a morte
9. Hoje a gente tá comprando
10. A gente pode comprar
11. a gente pode ir lá
12. A gente pergunta
13. A gente tá votando
14. A gente chorava
15. a gente participava
16. a gente brincava
17. a gente ainda ficou estudando
18. Só que aí a gente desistiu

19. A gente retornemos de novo
20. em 2016 a gente desistiu
21. Aí a gente parou de ver de estudar
22. No meio do ano a gente desistiu
23. , 2016 a gente **fiquemo** junto
24. A gente **retornemo**

Dados da 2ª conjugação**(NÓS)**

Sem ocorrência

(A GENTE)

1. O que a gente faz
2. a gente vive
3. a gente tem...
4. A gente tem a
5. A gente tem uma casinha
6. que a gente tem que
7. a gente não depende de prefeitura
8. a gente depende da fé
9. Antigamente a gente tinha infância
10. Então a gente só tem que
11. a gente não pode tá indo

OBJETO DE ESTUDO

1. (nós) se **criemo** aqui
2. (nós) **Votemo** no Lula
3. 14 reais nós **cheguemo** a comprar
4. a gente se **juntemo**
5. A gente **coloquemo**
6. 2016 a gente **fiquemo** junto
7. A gente **retornemos** de novo
8. (nós) **ascimo**

Identificação do informante: F4

Gênero: Feminino

Dados da 1ª conjugação**(NÓS)**

1. e a gente morava lá no sítio.
2. Não, primeiro a gente morou Lá em Nogueira,
3. A gente não se suportava desde o Fundamental.
4. No passado que a gente dançou carimbo.

(A GENTE)

Sem ocorrência

Dados da 2ª conjugação**(NÓS)**

Sem ocorrência

(A GENTE)

1. A gente quase não tem tempo
2. E a gente teve que ficar.

Identificação do informante: F3

Gênero: Feminino

Dados da 1ª conjugação**(NÓS)**

1. Aí ficamos só oito, oito irmãos.
2. Aí ficamos lá,
3. nós moráva no terreno do seu Américo
4. Aí foi, nós separemos também, que eu já tinha minhas filhas.
5. Cheguemo ontem, fui fazer uma farinha, né?.,
6. e nós planta juntos.
7. aí nós planta no terreno dos vizinhos,

8. Aí (nós) **pesquemo, pesquisemo, e pesquisemo.**
9. , nós Travessemos a ressaca. Já a ressaca grande, né?
10. Aí nós demos pra remar.
11. Quando pensarmos que não. 12. E nós rima e nós rima. (remar)
12. Aí eu sei que nós escapemo
13. Nós tava na boca da ressaca

(A GENTE)

1. A gente torce que tudo dê certo, né?
2. a gente ganhava também

Dados da 2ª conjugação (NÓS)

1. Nós **vivimo** juntos
2. Nós somos quatro irmãos que tem uns terrenozinhos
3. Agora pra roça, nós somos três
4. Nosso terreno são pequeno
5. o Senhor dá força pra nós vencer, né?
6. (nós) **trazemo** pro outro lado.

(A GENTE)

1. A gente vê eles tirando os cocos, laranja.
2. Antes a gente fazia, mas agora não, a gente faz fogo e taca logo
3. Porque quando era criança a gente fazia isca de pão.
4. A gente faz de tribo para pegar pacu.
- 5.

OBJETO DE ESTUDO

1. Aí **fiqemos** só oito, oito irmãos”
2. Aí foi, nós **separemo** também
3. **Cheguemo** ontem
4. Aí nós **pesquemo, pesquisemo, e pesquisemo,**
5. Nós **travessemos** a ressaca.

6. Quando **pensem** que não.
7. eu sei que nós **escapemo**
8. Nós **vivimo** juntos

Identificação do informante: F6**Gênero: Feminino****Dados da 1ª conjugação (NÓS)**

1. Quando nós **cheguemos** aqui, so era mato por dentro da casa.
2. Aí **ficamos** aqui.
3. Que é aqui que nós **vamu** viver.
4. Nós gostava. Ixi, nós tudinho
5. nós táva separado, mas na mesma casa.
6. Não, nós **começemos**. Tá, nós três aqui bebendo.
7. Nós tem que pegar esse ônibus
8. Aí nós **peguemos** o ônibus
9. **Cheguemos** lá na empresa lá
10. Aí nós **sentemo** lá no estúdio 5.
11. Nós já tamos aqui
12. . (nós) Almoçamos lá.
13. para nós comprar ver o celular
14. porque nós tamo sendo é besta.
15. Só que o Davi, nós **encontremos** com a mãe dele em tal canto.
16. nós tamu indo para lá.
17. Primeiro no Edilson, que a gente almoçou lá no Edilson.
18. Aí chegamos lá,
19. **almoçemos** lá.
20. (nós) Tomamos banho lá .. aham
21. Nós voltamos, acho que eram mais seis e pouco.
22. Nós **cheguemos** aqui sete horas.
23. Aham, (nós)tomamos banho. Água gelada

24. Haram, (nós) Tomamos.
25. (nós) Tomamos banho aqui também

(A GENTE)

1. desde lá a gente ficou aqui
2. gente já ficou aqui.
3. e a gente ficou...
4. Logo que a gente chegou,
5. a gente passou por uma situação
6. Aí como a gente não ficou
7. a gente ainda morava lá no.
8. A gente morava lá.
9. A gente chamava primeiro aquelas pontizinhas
10. Ali era tão legal, mana, que a gente morava ali,
11. lá em Manaus pra gente morar lá.
12. Mamãe, a gente tá acordando três horas
13. a gente brigou feio,
14. A gente frequentava a festa da castanha,
15. . A gente pega o ônibus ali.
16. Mana, com quem a gente cobrou foi de João Paulo
17. Isso, aí a gente falou pra ele sobre essa rua aí
18. E a gente não pode deixar nem as nossas crianças
19. Aí uma vez a gente tava bebendo
20. depois a gente conversa
21. mana, a gente passa o dedo em cima e pega.
22. A gente dá conselho.
23. A gente almoçou lá
24. Aí a gente tirou até uma foto.
25. Aí a gente parou lá no...
26. a gente chegou era mais seis e pouco.
27. A gente apanhou aqui essa ingazinha
28. Eu não sei se a gente tirou foto

29. A gente passou o dia andando por aí

Dados da 2ª conjugação (NÓS)

1. não, nós **temo** que acostumar ele aqui
2. E é nós que sofre
3. Aí um dia nós **bebemos**, aí tá. Aí
4. nós que somos clientes.
5. Nós somos amigas

(A GENTE)

1. Mas a gente nunca viu a mãe brigar
2. A gente nunca viu a minha mãe discutir
3. A gente não conseguiu vender
4. disse se a gente quiser levar alguma coisa
pra assar
5. a gente nem sabia
6. A gente ficava comendo, assim, no fogo da
lenha
7. senão a gente tinha trago pra assar aqui.
8. a gente tem que ser a coisar a verdade
9. A gente quer cliente
10. A gente come o
11. que a gente pode.

OBJETO DE ESTUDO

1. Quando nós **cheguemo**
2. Não, nós **comecemos**
3. Aí nós **peguemos**
4. Cheguemos lá na empresa lá.
5. Aí nós **sentemo** lá
6. Aí **chegamos** lá, **almocemos** lá
7. Nós **cheguemos** aqui sete horas.
8. Só que o Davi, nós **encontremos**

C - SUBSÍDIO PARA A ANÁLISE LINGUÍSTICA

Informante	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo		Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de Realização do pronome
Informante 2: Moradora do bairro Juruá, tem 26 anos (2ª faixa etária) e seu grau de escolaridade e: Ensino Fundamental Completo.	1. “Aqui em Tefé mesmo lá em Fonte Boa nascimo ese criemo aqui e a gente vive, até hoje” 2. “a gente se juntemo e 3. “estamos juntos até hojea gente coloquemo uma casinha ali atrás” 4. “ Votemo no Lula e vamos votar de novo, vamos votar quando esse candidato tá de novo” 5. “14 reais 14 reais nós cheguemo a comprar e aquina cidade”.	1. Criemo (criar)	Passado		apagado	Não há	Sujeito não preenchido
		2. Juntemo	Passado		Apagado	Não há	a gente
		3. Coloquemo	Passado		Apagado	Não há	a gente
		4. Votemo	Passado		Apagado	Não	Sujeito não preenchido
		5. Cheguemo	Passado		Apagado	Não	nós
		6. Retomemo	Passado		Apagado	Há	A gente
		7. Fiquemo	Passado		Apagado	Há	A gente

	6. “Já, aí em 2016, a gente retornemo de novo pra escola”.					
	7. “em 2016, em 2015, 2016 a gente fiquemo junto, mas é assim e assim a gente vai”					
Informante 1	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo	Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de realização do pronome
Moradora do bairro São José, tem 16 anos (1ª faixa etária) e seu grau de escolaridade é: Ensino Fundamental Completo (1 a 9 anos de escolarização)	“aí nós deitemos ela e eu fiquei olhando ela”	8. deitemos	Passado	Não apagado	Não há	Nós
Informante 3	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo	Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de realização do pronome
Moradora do bairro São João, tem 56 anos (3ª faixa etária).	“Ainda não era ainda. Aí fiquemos só oito, oito irmãos”	9. fiquemos	Passado	Não apagado	Não	Sujeito não preenchido

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo	“Aí foi, nós separemos também, que eu já tinha minhas filhas”	10. Separemos	Passado	Não apagado	Não	nós
	“ Cheguemo ontem, fui fazer uma farinha, né?”	11. Cheguemo	Passado	Apagado	Há (ontem)	Sujeito não preenchido
	“Aí nós pesquemo , pesquemo,	12. pesquisemo	Passado	Apagado	Não	nós
	“ pesquemo ”	13. Pesquisemo	Passado	Apagado	Não	Sujeito não preenchido
	“ pesquemo , trazemo pro outro lado”	14. Pesquisemo	Passado	Apagado	Não	Sujeito não preenchido
	“Em vez de nós ir pra beira, não, nós travessemo a ressaca”	15. Atravessemo	Passado	Apagado	Não	nós
	“Quando pensemos que não. Saiu aquela bolha desse tamanho”	16. pensemos	Passado	Apagado	Há (quando)	Sujeito não preenchido
	“Aí eu sei que nós escapemo ”	17. Escapemo	Passado	Apagado	Não há	nós
Informante 5	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo	Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de realização do pronome
Moradora do bairro de Nossa Senhora de Fátima, tem 47 anos. Grau de	“Nós começemo a namorar, namoramos, separamos e voltamos de novo”	18. Comecemo	passado	Apagado	Não	nós

escolaridade: Ensino Médio Completo.						
	“nós passamos três anos namorando. Aí depois dos três nós separamos. Aí passemos um ano separados”	19. passemos	Passado	Apagado	Há	Sujeito não preenchido
	“Depois de seis meses juntos nós se casamos ”	20. casamos	Passado	Não apagado	Há	nós
	“Aí um tempo desse nós passemos um ano 2021 e 2022 um ano meio complicado”.	21. passemos	Passado	Apagado	há	Nós
Informante 6	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo	Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de realização do pronome
Moradora do bairro de Santa Teresa, tem 50 anos. Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo.	“Tá lá abandonado. Quando nós cheguemos aqui, só era mato por dentro da casa”.	22. chegemos	Passado	Apagado	Há (quando)	nós
	“Não, nós comecemos . Tá, nós três aqui bebendo”	23. começemos	Passado	Não apagado	Não há	nós
	“Aí nós peguemos o ônibus. bora de ônibus queé pra te saber...”	24. peguemos	Passado	Não apagado	Não há	nós

	“ Cheguemos lá na empresa lá. Onde o Edvan ia trabalhar”	25. chegemos	Passado	Não apagado	Não há	Sujeito não preenchido
	“Aí fomo embora. Aí nós sentemo lá no estúdio 5”	26. sentemo	Passado	Apagado	Não há	Nós
	“Aí chegamos lá, almocemos lá. E de lá a gente foi lá pro sítio do colega”	27. almocemos	Passado	Não apagado	Não há	Sujeito não preenchido
	“Nós voltamos, acho que eram mais seis e pouco. Nós cheguemos aqui sete horas.”	28. chegemos	Passado	Não apagado	Há	Nós
	“Só que o Davi, nós encontremos com a mãe dele em tal canto.”	29. encontremos	Passado	Não apagado	Não há	Nós

Informante	Objeto de Estudo	Item lexical	Tempo	Apagamento ou não do -s	Elementos Adverbiais de tempo	Formas de realização do pronome
Informante 1 14 anos Ensino Fundamental Incompleto	“A gente fique mo num... Eu me esqueci o nome do... Eu sei que não é não é em Manaus.”	30. Fiquemo	Passado	Apagado	Não há	A gente
Informante 3 52 anos Ensino Fundamental I	“Nós nos casemo em 2007”	31. Casemos	Passado	Não apagado	Há (2007)	Nós
Informante 6	E já quando... passemos por um período, que eu fui pra outro lado, pra uma ilha chamada boarazinho”	32. Passemos	Passado	Não apagado	Não há	Sujeit o não preenc hido
	“Nós casemo em 93. se juntamo eu e ela, né?”	33. Casemo	Passado	Não apagado	Há (93)	Nós

D – PERGUNTAS DE PESQUISA

Perguntas de Pesquisa

1. Há quanto tempo você e sua família moram nesse lugar?
2. Sempre moraram aqui? (se sim, gostam de morar aqui?). (se não, onde e por que voltaram?) Há quanto tempo chegaram aqui?
3. Como foi a sua infância e a de seus irmãos no bairro?
4. Em seu bairro, escola, ou trabalho, já aconteceu algo que chamou atenção de você e de sua família? Se sim, o que vocês fizeram para resolver ou lidar com a situação.
5. Já sofreram roubos, furtos ou assaltos no seu bairro? Se sim, procuraram a delegacia, o que fizeram?. Se não sofreram, lembram-se de algum acontecimento que chocou a cidade?
6. Houve alguma tragédia em sua família? Se sente confortável em falar sobre isso? Se sim, quais providências foram tomadas, a fim de buscar justiça?
7. Em relação ao deslocamento da sua casa até o centro da cidade ou a outro lugar, como é feito? Diga qual o trajeto é feito do seu bairro até o centro da cidade, é possível ir a pé?
8. Já sofreram algum acidente de trânsito?
9. Você e sua família já viajaram para o interior do município de Tefé/
10. Quais comunidades ou cidades vocês conhecem? Contam-me a experiência de vocês.
11. Enfim, o que vocês mais gostam de fazer no local onde mora? (festas, atividades de lazer, opções de comida)
12. Você e sua família, ou outras pessoas, costumam ir para festas ou outras atividades de lazer fora da comunidade onde você mora? (se sim, por quê?)
13. Qual a religião sua e da sua família? Quais as principais atividades da igreja que vocês frequentam?
14. Sobre a Festa da Castanha, Aniversário da Cidade, Festival Folclórico, Festa do Divino, vocês costumam ir? Gostaram?
15. Você poderia relatar mais experiências vividas na comunidade (tragédias, momentos felizes) e sobre sua vida pessoal e de sua família (saudades, ternura, tragédias)?

Observações importantes:

1. Incluir brincadeiras de antigamente e de hoje ou temas mais leves , para deixar o entrevistado relaxado.
2. Se você sentir q há condições, também pode propor que falem sobre temas mais COMPLEXOS. A complexidade temática pode deixar o entrevistado envolvido pelo tema e, de certa maneira, menos preocupado com o MODO de expressão. Q temas caberiam neste caso? Responsabilidade social, queimadas na Amazônia, escassez de água no mundo, acessibilidade, meios de comunicação, fome no planeta... (olhe para fora da nossa terra, olhe para questões globais).
3. Por fim, peço q tente usar, quando possível, VOCÊS na pergunta para suscitar o uso de nós (ou de a gente) nas respostas. Tal como * Quando você conversa com sua família e amigos, VOCÊS falam sobre o que pode ser mudado (ou melhorado) na cidade?

E – FICHA SOCIAL - MODELO

Pesquisa Sociolinguística

Pesquisadora: Larissa Marine Terdolino da Silva

Ficha social do informante

Local da gravação: _____ Data: ___/___/___

Código do arquivo de áudio _____

INFORMANTE:

Escola: _____

Serie/turma: _____ Turno de aula: _____

Nome completo: _____

Apelido (se tiver): _____ Estado civil: _____

Zona de residência: rural urbana

Rua: _____ Bairro: _____

Município: _____ Telefone (para contato): _____

Coordenadas geográficas: _____ Local de nascimento: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Trabalha atualmente? _____

Escolaridade: _____

Outras atividades:

Já viajou? Sim Não

permaneceu pouco permaneceu muito

Lugares que visitou:

Morou por mais de um ano em outro município? Sim Não

Nome do(s) lugar(es) em que morou:

Prestou Serviço Militar? Sim Não Cidade em que prestou Serviço Militar:

Ouve rádio? sim não Quais emissoras? _____

Programa(s) preferido(s)?

Vê televisão? Sim Não Quais canais?

Programa(s) preferido(s)

Tem habito de ler? Sim Não Que tipo de leitura?

Está inserido nas redes sociais? Sim Não Quais?

Participa de algum grupo religioso? Sim Não Qual?

Participa de algum outro grupo (associação de bairro, coletivo, etc.)? Sim Não
Qual?

DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

Em que município nasceu ou morou por mais tempo?

a) o pai nasceu: _____ morou: _____

b) a mãe nasceu: _____ morou: _____

INDICAÇÃO DE OUTRO INFORMANTE:

Nome:

Grau de proximidade: Grau 1 Grau 2 Grau 3 Grau 4 Grau



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VARIAÇÃO NOS VERBOS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO NA FALA DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ - MÉDIO SOLIMÕES

Pesquisador: LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA

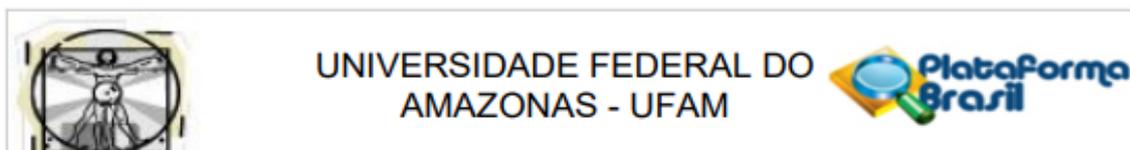
Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64076422.3.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.792.490

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_menores.pdf	23/11/2022 22:49:55	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/11/2022 22:49:20	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
Outros	Confidencialidade_Roteiro.pdf	16/08/2022 13:17:00	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesquisadores.pdf	16/08/2022 13:12:40	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Carta_de_encaminhamento_cep.pdf	16/08/2022 13:06:49	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	16/08/2022 12:59:45	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito
Folha	Situação do Parecer: Aprovado			Aceito
	Necessita Apreciação da CONEP: Não			

MANAUS, 04 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja APROVADO, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012 e Res. 510.

É o parecer

Considerações Finais a critério do CEP:

O(A) pesquisador(a) deve enviar por Notificação os relatórios parciais e final. (item XI.d. da Res 466/2012-CNS), por meio da Plataforma Brasil e manter seu cronograma atualizado, solicitando por Emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1945593.pdf	23/11/2022 22:54:18		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	23/11/2022 22:51:04	LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU
RESPONSÁVEIS LEGAIS

O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **VARIAÇÃO NOS VERBOS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO NA FALA DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ - MÉDIO SOLIMÕES**, cujo pesquisador responsável é **LARISSA MARINE TERDULINO DA SILVA**. Os objetivos do projeto são **analisar e descrever a fala cotidiana dos moradores do município, observando as características regionais no que diz respeito ao uso dos verbos nas narrativas de experiências pessoais**.

O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado por que é morador(a) e residente do município de Tefé, sendo esta a principal exigência desta pesquisa. Ademais, atende a outros critérios estabelecidos por esta coordenadora, como a escolha do sexo, sua escolaridade, profissão e idade, dimensões que darão subsídios para o bom desenvolvimento e resultado desta investigação linguística.

O(A) Sr(a), tem de plena liberdade de recusar a participação do seu(sua) filho(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que ele(a) recebe neste serviço, que será realizado em sua residência ou em outro lugar sugerido pelo (a) senhor (a).

Caso autorize, a participação do seu(sua) filho(a) consiste em responder a uma entrevista sociolinguística a ser realizada pela coordenadora da pesquisa, em que, de forma dialogada e descontraída, será coletada pelo a fala espontânea, cotidiana do seu (a) filho (a), por meio um gravador de voz, tudo com bastante cuidado, educação e respeito. A duração da conversação será de aproximadamente 01 (uma) hora. Para que isso aconteça, solicitamos autorização para o registro da fala do seu (a) filho, visto que esta será o material a ser descrito e analisado.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação de (a) seu (a) filho (a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, contudo, podem ocorrer possíveis riscos e desconfortos gerados especificamente durante a pesquisa, como por exemplo: algum possível constrangimento, invasão de privacidade, discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado, divulgação de dados confidenciais, exposição da imagem, exposição de informações pessoais, além da abordagem da entrevista vir a causar constrangimentos ou trazer à memória experiências ou situações vividas que causam sofrimento psíquico, perda de tempo.

No caso específico desse estudo, se ocorrer riscos de ordem emocional ou psicológica, estes, desde que comprovados mediante avaliação médica, serão sanados

Rubricas _____ (Responsável Legal)

Página 1 de 3

_____ (Pesquisador)



através de atendimento psicológico, providenciado pelo próprio pesquisador sem qualquer ônus, de forma que não lhe ocasione qualquer dano ou constrangimento. Ademais para evitar tais riscos, os dados levantados durante a pesquisa ficarão sob responsabilidade exclusiva do Coordenador do projeto de pesquisa.

Também são esperados benefícios com esta pesquisa, que podem ser diretos e indiretos. Diretamente, a participação de (a) seu (a) filho (a) estará contribuindo para a constituição de um banco de dados sociolinguísticos e, indiretamente, a participação - por meio de seus dados linguísticos sobre a fala cotidiana dos moradores do município de Tefé - no que diz respeito às formas verbais, contribuirá significativamente para conhecimento do panorama linguístico do estado do Amazonas.

Se julgar necessário, o(a) **Sr(a)** dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao seu(sua) filho(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, sob a responsabilidade da coordenadora da pesquisa.

Também estão assegurados ao(à) **Sr(a)** o direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa, seu filho(a).

Asseguramos ao seu(sua) filho(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário.

Garantimos ao(à) **Sr(a)** a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) **Sr(a)**, pode entrar em contato com o pesquisador responsável Larissa Marine Terdulino da Silva, a qualquer tempo para informação adicional no endereço Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005 e também pelo endereço eletrônico: larissa.silva@ufam.edu.br.

O(A) **Sr(a)**, também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 - Adrianópolis - Manaus - AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br.

O CEP/UFAM é um colegiado **quadr** e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Rubricas _____ (Responsável Legal)

Página 2 de 3

_____ (Pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) **Suj(a)**, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu(minha) filho(a) participe desta pesquisa.

Tefê. ____ / ____ / ____

Assinatura do Responsável Legal



Assinatura do Pesquisador Responsável